



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA CAMPUS DE
ROLIM DE MOURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA
NATUREZA -PPGECCN

HARYSSA KEYKO MINE

APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA
ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E
SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

JI-PARANÁ / RO

2022

HARYSSA KEYKO MINE

**APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA
ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E
SEXUALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Natureza-PPGECN, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências da Natureza.

Linha de Pesquisa: Formação Docente, culturas, saberes e práticas das territorialidades e diversidade da Amazônia,

Orientadora: Prof. Dra. Adriane Pesovento.

JI-PARANÁ /RO

2022

Catálogo da Publicação na Fonte
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

M664a Mine, Haryssa Keyko.

Aprendi na vida, mas poderia ter aprendido na escola: narrativas sobre Educação Sexual por egressos do ensino médio / Haryssa Keyko Mine. - Porto Velho, 2022.

115f.: il.

Orientador: Adriane Pesovento.

Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza, Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Biologia. 4. Ensino Médio. 5. Alunos(as)-protagonistas. I. Pesovento, Adriane. II. Título.

Fernando Pessoa (BS05)

CDU 613.88



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA - ROLIM DE MOURA

ATA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezanove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte dois, às 19:00, reuniu-se por meio digital, via *google meet* pelo link: <https://meet.google.com/vwz-vqvf-cvn>, a banca examinadora designada pela Portaria Nº 172/2022/CRM/UNIR /2022/CRM/UNIR, constituída pelos professores: Prof.ª Dr.ª Adriane Pesovento, (Orientadora - Presidente), Prof.ª Dr.ª Carmem Lúcia Brancaglioni Passos (UFSCAR), Prof. Dr. Sérgio Candido de Gouveia Neto (PGEEN/UNIR) e Profa. Dra. Cristiane Talita Gromann de Gouveia (PGEEN/UNIR) em substituição à Profa. Dr.ª Kachia Hedeny Téchio (PGEEN/UNIR) para o Exame de Defesa de Mestrado de Haryssa Keiko Mine, com a dissertação intitulada: APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO. Inicialmente a presidente cumprimentou à todos e comunicou o tempo de apresentação. A apresentação iniciou-se às 19h00min, e foi concluída às horas e min. Após a apresentação, os membros da Banca Examinadora arguiu a mestranda. A arguição terminou às 21 horas. Em seguida, a banca deliberou reservadamente, e decidiu ela **APROVAÇÃO** da mestranda no Exame de Defesa, como versa o regimento do PGEEN. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 21horas e 03min. Eu, Prof.ª Dr.ª Adriane Pesovento, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelas demais membros da banca.



Documento assinado eletronicamente por **ADRIANE PESOVENTO, Docente**, em 19/12/2022, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **SERGIO CANDIDO DE GOUVEIA NETO, Docente**, em 19/12/2022, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CRISTIANE TALITA GROMANN DE GOUVEIA, Docente**, em 19/12/2022, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carmen Lucia Brancaglioni Passos, Usuário Externo**, em 19/12/2022, às 22:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1196996** e o código CRC **A05E6B8B**.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus alunos que participaram da pesquisa e são o motivo de não querer desistir da educação.

AGRADECIMENTOS

Era um dia comum, um final de aula, um final de tarde, uma sexta-feira, e ao sair daquela escola pública de ensino médio, minha amiga, professora de química, veio plantar em mim a semente do mestrado. Vamos fazer mestrado, dizia ela, é importante para gente; nós somos novas, vamos procurar um local mais perto e vamos tentar. Eu não dei muita importância para aquele convite, acho que não acreditava na possibilidade de sair da minha zona de conforto, de mudar uma rotina já tão sobrecarregada e deixar um filho, uma família para me dedicar a algo individual. Parece que na minha vida tudo acontece sem muito planejamento, da mesma forma que tentei o concurso para professor do Estado e passei sem pretensão, aqui estou concluindo uma fase da minha vida que nunca imaginaria percorrer. Por isso quero agradecer minha amiga Jordana por ter lançado ao vento um plano que nem eu mesma tinha para mim. Agradecer imensamente a Deus, que me conduziu e me deu forças nesse caminho do mestrado, mesmo quando não fiquei bem com meus pensamentos. Agradecer ao meu filho Lucas, que me ajudava pegando água e tudo mais que a mamãe precisava quando não podia sair de frente da tela nas aulas *on line*, agradecer meu marido Josildo que segurou as pontas em casa durante esse período. Agradecer a minha família, minha mãe, meu pai e meu irmão, que mesmo muito distante fisicamente, se preocuparam comigo nessa trajetória. Agradeço com muito carinho a professora Kachia, que teve um cuidado e uma escuta comigo, e assim possibilitou o meu encontro com minha orientadora e um retorno ao meu tema de pesquisa. Agradeço a minha orientadora Adriane, que me acolheu após desenganos e aceitou meu tema de pesquisa mesmo não sendo a sua área. Agradeço aos meus colegas de turma, que mesmo virtualmente me faziam sentir pertencente a um grupo, dividindo os mesmos anseios, angústias e preocupações. E por falar em turma, aqui vai meu muito obrigada para minha amiga Edilene, colega de turma, que me ajudou desde o começo até o fim desde trabalho, a qual nunca vi pessoalmente devido nosso mestrado ser em meio a pandemia, mas que não faltará motivos para encontros e um forte abraço.

RESUMO

A sexualidade é resultado de uma construção histórico-social e ideológica da sociedade e a Educação Sexual é atravessada pela sexualidade, portanto intimamente entrelaçada com as características da sociedade. Educar para a Sexualidade implica respeitar as especificidades de cada pessoa e atuar com equidade no seu contexto, fazendo com que cada um(a) se aproprie dos assuntos que por hora são tratados como tabus, para poder vivenciar a plenitude da sexualidade, com a liberdade de quem conhece e respeita a si próprio, e consequentemente respeita todos. A Educação em Sexualidade sempre esteve presente em muitas culturas, geralmente os membros da família ensinavam os jovens sobre puberdade, sexo e relacionamento; agora, à medida que as sociedades mudam, a responsabilidade está sendo cada vez mais dividida entre funcionários da saúde, professores e escolas. Esta pesquisa está inserida na temática da Educação Sexual e da sexualidade, e tem como elementos centrais as narrativas de ex-alunos(as) do Ensino Médio da autora do estudo. O que você gostaria de aprender sobre Educação Sexual? Esta foi a questão-problema e a fagulha que inspirou essa pesquisa. O objetivo geral foi analisar as narrativas sobre Educação Sexual e sexualidade de ex-alunos(as) do Ensino Médio de duas escolas estaduais do município de Ji-Paraná, RO. Estabeleceu-se três objetivos específicos: fazer uma revisão bibliográfica, de artigos sobre a temática da Educação Sexual que trouxessem o(a) aluno(a) como protagonista; analisar a temática da Educação Sexual nos Planos Políticos Pedagógicos, nos Planejamentos Anuais dos(as) professores(as) de Biologia, sobretudo nos livros didáticos utilizados pelos(as) ex-alunos(as) no 1º ano do Ensino Médio. O trabalho possui uma abordagem qualitativa, os dados foram construídos a partir das informações obtidas nas entrevistas, das análises dos livros didáticos e dos autores de base da pesquisa. Nove ex-alunos(as) foram entrevistados por meio de narrativas orais. Três coleções de livros didáticos do componente curricular Biologia foram analisados especificamente quanto aos assuntos referentes a Educação Sexual. Os principais teóricos que embasaram a pesquisa foram Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró. Os assuntos suscitados pelos(as) entrevistados(as) foram surpreendentes, e apontaram possíveis caminhos para uma Educação Sexual emancipatória e inclusiva. Constatamos que a Educação Sexual atualmente está limitada aos aspectos biológicos e preventivos, o que não contempla a diversidade da sociedade, também não gera um autoconhecimento para viver a plenitude da sexualidade, tão pouco a liberdade. A Educação em Sexualidade dá ao jovem a chance de pensar criticamente dentro da cultura e da sua sociedade, ensina sobre respeito e igualdade, muda valores e atitudes. No contexto político-social conservador brasileiro, a escola vem reproduzindo os interesses do Estado, portanto, faz-se necessário quebrar os silenciamentos sob o julgo do poder-saber, para haver um processo de educação justa e de qualidade, que resultaria no desenvolvimento social e minimizaria as deturpações morais.

Palavras-chave: Educação Sexual; Sexualidade; Biologia; Ensino Médio; alunos(as)-protagonistas.

ABSTRACT

Sexuality is the result of a historical-social and ideological construction of society and Sex Education is crossed by sexuality, therefore intimately intertwined with the characteristics of society. Educating for Sexuality implies respecting each person's specificities and acting with equity in their context, making each person appropriate the issues that are currently treated as taboo, in order to experience the fullness of sexuality, with the freedom of those who know and respect themselves, and consequently respect everyone. Sexuality Education has always been present in many cultures, usually family members taught young people about puberty, sex, and relationships; now, as societies change, the responsibility is being increasingly divided among health workers, teachers, and schools. This research is set within the theme of Sex Education and sexuality, and is centered on the narratives of former high school students of the author of this study. What would you like to learn about Sex Education? This was the problem-question and the spark that inspired this research. The general objective was to analyze the narratives about Sex Education and sexuality of former high school students from two state schools in the city of Ji-Paraná, RO. Three specific objectives were established: to make a bibliographic review of articles about the topic of Sex Education which brought the student as the protagonist; to analyze the topic of Sex Education in the Political Pedagogical Plans, in the Biology teachers' Annual Planning, especially in the textbooks used by former students in the 1st year of High School. The work has a qualitative approach, the data was built from the information obtained in the interviews, from the analysis of the textbooks and from the basic authors of the research. Nine former students were interviewed through oral narratives. Three collections of Biology textbooks were analyzed specifically as to the subjects referring to Sex Education. The main theorists that supported the research were Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, and Mary Neide Damico Figueiró. The issues raised by the interviewees were surprising, and pointed out possible paths for an emancipatory and inclusive Sex Education. We can see that Sex Education today is limited to the biological and preventive aspects, which does not contemplate the diversity of society, nor does it generate self-knowledge to live out the fullness of sexuality, nor freedom. Sexuality Education gives young people the chance to think critically within their culture and society, teaches about respect and equality, and changes values and attitudes. In the Brazilian conservative social-political context, the school has been reproducing the interests of the State; therefore, it is necessary to break the silences under the power-knowledge, in order to have a fair and quality education process, which would result in social development and would minimize moral distortions.

Keywords: Sex Education; Sexuality; Biology; High school; protagonist students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Localização do município de Ji-Paraná no Estado de Rondônia e do Estado no Norte do Brasil.....	20
Figura 2- Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela –	21
Figura 3 - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos –	22
Figura 4- Capa do livro, Conexões com a biologia, volume 1- acervo próprio (2022)...	46
Figura 5- Capa do livro Biologia Hoje, volume 1 - acervo próprio (2022).....	46
Figura 6 – Capa do livro Contato Biologia, volume 1 - acervo próprio. (2022).....	47
Figura 7- Imagem ilustrada sobre o sistema genital feminino do livro didático de biologia	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações das(os) ex-alunas(os) participantes da pesquisa.....	25
Quadro 2 - Artigos selecionados a partir da Biblioteca Eletrônica Científica SCIELO, 2016- 2020	29
Quadro 3 - Artigos selecionados a partir do Portal de Periódicos da Capes, 2016-2020....	30
Quadro 4 – Quantidade de pesquisas de acordo com o tipo de metodologia desenvolvida.....	33
Quadro 5 – Categorias de acordo com a temática central dos artigos selecionados.....	33
Quadro 6 – Características observadas nos livros didáticos de biologia das escolas participantes.....	47
Quadro 7 – A relação dos(as) ex-alunos(as) com seu corpo durante o período de adolescência	60
Quadro 8 – Assuntos relativos a Educação Sexual que era tema de conversas entre amigos.....	62
Quadro 9 - Sua sexualidade na adolescência	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Resultado da busca na Biblioteca Eletrônica Científica – SCIELO, 2021.....	29
Tabela 2 - Resultado da busca no Portal de Periódicos CAPES, 2021.....	29

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CAAEE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
CIBEBI - Centro Interdepartamental de Biologia Experimental e Biotecnologia
DST - Doenças Sexualmente Transmissíveis
E.E.E.F.M - Escola Estadual De Ensino Fundamental E Médio
E.E.E.M -Escola Estadual De Ensino Médio
E.J.A- Educação de Jovens e Adultos
ES - Educação Em Sexualidade
GEERGE - Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero
IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
IST - Infecção Sexualmente Transmissíveis
LD – Livro Didático
LDB - Lei de diretrizes e bases
MEC - Ministério da Educação
MP - Ministério Público
NEM - Novo Ensino Médio
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE - Plano Nacional de Educação
PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPGECN - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza (PGEEN)
PPP - Projeto Político Pedagógico
SCIELO - Biblioteca Eletrônica Científica Online
SEDUC - Secretaria de Estado da Educação,
STF – Superior Tribunal Federal
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TCUD -Termo de Compromisso de Utilização de Dados
UNESCO - Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura
UNIR - Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ONDE ESTAMOS E COMO FAREMOS?.....	20
2.1	Local da Pesquisa e as Escolas Participantes.....	20
2.2	Documentações das Escolas e Regulamentação das Entrevistas.....	23
3	A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS E PPPs	28
3.1	A Educação Sexual nas Publicações de Artigos Científicos.....	28
3.2	A Educação Sexual no Brasil: Um breve apanhado histórico.....	36
3.3	Documentos escolares das escolas participantes: o que trazem sobre Educação Sexual?.....	39
3.4	Livro Didático do Componente Curricular Biologia e a Educação Sexual.....	43
4	EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE.....	56
4.1	Conceitos de Educação Sexual e Sexualidade	56
4.2	Adolescência: Eu Tinha Medo, Era Coisa de Outro Mundo, Era Bicho de Sete Cabeças.....	59
4.3	Aprendi com a Vida, mas Poderia Ter Aprendido na Escola.....	69
4.4	Para isso Existem as Escolas: Não para Ensinar as Respostas, mas para Ensinar Perguntas.....	81
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95
	<u>APÊNDICE A</u> - DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR....	100
	<u>APÊNDICE B</u> - MODELO DO TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL...	101
	<u>APÊNDICE C</u> - MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO -TCLE.....	102
	<u>APÊNDICE D</u> - MODELO DO TERMO DE COMPROMISSO DE UTILIZAÇÃO DE DADOS -TCUD.....	106
	<u>APÊNDICE E</u> – QUESTIONÁRIO SEMI- ESTRUTURADO.....	107
	<u>APÊNDICE F</u> – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA.....	108
	<u>ANEXO I</u> - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	115

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Natureza – PPGE-CN, da Universidade Federal de Rondônia-UNIR, dentro da Linha de Pesquisa: Formação Docente, culturas, saberes e práticas das territorialidades e diversidade da Amazônia. Ela se insere no âmbito da Educação Sexual no Ensino Médio, e pretende contribuir para reflexões que possibilitem melhorias na abordagem da Educação Sexual, pensando no aluno(a) como protagonista.

Esta pesquisa tem sua origem muito tempo antes... A minha primeira lembrança quando penso no porquê a temática da Educação Sexual é especial para mim, me vem à mente um amigo de sétima série, chamado Renan, naquela época o ensino fundamental ia até a oitava série. Renan chegou me perguntando se era verdade que quando as meninas estavam menstruadas, elas usavam camiseta vermelha. Nós estávamos no pátio da escola, era uma escola de freiras, lá estudamos todo o ensino fundamental, nós deveríamos ter uns 12 ou 13 anos. Lembro-me que compreendi que ele perguntara para mim porque eu era a mais velha da sala, um ou dois anos a mais do que os outros, mas eu não havia entendido o sentido da pergunta, então ele se explicou justificando que quando menstruada, a mulher perdia sangue, por isso ficaria pálida e usaria vermelho, como fosse para dar um reflexo de cor ao rosto. Recordo que respondi que isso não tinha sentido pois, o sangue que saía estava guardado no útero e não estava saindo diretamente das veias; e a vida continuou.

Aquele momento talvez tenha sido ponto de partida para gerar em mim uma essência de professora, pois coincidentemente que ao longo da minha vida me deparei com várias situações nas quais eu me via respondendo questões acerca da sexualidade para alguém; não pelo motivo de tudo saber, mas talvez, por me importar.

Quando eu iniciei minha formação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Londrina – UEL, eu não tinha dúvidas de que estava fazendo o curso que eu queria. E quando me tornei professora do estado de Rondônia, seis meses após finalizar graduação, eu nada tinha refletido sobre a profissão de professor. Nem sabia se queria ser professora, não sabia sobre como era ser professora, eu simplesmente estava entrando no meu primeiro emprego após a graduação por ter passado no concurso do Estado.

Hoje faz 15 anos desse primeiro emprego, e agora eu sei que gosto muito de ser professora, e assim fui me adaptando ao longo do tempo. E hoje gostaria de fazer pelos meus alunos, muito mais do que eu faço, melhor dizendo, muito mais do que o sistema me pede, me limita e me condiciona a fazer.

Assim, a temática principal desta pesquisa é a Educação Sexual, apesar de que eu prefiro especificar, dizendo que deveria ser denominada: Educação para a Sexualidade. Assim, esta pesquisa nasce da minha vivência de sala de aula, e da minha vontade de fazer mais pelos meus alunos e alunas; pois, saiba você, que pelo menos comigo, muitos são os alunos e alunas que vem depois das aulas para tirar dúvidas nesse âmbito da sexualidade, ou até mesmo pedir uma opinião, ou contar um acontecimento. E essas situações são bem interessantes e animadoras, e ocorrem nos bastidores das aulas; e é disso que quero falar.

A respeito das situações vivenciadas por mim ao longo dos anos de docência, que foram as fagulhas deste trabalho, vou colocar algumas delas aqui, para justificar o porquê eu me sinto imersa na temática da sexualidade no contexto escolar.

Lembro-me perfeitamente quando uma aluna junto de sua colega, veio até mim no pátio da escola e me entregou um papel, antes que eu falasse algo, ela explicou que se tratava do resultado de um exame de gravidez que ela tinha acabado de pegar, sua avó a tinha acompanhado, mas sua mãe não sabia de nada. Ela queria saber se pelo exame dava para verificar quanto tempo tinha o bebê. Confesso que me senti surpreendida e responsável, e até perguntei sobre as aulas de métodos contraceptivos que havíamos tido recentemente, então ela explicou que ficou com medo de já estar grávida nos dias dessas aulas e não tomou nenhuma atitude com receio de prejudicar o bebê; ela deveria estar com aproximadamente uns 15 anos. É claro que eu fico feliz por ter a confiança de alunas como ela, que veio até mim, antes mesmo de falar com a mãe, entretanto vejo como o meu lecionar às vezes, não é suficiente para o que realmente importa; ou seja, para fazer diferença na vida do aluno(a).

Uma lembrança que me entristece é o caso do Henrique, sua mãe o viu estudando sistema reprodutor para fazer a minha prova, e veio me pedir para conversar com ele sobre “esses assuntos” justificando que o pai dele era ignorante e não aceitava conversar com ele sobre isso; o pai dizia que o filho iria aprender com a vida, o que era agravado pelo fato do Henrique ser extremamente tímido; o tempo foi passando e, apareceu uma ferida que Henrique não falou para ninguém por ser perto do ânus, e para encurtar a história, após um tempo, descobriu ser um câncer na região do cóccix.

Em linhas gerais são muitos casos para contar, como o da aluna homossexual querendo saber se pegava doença caso a unha machucasse o interior da vagina de ambas durante uma masturbação. Sobre aluno da educação de jovens e adultos - EJA perguntando para onde foi o ejaculado dele, já que a namorada falou que nada saiu dela. Sobre a garota que revelou nunca ter gozado, mas que “fazia” [sexo] pelo namorado. E se era verdade que quando a garota começa ter relações sexuais, ela desenvolveria um “corpão”, essa última está no topo da lista das mais

perguntadas, sendo questionada por meninos e meninas. Faço a ressalva de que escrevi da mesma forma que a mim foi dito, ou seja, com as palavras que comumente os(as) jovens usam.

Infortunadamente não são incomuns situações que ocorreram ao longo dos meus anos no ambiente escolar, como, o aluno se masturbando na sala de aula; abaixo assinado de pais e mães para a escola particular demitir um professor pelo fato dele ser homossexual; pai pedindo para mudar o filho de turma para uma outra turma onde não houvesse alunos gays. Por esses exemplos, e tantos outros que ocorrem nas escolas, considero ser imprescindível não limitar a Educação Sexual a noções estritamente biológicas e preventivas, ou no contraposto, estritamente social e cultural, pois assim ela não abrange nem o mínimo da complexidade da sexualidade humana. A Educação para a Sexualidade na escola deve estar comprometida em formar crianças e jovens com pensamento crítico, capazes de se conhecer, e governar a própria vida com ética. (MONTEIRO e MOMESSO, 2021).

Portanto, espero que esta pesquisa seja um pontinho de luz para àqueles que se interessam em fazer da nossa sociedade um lugar melhor para se conviver. No meu caso, faço por meus alunos e alunas e sociedade que virá a partir deles.

Afinal, apego-me em Freire (1996, p.52) quando escreve sobre o ato de ensinar, e o quanto isso exige um querer bem aos educandos, pois “[...] esta abertura ao querer bem é a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano [...].”

Contudo, ensinar e aprender são conceitos que eu não vejo mais como antes; por mérito de um professor que passou pela minha vida durante o mestrado, eu compreendo que mesmo o(a) docente ensinando, agindo e querendo ensinar, isso fica só no seu intuito, ou seja, isso não significa efetivamente ensinar; da mesma forma que o(a) estudante mesmo atento, ouvindo, até anotando, não significa que ele(a) está aprendendo; afinal o processo de ensino/aprendizagem acontece de maneira muito complexa.

Tendo em vista que o tema da sexualidade ser relevante e envolto por complexidades, pois é próprio do que é humano, acreditamos que sempre terá espaço para novas abordagens e reflexões sobre ele. Concordamos com Nothaf *et al.* (2014), quando diz ser oportuno propiciar ao(à) aluno(a) adolescente, metodologias que facilitem a aproximação e o diálogo, estimulando-o(a) construir seus próprios saberes, pois dessa forma contribuimos com sua formação integral.

Prefiro esclarecer que os(as) participantes da minha pesquisa foram meus alunos(as) quando cursaram o 1º ano do Ensino Médio; então passaram pela minha vida, assim como eu passei pela vida deles(as), e de alguma forma nossas relações foram verdadeiras e importantes, e por isso nos conectamos novamente.

Os(as) egressos(as)-participantes da pesquisa, aqui chamados de meus ex-alunos, minhas ex-alunas, hoje são outros, agora com maturidade adquirida pelas experiências da vida, são maiores de idade, muitos não moram mais com os pais, já possuem vida profissional, vida sexual, alguns são casados, outros têm filhos; e para mim, a chance de falar com eles(as), saber como eles(as) estão, o que estão fazendo, o que se passou, o que aprenderam com vida desde o momento em que não tivemos mais contato, é um privilégio, um orgulho que aquece o coração.

Na época em que nossas relações eram de professora e alunos(as), e especificamente sobre as nossas aulas dentro da temática da Educação Sexual, posso dizer que, eu fazia questão de iniciar o ano com o conteúdo sobre sistema genital masculino, e depois o feminino; isso porque o masculino é menos complexo para explicar e ajudava quebrar o clima de timidez por parte de alguns alunos. E comumente os assuntos relativos à educação sexual, estavam somente no final do livro didático, e eu não queria deixar para o final do ano e correr o risco de não ter tempo de abordá-lo, então educação sexual era nosso primeiro conteúdo abordado em turmas do 1º ano do Ensino Médio.

Na sequência estudávamos sobre os métodos contraceptivos, e aqui havia uma boa participação dos alunos e alunas com perguntas e histórias sobre acontecimentos. Às vezes ocorria de o livro não contemplar todos os métodos conhecidos, de qualquer forma, eu tratava de trazer a explicação sobre todos os métodos conhecidos até o momento.

E de modo geral, desenvolvíamos seminários em grupo sobre o conteúdo das doenças sexualmente transmissíveis - D.S.Ts, atualmente chamadas de Infecções Sexualmente Transmissíveis - I.S.Ts. Abordávamos pontos relevantes como, qual era o agente transmissor, vírus, bactéria, protozoário, inseto ou fungo, como se dá a transmissão, quais são os sintomas principais, sobre o tratamento, principalmente a prevenção, se há cura ou não. Lembro que os alunos ficavam bem impressionados com as imagens das doenças.

Então, partindo do nosso ponto de interesse que é a temática da Educação Sexual, a partir dos discursos provenientes de alunos e alunas egressos(as) do Ensino Médio de duas escolas estaduais do município de Ji-Paraná, Rondônia – Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos, temos o intuito de descobrir: O que eles(as) gostariam de ter aprendido na escola sobre questões ligadas a temática da educação sexual? O que eles(as) lembram ter aprendido? Sobre situações em suas vidas onde lhes faltou informação sobre esse assunto. Sua opinião de como poderia ser as aulas a respeito do tema. Estas foram algumas das questões – problemas que serviram de fagulhas para esse trabalho.

Diante do exposto, nosso objetivo geral foi analisar as narrativas dos ex-alunos(as) do Ensino Médio sobre a Educação Sexual e a sexualidade, a partir das entrevistas.

A fim de aprofundar o conhecimento acerca do tema, estabelecemos três objetivos específicos: a) fazer uma revisão bibliográfica, de artigos sobre a temática da Educação Sexual que trazem o aluno(a) como protagonista; b) Analisar a temática da Educação Sexual nos Planos Políticos Pedagógicos, nos Planejamentos Anuais dos professores de Biologia, e nos livros didáticos utilizados por ex-alunos(as) do Ensino Médio, das duas escolas participantes; c) Conhecer e analisar as narrativas acerca da sexualidade trazidas pelos participantes, e interpretá-las a partir da teoria dos autores(as) Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró.

O trabalho possui uma abordagem qualitativa, os dados foram construídos a partir de informações trazidas em entrevistas por meio de narrativas orais dos ex-alunos(as) do Ensino Médio, e por meio da análise dos livros didáticos. A interpretação analítica baseou-se principalmente no teórico Michel Foucault e sua obra *História da Sexualidade*; e nas teóricas Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró.

Foram realizadas nove entrevistas com estudantes que cursaram o primeiro ano do Ensino Médio, na Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela ou na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos, entre os anos de 2015 e 2020, ambas localizadas no município de Ji-Paraná, Rondônia. O recorte de tempo foi escolhido porque nesse intervalo eu lecionava em ambas as escolas participantes da pesquisa; assim, para fins de comparação, estabelecemos esse intervalo como padrão para toda a pesquisa, seja para o levantamento bibliográfico, para análise dos documentos escolares, e dos livros didáticos. Atualmente, os egressos(as) estão na faixa etária de 18 a 26 anos; o processo de busca dos(as) participantes e a organização das entrevistas serão contextualizados com mais detalhes no decorrer da pesquisa.

Na nossa pesquisa analisamos os livros didáticos de biologia que foram utilizados nas duas escolas participantes, no período de 2015 a 2020. A respeito dos livros didáticos, ocorreu em 2017 um lamentável episódio, no qual o prefeito do município de Ariquemes, Rondônia e mais sete vereadores foram processados pelo Ministério Público Estadual – MP/RO, e pelo Federal – MPF, por mandarem recolher materiais didáticos fornecidos pelo Ministério da Educação – MEC, das escolas municipais de Ensino Fundamental, em razão de uma suposta existência de conteúdo sobre ideologia de gênero e diversidade sexual.

Os envolvidos, utilizaram de uma enquete virtual em redes sociais para embasar a censura do material no ano letivo de 2017. Entretanto, não fizeram os devidos esclarecimentos

antes de iniciar a enquete, tampouco consideraram a escolha do livro pela escola. Após análise, o Ministério Público (2017, *on-line*¹) constatou que “em nenhum momento os livros apresentam matéria tendenciosa ou incitadora de sexualidade precoce, homossexualismo ou mesmo apologia à homo afetividade, apenas apresenta diversidade familiar, demonstrando as diferentes formas de constituição das famílias e ressaltando sua importância para a formação dos indivíduos”.

A exemplo do exposto supracitado, concordamos com Monteiro e Momesso (2021, p. 252), quando afirmam que “no contexto brasileiro vivemos em meio a polêmicas que tem com consequência precípua o silenciamento de toda e qualquer discussão que envolva a Educação Sexual nas escolas em função de uma forte polarização conservadora[...]”. O que ratifica a necessidade de pesquisas nesse âmbito.

Será possível observar que este trabalho foi escrito em primeira pessoa do plural; e isto acontece porque ele não é impessoal, muito menos individual, mas emerge a partir de muitas falas, de muitas ideias, e dessa forma me sinto mais confortável dizer, nós, do que dizer, eu; pois, tal qual Pêcheux (1969), um discurso é sempre social, traz a voz de um discurso outro, anterior, de um já dito; assim o novo não está no que é dito, mas no acontecimento a sua volta. (FOUCAULT, 2020a). E as minhas palavras são um reflexo de tudo e de todos que passaram por minha vida.

Estruturamos nosso trabalho em quatro seções. Na primeira seção temos a presente Introdução com o relato da motivação pessoal que originou essa pesquisa; também a problematização, a justificativa, os objetivos e a estrutura do trabalho. Na segunda seção trouxemos as informações sobre o local da pesquisa e sobre a regulamentação das entrevistas, além de um levantamento bibliográfico dos artigos publicados na Biblioteca Eletrônica Científica - SCIELO e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, dos anos de 2015 a 2021 sobre Educação Sexual.

Na terceira seção trabalhamos com as análises documentais, das duas escolas participantes; sendo esses documentos, os Planos Políticos Pedagógicos, e o Planejamento Anual dos professores do componente curricular Biologia. E finalizamos com as análises dos livros didáticos de Biologia utilizados pelos(as) ex-alunos na sua época de Ensino Médio.

Na quarta seção abordamos brevemente alguns conceitos de Educação Sexual e de Sexualidade, majoritariamente dos autores de base da nossa pesquisa, além de nos atrevermos a criar nosso próprio conceito de Educação Sexual. É nessa seção que efetivamente

¹ Fonte não paginada <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2017/02/prefeito-que-proibiu-livros-didaticos-com-uniao-gay-em-ro-e-processado.html>

mergulhamos nas entrevistas com as análises dos assuntos abordados pelos(as) ex-alunos e ex-alunas, sob perspectiva teórica predominantemente dos literatos, Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró.

Cabe ressaltar que alguns dados obtidos nas entrevistas foram deslocados da quarta seção e antecipados, porque estabeleciam importantes relações com o assunto tratado. E informamos que todas as falas das entrevistas foram transcritas na íntegra, sem recortes ou citação indireta, para evitar qualquer alteração na interpretação. Afinal como disse Mario Quintana (1973, p.40) “A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.”

Este encontro de pesquisadora com o(a) pesquisado(a), se configura como um momento de escuta, diálogo e de troca, onde não há intenção de julgar, nem recriar, e sim de ouvir e se importar, ao mesmo tempo em que se investiga a Educação Sexual, ou melhor, educação para a sexualidade.

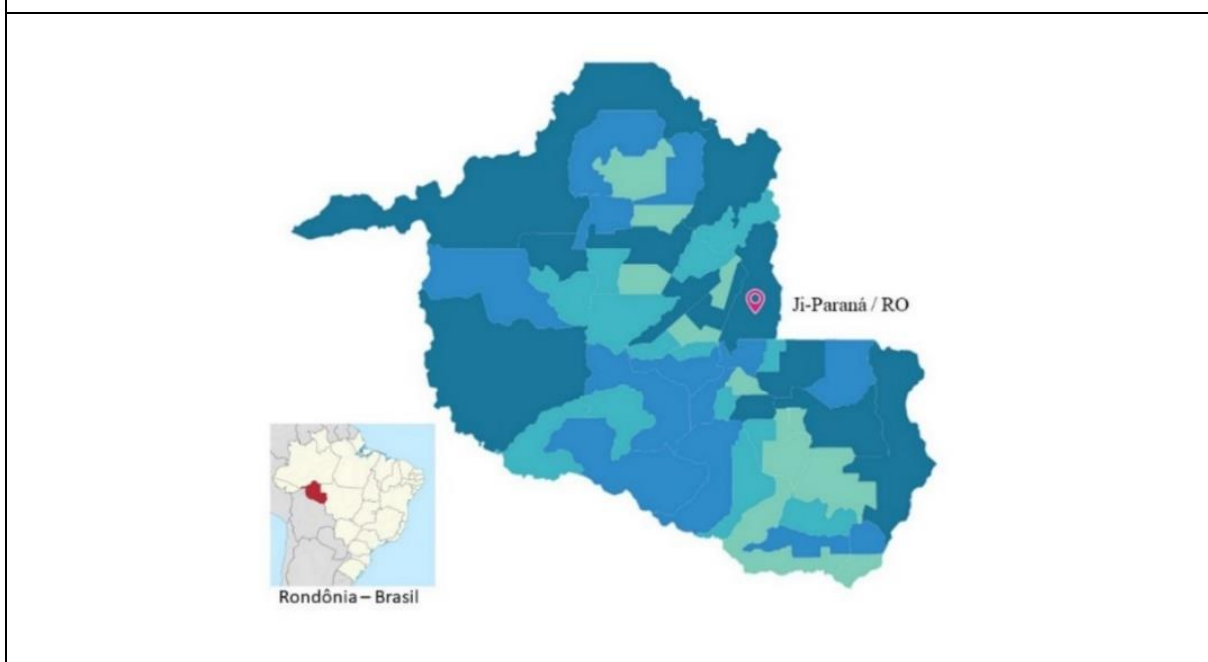
Isso posto, pretendemos analisar as entrevistas dos(as) egressos(as)-participantes, não sob a ótica da produção da verdade na configuração do poder-saber, mas sim, enquanto interpretação dos possíveis discursos sobre a sexualidade. Entendendo a sexualidade como um tema peculiar, de experiências únicas, e ao mesmo tempo composto de múltiplas facetas; cuja sua investigação revela toda a história. (FOUCAULT, 2020a)

2. ONDE ESTAMOS E COMO FAREMOS?

2.1 Local da Pesquisa e as Escolas Participantes

A pesquisa foi desenvolvida na região Norte do Brasil, no Estado de Rondônia, no município de Ji-Paraná. De acordo com último censo realizado em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, contabilizou em Ji-Paraná uma população de 116.610 pessoas; e uma densidade demográfica de 16,9 habitantes por km². Ji-Paraná é um município dividido em dois distritos que são separados pelo curso do Rio Machado. (IBGE, 2010). Pode-se observar na figura 1, o mapa do Estado de Rondônia, com a indicação do município de Ji-Paraná; sem escalas numéricas.

Figura 1- Localização do município de Ji-Paraná no Estado de Rondônia e do Estado no Norte do Brasil.



Fonte: IBGE, 2021

O município de Ji-Paraná possui no momento da realização desta pesquisa, 21 escolas que atendem a modalidade de Ensino Médio e no ano de 2021, contava com 5.592 matrículas nesse nível segundo o IBGE. (IBGE, 2010).

Nesse sentido, os alunos e alunas entrevistados(as) foram egressos(as) do Ensino Médio, de duas escolas estaduais no município de Ji-Paraná, Rondônia. Sendo elas: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco Dos Santos – E.E.E.F.M Professor José

Francisco dos Santos, que foi tratada no trabalho a fim de simplificação, como escola José Francisco; e a Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela – E.E.E.M Jovem Gonçalves Vilela, que foi denominada como Vilela ao longo do texto.

A escolha destas escolas se justificou pela ligação entre os(as) participantes da pesquisa e a pesquisadora, visto que fui professora de Biologia nessas escolas nos anos que correspondem ao período estipulado da pesquisa, 2015 até 2020. As respostas que compuseram este trabalho vieram das narrativas dos ex-alunos e ex-alunas com os quais trabalhei; mais adiante explicaremos detalhadamente esse processo. Como forma de agradecimento, vamos caracterizar brevemente as duas escolas que participaram da nossa pesquisa.

Exibimos logo na sequência, uma fotografia da fachada da Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela, foto datada de abril de 2022, conforme figura 2.

Figura 2- Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela



Fonte: arquivo próprio, 2022.

A escola Vilela, está localizada no 1º distrito do município de Ji-Paraná, Rondônia, na rua Antônio Ferreira de Freitas, 211 no bairro Presidencial. É uma escola situada em uma região periférica da cidade, considerada nova se comparada com as demais do município; sua data de inauguração é 26 de novembro de 2003, e apresenta uma boa infraestrutura. Ela possui exclusivamente a modalidade de Ensino Médio, o que se torna um atrativo para os(as) jovens, pois eles(as) estudam somente entre adolescentes da mesma faixa etária.

Os dados fornecidos pela equipe gestora da escola Vilela referente ao ano de 2020, contabilizaram 460 estudantes, com a faixa etária de 14 a 18 anos distribuídos em 14 turmas. Conforme a coleta de informações nos documentos no ato da matrícula, os(as) estudantes moram nas proximidades da escola e/ou bairros circunvizinhos e zona chacareira. Em relação às condições socioeconômicas da comunidade escolar, podem ser classificados como pertencentes à classe econômica de baixa renda.

Desde sua criação em 2003 até o ano de 2020 a escola Vilela possuía turmas regulares de 1º e 2º anos do Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino, e as turmas de 3º ano do Ensino Médio estudavam em período integral - manhã e tarde. Com relação ao período noturno, a escola ofertava os três anos regulares do Ensino Médio normalmente até o ano de 2019. A partir de 2020 a escola sofreu modificações e passou a ser parte de um programa denominado Escola do Novo Tempo, tendo seu nome alterado para Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Jovem Gonçalves Vilela.

Além do nome da escola ocorreram mudanças relacionadas à equipe gestora, aos docentes, e principalmente ao período de estudo que passou a ser integral para todos os anos do Ensino Médio; também tiveram alterações nos componentes curriculares, horários de aula, além da extinção das matrículas para o período noturno. Destacamos aqui que os alunos e alunas participantes da pesquisa, estudaram na escola antes do período da mudança.

Exibimos seguidamente, uma fotografia da faixaada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos, foto datada de agosto de 2022, conforme figura 3.

Figura 3 - Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos



Fonte: arquivo próprio, 2022.

Detalharemos as características de cada uma das duas escolas participantes em agradecimento por permitir coparticipar desta pesquisa.

A escola José Francisco, está situada na rua Porto Velho, 2336 no bairro Bom Bosco do município de Ji-Paraná, Rondônia. É uma das escolas mais antigas do município, criada em 19 de maio de 1975 e atende atualmente ao Ensino Fundamental séries finais de 6º a 9º anos, Ensino Médio Regular e Ensino Médio de Jovens e Adultos – EJA. Está localizada no 1º distrito do município, inserida em um bairro de classe média baixa, próxima do hospital municipal, em um local de grande movimentação, e é considerada uma escola que atende estudantes de periferia. Nos seus arredores há uma escola municipal de Educação infantil, algumas igrejas, um seminário religioso, algumas clínicas médicas particulares e comércios em geral.

De acordo com as informações que foram fornecidas pela equipe gestora, a escola possuía um total 1.116 estudantes, distribuídos(as) em 15 turmas no período matutino, 12 turmas no período vespertino e nove (9) turmas no período noturno. Sendo que o Ensino Médio regular é ofertado no período vespertino e noturno, e o ensino médio do EJA acontece exclusivamente no período noturno. Estes dados foram viabilizados pela escola e se referiram ao ano de 2020, por se tratar do último ano do período estipulado para a pesquisa, de 2015 até 2020.

A seguir, descreveremos o processo de solicitação dos documentos das escolas participantes, e o detalhamento da regulamentação das entrevistas.

2.2 Documentações das Escolas e Regulamentação das Entrevistas

Estive presencialmente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos e na Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela, a fim de explicar sobre a pesquisa para a equipe gestora. Ambas aceitaram participar da pesquisa, e assinaram os Termos de Anuência, cujo modelo está no apêndice B.

Os Termos de Anuência das escolas e o Termo de Compromisso de Utilização de Dados - TCUD, - apêndice D, foram submetidos ao Conselho de Ética e Pesquisa – CEP. Após a aprovação do CEP, realizei contato por *e-mails* e *WhatsApp* com os supervisores das duas escolas para explicarmos detalhes sobre a pesquisa, e solicitamos o acesso aos Projetos Políticos

Pedagógicos da escola e aos Planejamentos Anuais do componente curricular Biologia, dos anos de 2015 até 2020.

O supervisor da escola Vilela e a supervisora da escola José Francisco, encaminharam via *e-mails* os documentos solicitados para a pesquisa. Especificaremos os resultados das análises deles, mais adiante.

No que concerne as entrevistas, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Conselho de Ética e Pesquisa, sob número 51931821.6.0000.5300 do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE, iniciamos oficialmente os convites aos alunos e alunas egressos(as) do Ensino Médio, obedecendo os critérios de inclusão.

Com relação aos critérios de inclusão, foi necessário que o ex-aluno ou ex-aluna tivesse mais de 18 anos de idade, e que seu primeiro ano do Ensino Médio tivesse sido em uma das escolas participantes da pesquisa, no período de 2015 até 2020; também foi necessário consentir em participar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, cujo modelo se encontra no apêndice C.

A busca ativa por estes(as) alunos(as) iniciou de forma casual ao longo do ano que antecedeu a coleta de dados. Considerando que alguns deles(as) estão trabalhando no comércio local da cidade, então ao encontrá-los(as) fiz o convite para que num futuro próximo viessem participar da minha pesquisa, assim trocamos número de telefone poderemos nos contactar.

Gostaria de salientar a felicidade que senti na época em que enviei os convites, mesmo que informalmente, pois ao receberem, eles e elas demonstraram vontade de contribuir, e disseram se alegrar por terem sido lembrados(as) pela professora.

Foram convidados 19 ex-alunos e ex-alunas; os TCLEs foram enviados para cada participante através de *e-mail* ou *WhatsApp* para que individualmente realizassem a leitura e decidissem sobre sua participação.

No final foram entrevistados nove (9) alunos(as), já que alguns acabaram não participando, uns por falta de tempo, pois precisavam desmarcar justificando ter de estar em outra atividade; e outros que marcaram dia e horário, mas se esqueciam e não compareciam.

Cada participante foi entrevistado(a) individualmente e de forma virtual, no horário que melhor lhes convinha.

Elaboramos um questionário semiestruturado, com perguntas fechadas e abertas, que segundo Gil (2002, 2008), nas perguntas abertas, não existem categorias preestabelecidas, e o entrevistado pode responder de forma espontânea. Nele coletamos as seguintes informações do(a) participante: em qual escola cursou o ensino médio; faixa etária; estado civil; formação; profissão; qual ano estudou o 1º ano do Ensino Médio e identidade de gênero.

Os nomes dos participantes foram substituídos por pseudônimos para assegurar o anonimato conforme previsto nos TCLEs assinados pelos(as) mesmos(as). Os pseudônimos foram escolhidos por mim, com nomes que a meu ver soaram semelhantes ao nome legítimo, para facilitar meu lembrar ao longo do trabalho.

No quadro 1 compilamos as informações obtidas nos questionários semiestruturados dos nove egressos(as)-participantes; o quadro está organizado por ordem alfabética.

Quadro 1 – Informações das(os) ex-alunas(os) participantes da pesquisa

PSEUDÔNIMO	IDADE ATUAL	1º ANO DE ENSINO MÉDIO	ESTADO CIVIL	FORMAÇÃO SUPERIOR Concluída ou Cursando	PROFISSÃO ATUAL
ANA	22	2015	Solteira	Teatro	Vendedora
CARLA	23	2015	Solteira	Química	Agente de Compras
DEISE	20	2018	Solteira	Ensino Médio	Estoquista
EDNA	18	2018	Solteira	Veterinária	Não tem
ELSA	18	2019	Solteira	Biomedicina	Secretária
HELENA	19	2017	Solteira	Enfermagem	Secretária
JOÃO	20	2018	Solteiro	Agronomia	Caixa
NATASHA	21	2016	Casada	Pedagogia	Empreendedora
NILDA	23	2015	Casada	Química	Vendedora

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nas informações dadas pelos(as) entrevistados(as), 2022.

As entrevistas foram desenvolvidas de modo remoto através da plataforma de comunicação do *Google Meet* em cumprimento ao que foi autorizado pelo CEP, considerando que na época estava vigente, art. 1º do Decreto nº 24.919, de 05 de abril de 2020 que mantinha estado de calamidade pública em todo o território de Rondônia, para fins de prevenção e enfrentamento à pandemia causada pelo Coronavírus. E estabelecia em seu capítulo IV, artigo 12 inciso V- e quando possível, realizar atividades laborais de forma remota mediante o uso de ferramentas tecnológicas.

As perguntas que fizemos durante as entrevistas estão dispostas no apêndice-F, entretanto, visando facilitar e contextualizar o leitor, decidimos por acrescentá-las aqui.

Fizemos 17 perguntas abertas para cada ex-aluno(a), sendo elas: 1) Fale sobre os assuntos estudados no seu Ensino Médio referente à Educação Sexual, quais você se lembra?; 2) Sobre os assuntos que você relatou anteriormente do seu Ensino Médio, quais você acredita

que foram mais importantes na sua vida e porquê?; 3) Quais temas ou assuntos da Educação Sexual que você acha que não foram abordados em sala de aula, mas você acredita que seriam importantes para contribuir na sua vida?; 4) Comente se em alguma circunstância da sua vida, você precisou ter conhecimento de um determinado tema referente à Educação Sexual e percebeu que não tinha aprendido na escola?; 5) Com relação a pergunta anterior, diga onde você procurou a informação que precisava?; 6) No período em que você estudou o Ensino Médio, a escola oportunizou alguma atividade extra curricular que você tenha participado ligado ao ensino de Educação Sexual, como palestras por exemplo, fale sobre o que você se lembra; 7) Comente alguma situação que tenha ocorrido na sua sala, ou no pátio, na escola de modo geral que ficou marcado na sua memória e estava ligada a alguns assuntos da Educação Sexual/sexualidade; 8) Você recorria à professora de biologia nos intervalos ou em outros momentos fora da aula para tirar eventuais dúvidas?; 9) Na sua época de Ensino Médio, qual era o assunto mais frequente no seu círculo de amizade relativo à sexualidade?; 10) Você se sentia à vontade durante as aulas para fazer perguntas? Fale um pouco sobre essa situação de perguntas à professora, suas ou dos colegas; 11) Na sua adolescência, como você se sentia em relação ao seu corpo?; 12) Com relação à pergunta anterior, quais eram suas dúvidas no cotidiano?; 13) Comente sobre como você se sentia em relação à sexualidade; 14) Fale sua opinião sobre a maneira que livro didático de Biologia que você utilizou durante primeiro ano do Ensino Médio trazia as informações referentes a Educação Sexual ?; 15) O que você pensa sobre a transmissão das informações sobre Educação Sexual, comente; 16) Você lembra de alguma pergunta que você fez para professora com relação a esse assunto de Educação Sexual?; 17) Como você acha que poderia ser feito pelo(a) professor(a) para que a Educação Sexual fosse trabalhada em sala de aula de maneira que garantisse um aprendizado que mais se aproximasse da realidade do(a) aluno(a), que fosse mais útil para sua vida?

As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2022; todas foram gravadas, e posteriormente transcritas, e sua transcrição foi submetida ao crivo do(a) entrevistado(a); após o aval deste(a), iniciamos o processo de selecionar, e analisar as informações dos(as) egressos(as)-participantes. As informações foram analisadas principalmente de acordo com o referencial teórico de Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró. As interpretações das análises respondem às perguntas suscitadas na pesquisa e possibilitaram descobertas inesperadas.

Cabe esclarecermos que as respostas dadas nas entrevistas foram transcritas na íntegra; pois caso fizéssemos delas citações indiretas, correríamos o risco de inserir uma perspectiva que não fosse exatamente aquilo que o(a) entrevistado(a) pretendia dizer, isso somado ao fato

de eu ter sido professora de Biologia deles(as), não queríamos alteração de sentido, por isso não fizemos recortes, nem compilação de trechos dos discursos dos(as) participantes.

Lembrando que teremos a seção quatro dedicada especialmente para as entrevistas, no entanto antecipamos alguns discursos conforme necessário.

Na sequência descreveremos sobre o que encontramos em publicações de artigos científicos sobre a temática da Educação Sexual e nos documentos nas escolas participantes.

3. A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS: UMA ANÁLISE DE ARTIGOS E PPPs

3.1 A Educação Sexual nas Publicações de Artigos Científicos

Estabelecemos como ponto de partida, fazer um levantamento bibliográfico de artigos publicados sobre a temática da Educação Sexual, que fossem semelhantes ao que estávamos desenvolvendo, ou seja, alunos de Ensino Médio como protagonistas em pesquisas sobre Educação Sexual ou sexualidade. Para isso, buscamos pesquisas desenvolvidas em escolas, afunilamos para escolas de Ensino Médio, dentre estas, buscamos pesquisas nas quais os(as) estudantes foram protagonistas, além de considerar o recorte de tempo que estabelecemos de 2015 até 2020, pois correspondia aos últimos cinco anos, e precisávamos de um limitador de período.

Utilizamos os bancos de dados da Biblioteca Eletrônica Científica - SCIELO, e do Portal de Periódicos da CAPES. Estabelecemos, educação sexual e sexualidade como os dois descritores do grupo A. Para o grupo B estabelecemos quatro descritores: escola, ensino, sala de aula e Biologia. A busca ocorreu intercalando um descritor do grupo A, com cada um do grupo B. Foram utilizados como critérios de inclusão para a seleção do material:

Critério 1: Que os descritores aparecem no título; no resumo ou nas palavras-chave.

Critério 2: Que o trabalho estivesse relacionado ao ensino ou a educação.

Critério 3: Que o trabalho tivesse sido desenvolvido no ambiente escolar, com estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Critério 4: Que o estudo se referisse ao Brasil.

Foram considerados como critérios para exclusão do material:

Critério 1: Que o trabalho tenha sido desenvolvido somente com os professores.

Critério 2: Que se referia a séculos anteriores ao atual.

Critério 3: Que no assunto não trate sobre os estudantes.

Critério 4: Que seja sobre o ensino infantil.

As buscas foram feitas por assunto em pesquisa avançada com o campo (título) e (é exato), fazendo-se a combinação dos grupos A e B de descritores; a data de publicação estabelecida foi 2015 até 2020 e no campo (idioma) foi preenchido qualquer idioma. Ao findar todas as possibilidades de combinação dos descritores, foi repetida a busca modificando o campo para (qualquer) ao invés de título. Essa segunda busca foi necessária devido aos insuficientes resultados encontrados no primeiro modo.

Durante a pesquisa bibliográfica selecionamos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, um total dezoito (18) artigos. Sendo seis provenientes da SCIELO, conforme tabela-1 e, treze (13) no Portal CAPES, conforme tabela 2.

Tabela 1 - Resultado da busca na Biblioteca Eletrônica Científica – SCIELO, 2021

BUSCA	DESCRIPTOR	TOTAL	EXCLUÍDOS	INCLUÍDOS
1 ^a	Educação sexual e escola	31	29	2
2 ^a	Educação sexual e ensino	29	28	1
3 ^a	Educação sexual e sala de aula	2	2	0
4 ^a	Educação sexual e Biologia	3	3	0
5 ^a	Sexualidade e escola	43	42	1
6 ^a	Sexualidade e ensino	29	27	2
7 ^a	Sexualidade e sala de aula	2	1	1
8 ^a	Sexualidade e Biologia	2	2	0

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Tabela 2 - Resultado da busca no Portal de Periódicos CAPES, 2021

BUSCA	DESCRIPTOR	TOTAL	EXCLUÍDOS	INCLUÍDOS
1 ^a	Educação sexual e escola	104	100	4
2 ^a	Educação sexual e ensino	96	95	1
3 ^a	Educação sexual e sala de aula	21	20	1
4 ^a	Educação sexual e Biologia	25	25	0
5 ^a	Sexualidade e escola	785	783	2
6 ^a	Sexualidade e ensino	696	693	3
7 ^a	Sexualidade e sala de aula	91	90	1
8 ^a	Sexualidade e Biologia	189	189	0

Fonte: elaborado pela autora (2021)

Os artigos foram lidos, fichados e interpretados para contribuir com nossa investigação, e as suas informações transformadas em dados; então temos, no quadro 2 aqueles proveniente da SCIELO, e no quadro 3 do Portal CAPES. Destacamos o título, os autores, a revista e o ano de publicação; eles foram organizados em ordem cronológica de publicação.

Quadro 2 - Artigos selecionados a partir da Biblioteca Eletrônica Científica SCIELO, 2016-2020.

N	Título	Temática Nº participantes Idade	Autor	Revista	Ano
1	Eu virei homem: a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva	Sexualidade masculina 24 meninos 13 a 17 anos	Anna Carolina Vasconcelos. Rosana Juliet Silva Monteiro Vera Lúcia Dutra Facundes Maria de Fátima C.Trajano	Saúde e sociedade	2016

			Daniela Tavares Gontijo		
2	Direitos humanos, cidadania sexual e promoção de saúde: diálogos de saberes entre pesquisadores e adolescentes	Relações afetiva-sexuais 30 adolescentes 14 a 18 anos	Helena Maria Campos. Cláudia Gersen A. Paiva. Isabella Campos de A. Mourthé Yago Freire Ferreira. Maria do Carmo Fonseca.	Saúde e debate	2017
3	Bullying entre meninas: tramas relacionais da construção de identidades de gênero	Sexualidade feminina 16 garotas 11 a 15 anos	Jamile Guimarães. Cristiane da Silva Cabral.	Caderno de pesquisa	2019
4	Amor e violência em jogo: descortinando as relações afetivo-sexuais entre jovens à luz de gênero	Relações afetiva-sexuais 27 jovens 14 a 18 anos	Rebeca Nunes Guedes de Oliveira. Rosa Maria Godoy S. da Fonseca.	Interface, comunicação e saúde e educação	2019
5	“Sobre a sua buceta, responda...”: escolas e constituição de sujeitos em meio a jogos de poder	Sexualidade feminina 2º ano do ensino médio	Rita de Cássia Santos Côrtes Anderson Ferrari. Marcos Lopes de Souza.	Pro-Posições	2019
6	Negociando normalidade(s): construções da identidade de gênero entre meninas	Sexualidade feminina 11 meninas e 5 meninos 11 a 15 anos	Jamile Guimarães. Cristiane da Silva Cabral.	Revista Estudos Feministas	2020

Fonte: elaborado pela autora (2021).

O quadro 3 apresenta os 13 artigos selecionados de acordo com os critérios Portal de Periódicos da Capes, com seus respectivos títulos, a temática central de abordagem da pesquisa, juntamente com a quantidade de participantes e a média de idade deles ou a faixa etária deles (descrito conforme o artigo de origem), os autores, a revista de publicação e o ano.

Quadro 3 - Artigos selecionados a partir do Portal de Periódicos da Capes, 2016-2020.

Nº	Título	Temática Nº participantes Idade	Autor	Revista	Ano
1	O tema sexualidade humana no ensino médio: as Ilhas Interdisciplinares de Racionalidade como metodologia em aulas de Biologia	Concepções sexualidade 38 alunos 15 anos- média	Ana Maria Quinoto Imhof Edson Schroeder	Revista brasileira de ensino de ciências e tecnologia	2016
2	Participação de adolescentes em ações educativas sobre saúde sexual e contracepção	I.S.Ts e contracepção 30 adolescentes	Maria Veraci O. Queiroz Caroline M. de Alcântara	Saúde sexual e contracepção em adolescente	2016

		8º e 9 anos	Eysler Gonçalves M. Brasil Raimunda M. da Silva		
3	Limites e possibilidades de um jogo online para a construção de conhecimento de adolescentes sobre a sexualidade	Relações afetivo-sexuais 23 adolescentes 15 a 18anos	Rebeca Nunes G. de Oliveira Rafaela Gessner Vânia de Souza Rosa Maria G. S. da Fonseca	Ciências e saúde coletiva	2016
4	Homofobia na escola: problematizando gênero e sexualidade entre estudantes do ensino médio	Sexualidade masculina 10 alunos 14 a 20 anos	Luan Layzon S. Silva Francisco F. Leite Junior	Cadernos de Gênero e Diversidade	2016
5	A educação sexual na escola e as causas que interferem o seu desenvolvimento	Educação Sexual 1 gestora, 17 professores, 75 alunos e 75 pais 5ª,6ª,7ª,8ª séries	Márah Andréa C. Rodrigues Kemle Senhorinha R. T.Viana	ACADEM: Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades	2016
6	Família e escola no processo de educação sexual: a concepção dos adolescentes de uma escola pública estadual (pires do rio, goiás)	Concepção sobre educação sexual 86 adolescentes 13 a 15 anos	Randys C. Gonçalves Káryta F. Gomes dos Santos Guilherme Malafaia Ivandilson P. Pinto Menezes	Multi-Science Journal - Instituto Federal Goiano	2016
7	Percepção de adolescentes acerca da atividade de vida “expressar sexualidade”	Relações afetivo-sexuais 25 adolescentes 15-18 anos	Eveline P. Beserra Leilane B. Sousa Vanessa P. Cardoso Maria Dalva S. Alves	Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online	2017
8	Conversando sobre saúde reprodutiva e sexualidade nas escolas	I.S.Ts e contracepção 61 alunos 8º e 9º anos	Fernanda S. de S. José Lucas V. de O. Santos Gisele C. Shikako Luciana Le Sueur-Maluf Carolina P. de F. Carvalho	Revista ciências em extensão	2017
9	Discutindo sexualidade feminina na escola: um projeto de ensino	Sexualidade feminina 10 meninas 15 a 18 anos	Michelly Cruciol Silva Luciana A. Siqueira Silva Carolina de F. Guimarães	Multi-Science Journal	2018
10	Sexualidade na Percepção de Adolescentes Estudantes da Rede Pública de Ensino: Contribuição para o Cuidado	I.S.Ts e contracepção 46 adolescentes 13 a 18 anos	Ediane de A.Ferreira Valdecyr H. Alves Audrey V. Pereira Diego P. Rodrigues Márcia V. dos Santos Maria C. Gabrielloni	Revista de pesquisa: cuidado é fundamental online	2019
11	Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente	Educação sexual 253 jovens Média de idade: 13,6 anos	Milene F. Furlanetto Angela H. Marin Tonantzin R. Gonçalves	Estudos e Pesquisas em Psicologia	2019

12	A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológica	I.S.Ts e contracepção 211 alunos 15 a 19 anos	Natália Lopes C. Ciriaco Luiza A. Chagas. Pereira Paulo Henrique A. Campos J Raquel A. Costa	Em extensão	2019
13	Eu falo, tu falas e ninguém ouve: conversas sobre sexo e sexualidade entre adolescentes e jovens no espaço escolar	Relações afetiva-sexuais 8 alunos 16 a 18 anos	Mariana A. C. do Nascimento Liana Maria I. do Monte Ranieri Flávio V de .Sousa Brenna G Fortes .Pessoa Alba da Silva Mateus Elaine F. do Nascimento	Research, Society and Development	2020

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Unimos os 19 artigos selecionados e focamos em verificar três características, quem desenvolveu a pesquisa na escola; qual foi a metodologia utilizada em tal pesquisa; e por último qual foi a temática central do trabalho de pesquisa. Portanto apresentaremos o que encontramos nessa ordem.

Sobre quem era o agente desenvolvedor da pesquisa na escola identificamos, 4 trabalhos cujo(a) próprio(a) professor(a) da turma realizou a pesquisa com os(as) estudantes; e os outros 16 trabalhos foram desenvolvidos por pesquisadores(as) externos(as) à escola, e que adentraram no ambiente escolar para desenvolver o próprio projeto de pesquisa.

Quando analisamos quais metodologias foram utilizadas nas pesquisas, identificamos e estabelecemos sete diferentes métodos: rodas de conversas, oficinas, dinâmicas, observações, entrevistas, análise após utilização de jogos, e questionários. Algumas pesquisas executaram mais de uma metodologia, neste caso contabilizamos separadamente. No quadro 4 trazemos os tipos de metodologias utilizadas nas pesquisas, e o número de trabalhos que desenvolveram tal metodologia, para abordar o tema da Educação Sexual.

Quadro 4- Quantidade de pesquisas de acordo com o tipo de Metodologia desenvolvida

Metodologia	Quantidade
Roda de conversa	6
Oficina	3
Dinâmica	3
Observação	3
Entrevista	3
Análise de jogo	2
Questionário	2

Fonte: elaborado pela autora (2021).

No quadro 5 apresentamos os seis temas centrais encontrados nos artigos; esses temas foram estabelecidos por nosso critério de análise, considerando que não é simples esse enquadramento, visto que os assuntos não são únicos e limitados, mas sim, perpassam várias outras temáticas e vão se ramificando. Entretanto para separar esses assuntos em categorias, tomamos como base uma temática principal, por mais que outras temáticas a atravessassem. Então temos, Infecções Sexualmente Transmissíveis e Contracepção; Sexualidade feminina; Relações afetiva-sexuais; Concepções sobre sexualidade ou sobre Educação Sexual; Educação Sexual e suas problemáticas; e Sexualidade masculina.

Quadro 5 – Categorias de acordo com a temática central dos artigos selecionados. 2016-2020.

	Temática central	
1	Infecções Sexualmente Transmissíveis – I.S.T.s e Contracepção	5
2	Sexualidade feminina	4
3	Relações afetiva-sexuais	4
4	Concepções sobre sexualidade ou sobre Educação Sexual	2
5	Educação Sexual e suas problemáticas	2
6	Sexualidade masculina	2

Fonte: elaborado pela autora (2021).

Fazendo uma sucinta análise de cada uma das três características procuradas, temos, com relação aos agentes desenvolvedores das pesquisas nas escolas, que eles provinham de áreas como, enfermagem, psicologia e medicina, e que encontram nos alunos e alunas um campo rico para poderem desenvolver seus trabalhos. Como professora, a partir desse lugar de

fala, generalizo dizendo que é costumeiro na rotina da escola haver parceiras com instituições e afins, que em cooperação com a gestão escolar viabilizam palestrantes com o intuito de abordar alguns assuntos; contudo seria adequado fazer um levantamento acerca das questões mais urgentes a serem tratadas nas escolas, e a partir delas focar em uma temática, o que nem sempre acontece, então o aluno tem a sensação que tal palestra surgiu do nada e é só uma oportunidade de sair da rotina da sala de aula, como será mencionado mais adiante em entrevista.

Tavares (2019), em seu trabalho analisando relatórios anuais de um Programa Educacional Sexual da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, desenvolvido em escolas locais, destacou que as intervenções externas como palestras, oficinas ou projetos realizados em escolas, no âmbito temático da sexualidade, são esporádicas e não se aprofundam no contexto da realidade do público, e infelizmente não são acompanhadas ao longo do tempo. Ele, portanto, gera uma reflexão sobre essas situações de palestras realizadas em escolas por agentes externos, sobre a quantidade e a qualidade dessas intervenções. Partindo dos resultados encontrados por nós juntamente com a reflexão de Tavares, conjecturamos que seria de grande valor para os alunos(as) que os próprios professores(as) fossem os agentes desenvolvedores de palestras ou afins, considerando que devido sua convivência com os(as) estudantes, eles(as) teriam maior possibilidade de acompanhar os desdobramentos de uma palestra por exemplo, e assim dar a devida sequência, conforme surgirem novas necessidades por parte dos(as) jovens.

Sobre as metodologias desenvolvidas, constatamos que as rodas de conversas foram a metodologia mais utilizadas para trabalhar a Educação Sexual trazendo o(a) estudante como protagonista. Inicialmente nós tínhamos o interesse em realizar roda de conversas como metodologia para nossa pesquisa, entretanto em virtude do isolamento social devido a pandemia do vírus Covid, foi necessário alterarmos os planos para entrevistas individuais *on-line*.

Desse modo, concordamos com Pinheiro (2020, p.3), quando diz que a roda de conversa tem uma intenção educativa por unir a pesquisa e a educação, além de ser “[...] estabelecida sob o propósito de dar voz aos sujeitos, visando possibilitar sua participação efetiva no processo, à medida que lhes são facultadas falas dialógicas pelas quais se espera o aporte de seus saberes.” Acreditamos que tal metodologia é vantajosa para que o(a) estudante possa se expressar livremente; algo que não ocorre com a utilização de questionário fechado por exemplo. Poder dar oportunidade para o(a) aluno(a) perguntar, opinar e conversar sobre um tema que talvez ele(a) não tenha abertura para tratar na família, é de grande valia para uma sociedade mais consciente nesta temática. E especialmente sobre a temática da sexualidade, Matos (2018), afirma que a roda de conversa estabelece uma ponte entre o assunto tratado e a vida real de

quem participa; principalmente entre os(as) jovens que estão aprendendo e construindo suas vivências sobre a sexualidade, mesmo que implicitamente.

A respeito dos assuntos que foram abordados nos artigos, vimos a predominância dos trabalhos com a temática das Infecções Sexualmente Transmissíveis e dos Métodos Contraceptivos. E podemos antecipar que de modo geral, quando se fala sobre Educação Sexual, esse é o assunto mais lembrado, e é o que tem maior prevalência nos livros didáticos de biologia, conforme veremos mais adiante nas nossas entrevistas e análises dos livros. Contudo, mesmo sendo um assunto lembrado pelos entrevistados(as), e abordado nos livros didáticos, Ciriaco *et al.* (2019)² considera que existe uma falta de conhecimento no assunto das I.S.Ts e afins, por causa do tabu existente na escola e na família, e acrescenta que a Educação Sexual de qualidade, não deve ser baseada unicamente na biologia e na prevenção, e sim num viés humano dentro do contexto sociocultural do jovem. “O modelo que aborda a sexualidade de maneira conservadora, enfatizando somente os aspectos biológicos e relacionados às patologias, só reforça uma imagem negativa historicamente imposta e contribui para uma repressão cada vez maior da liberdade sexual dos indivíduos.”. (CIRIACO *et al.*, 2019, pp. 76).

Durante nossa pesquisa, contabilizamos 2.148 resultados com os descritores estabelecidos; destes, somente 19 artigos foram selecionados, pois buscávamos artigos que primeiramente trouxessem o(a) aluno(a) como protagonista e que fosse relacionado com a educação sexual. Entretanto encontramos o(a) professor(a) como protagonista na maioria dos trabalhos.

Nas nossas entrevistas, procuramos nos distanciar dos assuntos sobre as I.S.Ts. e outros aspectos exclusivamente anatômicos, não por considerar sem importância, mas para darmos oportunidade para outros assuntos que atravessam a temática aflorem; entretanto não há como prever um caminho que o discurso de um(a) entrevistado(a) pode levar.

Na nossa pesquisa trabalhamos com egressos(as) do Ensino Médio, mesmo assim utilizamos artigos que contemplavam o Ensino Fundamental II, senão quase não teríamos material para análise. Temos consciência que deixamos de analisar muitos artigos que provavelmente continham excelentes materiais para investigação, entretanto era preciso estabelecer uma delimitação no levantamento bibliográfico.

A seguir, baseado no pressuposto de que o Projeto Político Pedagógico - PPP das escolas e os Planejamentos Anuais dos professores(as) de Biologia, poderiam nos fornecerem indícios

² Autora do artigo “A importância do conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) pelos adolescentes e a necessidade de uma abordagem que vá além das concepções biológica” indicado no quadro 3, número 12.

dos assuntos da Educação Sexual que foram abordados com os estudantes, trazemos o que encontramos nos mesmos, porém iniciamos com um breve apanhado histórico sobre a temática da Educação Sexual no nosso país.

3.2 Educação Sexual no Brasil: um breve apanhado histórico.

É esperado que a educação e os documentos que a direcionam, passem por edições e atualizações ao longo do tempo, e com relação aos temas que envolvem a Educação Sexual esperamos que haja avanços, entretanto, o que se observa é exatamente o contrário. Em seu trabalho, Barbosa, Viçosa e Folmer (2019), analisaram os seguintes documentos, Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências da Natureza com o Tema Transversal de Orientação Sexual, dos anos de 1997, 1998, 2001; também o Plano Nacional de Educação de 2001 até 2010, e, de 2014 até 2024, este último ainda vigente; além da Base Nacional Comum Curricular- BNCC de 2015, 2016 e 2017. Eles constataram que a Educação Sexual no século 20 apresentou uma redução do tema e afins, através de mecanismos do governo para intervir, calar, regular o que falar, e como falar, sobre esse tema nas escolas:

[...] através dos últimos documentos o governo tem utilizado do mecanismo de interdição e silenciamento para controlar e regular o que, como e quando falar sobre sexualidade nas escolas [...]. É necessário sair da zona de conforto e agir com urgência para modificarmos o atual cenário das propostas curriculares no Brasil. [...] para que possamos caminhar rumo a uma educação que possa formar cidadãos responsáveis, livres de preconceitos e tabus e que saibam, sobretudo, respeitar as diferenças. (BARBOSA, VIÇOSA e FOLMER, 2019, p.9)

Verificando especificamente a BNCC, constatou que nela não existe a palavra gênero, nem a palavra sexual, e no lugar temos, autocuidado, educar para a saúde, afetividade, ou seja, uma visão higienista e biológica, ao invés visão histórica e da subjetividade. Sendo a BNCC, um documento direcionador dos currículos escolares que rechaça a sexualidade associando-a exclusivamente a conceitos de saúde e qualidade de vida. (MONTEIRO e MOMESSO, 2021; BARBOSA, VIÇOSA e FOLMER, 2019; Brasil, 2018)

Historicamente de forma breve, a Educação Sexual no Brasil, foi incluída no currículo escolar a partir da década de 1960; posteriormente a partir das Diretrizes de Bases da Educação Brasileira, em 1971 foram promovidos programas de saúde na escola que enfatizavam a

prevenção de gravidez na adolescência e ISTs. Depois de 1992 a abordagem foi voltada para prevenção do Vírus da Imunodeficiência Humana – HIV. E no final da década de 1990, através dos Temas Transversais dos PCNs houve a intenção de um currículo mais aberto, que estimulasse um aprendizado relacionado com a vida real, que promovesse reflexões positivas sobre as questões da sexualidade. (BRASIL, 1997); (BARBOSA, VIÇOSA e FOLMER, 2019); (MONTEIRO e MOMESSO, 2021).

Apesar das expectativas positivas após a implantação dos temas transversais, a Educação Sexual continuou baseada no discurso médico e biológico, e não contempla questões culturais e históricas. Além de que os temas transversais, como seu próprio nome indica, deveria ser trabalhado na escola de modo conjunto entre vários componentes curriculares e não somente em Ciências, entretanto, na prática dificilmente isso acontece, assim como Monteiro e Momesso (2021, p. 245) reiteram:

Ao buscar como a sexualidade é tratada na BNCC, verificou-se um retrocesso e um recrudescimento em relação ao que foi proposto pelos PCN's de modo que a temática sexualidade foi relegada a seção de Ciências da Natureza, especificamente no componente curricular Ciências, ficando ausente nas demais áreas do conhecimento.

Particularmente sobre o Programa Nacional de Educação-PNE ainda vigente, aprovado em 25 de junho de 2014, pela Lei 13.005, é possível observar que as questões de gênero não foram mencionadas. Matos, relata o processo de esvaziamento que se observa na formação da sociedade:

Observa-se que houve uma significativa redução no caráter educativo da sexualidade, perdendo completamente seu caráter social, questionador e transformador ao apoiar suas ações apenas no combate à violência sexual. Não há mais discussões importantes em torno na construção de identidades, as relações de gênero e o combate ao preconceito. (MATOS, 2018, p.46)

Assim, é possível verificar nos documentos citados acima, que a Educação Sexual nas escolas, além de ser restrita a noções biologizantes e moralistas, lastimosamente, está sendo reduzida, cerceada, censurada, por aqueles que detêm as leis e são a parcela de uma sociedade conservadora que usam do discurso da moral e dos bons costumes para regular os saberes sobre a sexualidade. (MONTEIRO e MOMESSO, 2021).

Estamos de acordo com Barbosa, Viçosa e Folmer (2019); Monteiro e Momesso (2021), dentre outros autores, os quais afirmam que apesar do caminho de retração da temática da Educação Sexual verificado nos documentos oficiais supracitados, devemos sair da zona de conforto e agirmos logo, guiados pelo intuito de fomentar nos(as) estudantes a busca pelos seus

direitos, se defrontando com a realidade para promover mudanças estruturais com perspectivas coletivas, pois além do acesso à educação, deve haver equidade, para que os(as) jovens tenham um desenvolvimento integral a partir do seu contexto e necessidade específica. E melhor seria se houvesse um documento que considerasse a contemporaneidade humana e social, “mas, historicamente, a escola, por meio de seus segmentos, tem reproduzido os interesses do Estado e da sociedade como um todo.” (MONTEIRO e MOMESSO, 2021, p.245).

Isso posto, Furlanetto *et al.* (2018), apontam a necessidade do avanço na área da Educação Sexual nas escolas brasileiras, e ressaltam que esse tema deve estar sempre em pauta; ela sugere que casos de sucesso em outros países, sejam passíveis de modelos para a implementação de políticas públicas nacionais.

Apreciamos que sejam realizadas ações em defesa ao respeito da sexualidade, em sua forma mais ampla, assim como no caso em que o Supremo Tribunal Federal – STF, em acordo votado no mês de agosto de 2020 declarou inconstitucional uma emenda de lei³ que comprometia o acesso de crianças e adolescentes a conteúdos relevantes, pertinentes à sua vida íntima e social, e que continha uma série de contrassensos.⁴Nesse caso o relator ministro Luiz Roberto Barroso (2020, p.14) expõe que:

É na escola que se pode aprender que todos os seres humanos são dignos de igual respeito e consideração. O não enfrentamento do estigma e do preconceito nas escolas, principal espaço de aquisição de conhecimento e de socialização das crianças, contribui para a perpetuação de tais condutas e para a sistemática violação da autoestima e da dignidade de crianças e jovens. Não tratar de gênero e de orientação sexual na escola viola, portanto, o princípio da proteção integral assegurado pela Constituição.

Concordamos com Soares e Monteiro (2019), desde que seja para desconstruir preconceitos e colaborar de forma positiva para transformações da visão sociocultural, mesmo que seja mínima a intervenção, a Educação Sexual traz uma contribuição importante para uma sociedade mais justa e igualitária.

Manifestamos que os assuntos que permeiam a Educação Sexual, sejam tratados com um olhar mais cuidadoso e respeitoso, esclarecendo os(as) jovens e dando a eles(as) oportunidade, de expor sua opinião e principalmente serem atendidos. É importante que o(a)

³ Lei Orgânica nº 55, de 14 de setembro de 2018, do município de Londrina - Lei municipal que veda o ensino sobre gênero, bem como a utilização do conceito nas escolas entre outras disposições.

⁴Trechos da emenda para dar uma ideia do seu conteúdo, visto que ele não será disposto aqui na íntegra. [...]Não cabe a escola doutrinar sexualmente a criança [...]a teoria Queer ou teoria de gênero trata-se de uma mera hipótese[...] não é aceitável que utilizem as crianças londrinenses como “ratos de laboratório” [...] isso caracteriza-se como uma espécie de abuso infantil.

professor(a) proporcione oportunidades para descobrir as indagações e inquietações dos seus alunos e alunas especialmente a esse tema, para que o conhecimento não esteja limitado aos muros da escola, e sim, seja um saber que traz base e entendimento, que os(as) preparem para serem responsáveis em seus comportamentos sexuais, e nas suas atitudes perante adversidades da vida em sociedade. Portanto a cada dia, torna-se mais urgente a reinvenção do cotidiano escolar, proporcionando a construção de um espaço múltiplo, diverso e de experiências variadas, que devem compor a prática educativa baseada no respeito a todos.

3.3 Documentos escolares das escolas participantes: o que trazem sobre a Educação Sexual?

Retomando, o nosso segundo objetivo específico, analisar, os PPPs, os Planejamentos Anuais, e os livros didáticos de Biologia das escolas participantes, solicitamos ao supervisor da Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela e à supervisora do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos, acesso aos Projetos Político Pedagógicos dos anos de 2015 até 2020.

O Projeto Político Pedagógico - PPP, é um documento que serve para direcionar o estabelecimento educacional, e o trabalho realizado em todos os setores que estão envolvidos ou ligados a ele; assim, engloba situações desde administrativas, até as pedagógicas e políticas. Ele serve para definir relações estratégicas diante de situações vivenciadas na escola, por isso, o PPP deve ser um documento para constante consulta e revisão, além de gerador de debates, e não algo que é confeccionado e guardado. (GUEDES, 2021).

Buscávamos no PPP das escolas participantes, informações relacionadas ao componente curricular Biologia e mais especificamente à Educação Sexual. Fazemos o apontamento que mesmo eu sendo professora da escola, eu não tinha o conhecimento sobre o conteúdo na íntegra desse documento, visto que ele não é mantido exposto, o que não significa que ele é confidencial; mas lembrando que ele é um documento oficial que regulamenta e direciona o ensino.

A supervisora da escola José Francisco encaminhou via e-mail os projetos políticos pedagógicos da escola dos anos de 2015, 2016, 2018 e 2020. Todos os documentos foram analisados na íntegra, e observamos uma mudança na nomenclatura destes que passou de planos políticos pedagógicos - PPP, para projeto pedagógico – PP, no ano de 2020.

Observamos que os projetos políticos pedagógicos, informavam sobre a identificação da escola, a contextualização histórica da comunidade, os aspectos sociais, econômicos, culturais e geográficos; o histórico da escola, a caracterização dos estudantes, da equipe escolar, e as condições físicas e materiais da escola.

Eles continham, concepções de escola e de educação, o perfil de formação dos estudantes, o papel da escola e a definição de aprendizagem. Traziam aspectos organizacionais, dimensão pedagógica, aspectos administrativos, aspectos financeiros, indicadores de acesso, de fluxo, e de aprendizagem do ano. Neles constavam também o plano de ação e proposta curricular alinhada a BNCC, os fundamentos e organização curricular, e a proposta do plano de formação continuada de docentes da escola.

Após análises dos quatro (4) PPPs da escola José Francisco, nada encontramos sobre Educação Sexual, ademais não houve menção ao componente curricular de Biologia.

Já a escola Vilela encaminhou via e-mail três PPPs, que correspondiam ao ano de 2018, 2019 e 2020, neles, a nomenclatura passou de Projeto Pedagógico Escolar, para Projeto Pedagógico no último ano. A escola enviou, mesmo que não solicitado, um plano de ação da supervisão, um plano de trabalho da direção, e um plano estratégico, todos de 2019. Em análise desses três documentos extras, verificamos que se tratava de índices demonstrativos de aprovações e reprovações, e ações para possível melhoria dos mesmos.

Os PPPs de ambas as escolas possuíam uma estrutura bem semelhante, com alterações nas informações individuais de cada escola. No PPP da escola Vilela não foi encontrado nada que se fizesse menção a Educação Sexual, ou seja, nada relacionado aos temas dos componentes escolares. O que havia era, o nome da disciplina e a quantidade das aulas semanais de cada componente.

A falta de informação referente aos conteúdos dos componentes curriculares, corrobora com a necessidade de mais pesquisas e ações para pôr em prática a efetiva função desses documentos, como a de definir estratégias para situações específicas da escola e da comunidade escolar, é um documento que deveria ser de conhecimento de todos, de fácil acesso, e visível para constante consulta dos docentes e da comunidade escolar. (GUEDES, 2021). Todavia, tendo em vista as recentes alterações na BNCC, eventualmente as escolas estão fazendo as adequações necessárias.

Continuamos a busca, agora com o planejamento anual do professor, ou chamado também de plano de ensino, plano de curso; documento elaborado pelo professor(a) para direcionar seu trabalho ao longo do ano letivo, de acordo com cada turma que ele terá.

Em relação aos Planejamentos Anuais do componente curricular Biologia; pedimos para as supervisões das duas escolas esses documentos do período de 2015 até 2020. Apesar de eu ter sido professora e conseqüentemente autora de Planejamento Anuais de biologia dessas escolas, buscávamos com os supervisores, os planejamentos dos outros professores e professoras de biologia que também lecionavam na escola no período supracitado, pois cada profissional era responsável pelo seu planejamento.

A escola José Francisco, por intermédio da supervisora, nos encaminhou por e-mail, cinco Planejamentos Anuais, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. Ela informou que recebe vários Planejamentos de uma mesma disciplina, em virtude da quantidade de professores que lecionam o mesmo componente curricular, entretanto que armazena no banco de dados da escola somente um (1) Planejamento por componente curricular, pois, para a escola era suficiente ter um (1) Planejamento de cada disciplina, e não um (1) de cada professor.

Verificamos que todos os documentos continham conteúdos referentes ao 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio detalhados separadamente. Algo comum em todos os Planejamentos era uma listagem com o nome do conteúdo. Em alguns planejamentos os conteúdos estavam divididos por bimestre, totalizando quatro bimestres. Em outros, os conteúdos estavam em uma sequência que correspondia a mesma sequência dos conteúdos no sumário do livro didático vigente do respectivo ano.

Um detalhe encontrado nos Planejamentos dos anos de 2019 e 2020, foi que eles possuíam uma tabela de conteúdos com as habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Sobre essas habilidades encontradas, as que mais se aproximaram de conteúdos relacionados a Educação Sexual foram, a habilidade classificada com o código alfanumérico - EM13CNT207, que está descrita na BNCC como:

Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar. (BRASIL, 2018, p.557).

E a habilidade codificada como, EM13CNT305, que expõe:

Investigar e discutir o uso indevido de conhecimentos das Ciências da Natureza na justificativa de processos de discriminação, segregação e privação de direitos individuais e coletivos, em diferentes contextos sociais e históricos, para promover a equidade e o respeito à diversidade. (BNCC, 2018, p. 559).

Sobre o significado do código alfanumérico, utilizando esse último a título de exemplo, temos EM13CNT305, onde EM significa Ensino Médio; 13 significa que as habilidades desse

código podem ser utilizadas do primeiro ano até o terceiro ano; CNT significa Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e nesse ponto haveria diferenças de acordo com as áreas, sendo Linguagens e suas Tecnologias - LGG, Língua Portuguesa - LP, Matemática e suas Tecnologias - MAT, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas - CHS. E sobre os três últimos números, temos que, o primeiro se refere a competência (competência número 3) e os dois últimos números significam as habilidades.

Na escola Vilela o supervisor encaminhou via e-mail três Planejamentos Anuais, sendo todos eles do ano de 2019, um para cada ano do Ensino Médio; eles estavam com a autoria conjunta de duas professoras do componente curricular Biologia. Neles havia uma tabela dividida em quatro bimestres, contendo o eixo temático, seguido do conteúdo, das habilidades/competências, metodologia e recursos didáticos.

O conteúdo encontrado que mais se relacionou à Educação Sexual foram, sistema reprodutor masculino e feminino, métodos anticoncepcionais, e doenças sexualmente transmissíveis. Esses conteúdos estavam indicados na tabela para o 3º bimestre do 1º ano do Ensino Médio; não foram encontrados assuntos correspondentes à Educação Sexual nos Planejamentos Anuais do 2º e do 3º ano do Ensino Médio.

Fizemos uma análise comparativa dos conteúdos descritos no Planejamento Anual, com os conteúdos listados no sumário do livro de Biologia, constatamos uma correspondência dos assuntos, ou seja, o que estava no livro, estava no Planejamento Anual.

Dessa forma nossos achados estão em consonância com Sacristán (2013, p.31) quando afirma que:

O papel central que o livro didático assume no desenvolvimento do currículo, seu monopólio da informação ou do conhecimento nas aulas, a dependência que uma parcela importante do corpo docente tem nele, são outros componentes da abordagem reprodutora tradicional (que não é necessariamente tradicionalista). O livro didático se converteu no agente praticamente exclusivo do desenvolvimento do currículo [...].

Após as análises conjecturamos que os Planejamentos Anuais são confeccionados para cumprimento burocrático, e que seu conteúdo aparenta estar condicionado ao conteúdo do livro didático em utilização naquele ano. O que pode ser validado pela pesquisa de Pinheiro (2022, p.56): “Todavia, ficou claro que o documento não vem servindo para orientar o planejamento das aulas, já que, quando solicitamos aos(às) professores(as) os planos, alguns informaram que esse documento havia sido entregue às escolas e eles não o possuíam mais.”. Sendo assim o Planejamento Anual se desloca do objetivo de ser um direcionador dos conteúdos para o decorrer do ano, e muito menos retrata a realidade do que se pretende em sala de aula.

De maneira oposta as constatações, sugeriríamos que os conteúdos estabelecidos no Planejamento Anual estivessem o mais próximo possível dos anseios de aprendizagem cada turma, recomendamos que ele fosse elaborado talvez, após avaliações diagnósticas de cada turma. A propósito disso Orso (2015, p. 266) explica sobre a importância de se planejar precisamente qualquer ação em que se queira obter sucesso, inclusive no âmbito da educação “assim, também ocorre com o planejamento educacional, que é indispensável ao adequado desenvolvimento das atividades educativas. Contudo, para que seja relevante, pressupõe-se que seja exequível, que parta da realidade concreta e das condições objetivas.”.

Finalizamos a análise dos Planejamentos Anuais aconselhando na medida do possível, expandir a temática acerca da sexualidade de acordo com a necessidade de cada turma, para assim atender as lacunas de formação dos(as) estudantes e, se desvincule da dependência do livro didático ou pior, de uma aula sem sentido.

Em uma escala macro, temos os documentos direcionadores da educação a nível nacional como, BNCC, PCN, PNE, eles deveriam convergir para diminuir as desigualdades educacionais. Principalmente considerando aqueles que detêm o poder para determinar as regras, eles deveriam ter senso de responsabilidade e urgência em agir para minimizar as lacunas da educação. Portanto, concordamos plenamente com ambas as autoras quando discursam:

O atendimento educacional com equidade necessita superar a falsa igualdade empregada nos processos de uma sociedade tão desigual como a brasileira. Por isso, em vez de lutar apenas para que todos tenham acesso à educação, é preciso ir além, para que todos tenham acesso a um atendimento equitativo, para que possam desenvolver suas capacidades a partir de seu contexto e das necessidades específicas e contarem com um documento orientador que os auxilie no processo de democratização da educação brasileira. Mas historicamente, a escola, por meio de seus segmentos, tem reproduzido os interesses do Estado e da sociedade como um todo. (MONTEIRO e MOMESSO, 2019, p.245).

Na sequência, para encerramos o nosso segundo objetivo específico, trazemos as análises dos livros didáticos do componente curricular de biologia, utilizados nas duas escolas participantes, durante os anos de 2015 até 2020.

3.4 Livro Didático do Componente Curricular Biologia e a Educação Sexual ⁵

⁵ Esclarecermos que em 2022, está vigente o Novo Ensino Médio, portanto os conteúdos para cada ano escolar, se modificaram de acordo com os documentos reguladores, e de acordo com o livro didático escolhido para cada ano e por cada escola; entretanto, os(as) estudantes que participaram da nossa pesquisa estudaram anteriormente à

Sem perder de foco em nossos ex-alunos(as), egressos(as)-participantes da pesquisa, analisamos os livros didáticos de Biologia utilizados por eles(as), com o intuito de sermos mais assertivos para a partir das entrevistas, interpretarmos os seus discursos sobre os acontecimentos. Para Foucault (2020a), esse acontecimento se refere ao momento histórico em que determinado discurso se processa e aquilo que o envolve como, posições ideológicas defendidas ou recusadas, assim torna um momento único e inigualável.

Os livros didáticos cumprem um importante papel nas escolas, pois em muitos casos é o único material de aporte cujo(a) estudante tem acesso; além de poder ser um guia para o trabalho do(a) docente. Para Ferreira, Machado e Pedreira (2020), quando o livro traz textos que levam o(a) aluno(a) a refletir sobre situações sociais, problematizando um assunto e contextualizando-o para a vida em sociedade, o texto foi de valia.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD é um programa do Ministério da Educação do Brasil, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE instituído em 1997, que tem por objetivo principal avaliar e distribuir os livros didáticos de forma gratuita às escolas públicas. Os livros possuem ciclos de utilização de três anos, que vêm especificados na capa do livro; ou seja, um livro do PNLD de 2015, 2016, 2017 em teoria deveria ser utilizado nesse triênio (BRASIL, 2022). Entretanto na prática, percebo que eles são utilizados independente do triênio respectivo, pois às vezes, acontece de a escola não possuir a quantidade de livros suficientes para cada aluno, visto que a quantidade é baseada no número de matrículas do ano anterior, sendo assim, o livro é utilizado mesmo com data “vencida”, já que para alguns alunos(as), talvez seja o único material de consulta.

Na página do Programa Nacional do Livro e do Material Didático encontramos descrições detalhadas sobre o processo de avaliação dos livros didáticos do componente curricular de Biologia. De modo geral, ela é feita por aproximadamente 30 profissionais ligados ao ensino de Biologia, provenientes de várias regiões do Brasil, de acordo com a adequação do livro em vários critérios. Observamos por exemplo, que um dos critérios de avaliação depende se, a obra “Valoriza a compreensão de que os conhecimentos biológicos contribuem para o reconhecimento, o debate e o posicionamento sobre os direitos humanos de respeito à pluralidade e à diversidade de nacionalidade, etnia, gênero, classe social, cultura, crença

mudança. Então aqui, consideramos as análises de conteúdo dos livros didáticos do componente curricular Biologia da forma estava antes do Novo Ensino Médio – NEM.

religiosa, orientação sexual e opção política ou qualquer outra diferença”. Sendo motivo de eliminação o não enquadramento no critério. (PNLD, 2018, *on-line*⁶)

Em princípio podemos dizer que os livros que analisamos, não afrontam o critério exemplificado acima, ou seja, não há por exemplo, um desrespeito à etnia, gênero, classe social e afins, mas o fato de o livro não ser desrespeitoso, não é equivalente a dar o devido valor; da mesma forma que não desrespeitar, não é sinônimo de respeitar, haja visto que o livro não abordou, outras formas de famílias que não as heteronormativa por exemplo.

Para Remídio (2020, p. 55) “[...] o livro didático determina, modela e orienta as condutas, [...] reafirmando ou contestando os padrões culturais de gênero e de sexualidade válidos ou validados na sociedade.”. E o que pode ou não, estar contido nos livros, fica sob julgo do dispositivo de sexualidade, cujas práticas discursivas vão exercer uma atuação na sociedade controlando e regulando o que pode ou não ser dito; e elas estão sempre em atualização. (FOUCAULT, 2020a).

Ademais, nas fichas para avaliação dos livros didáticos, disponíveis para consulta no *site*, todos os critérios possuem uma marcação de, sim ou não; ou seja, se a característica sob análise existe ou não; e se sim, se ela está plenamente contemplada, parcialmente ou superficialmente. Por isso, podemos verificar um mesmo assunto, nos três livros, e ele estar plenamente contemplado em um, e superficialmente em outro.

Para a nossa pesquisa, fomos à biblioteca da escola Vilela, e recebemos como doação as duas coleções de livros do componente curricular Biologia que foram utilizadas no período de 2015 a 2020. Foram as coleções, Conexões com a Biologia e a Biologia Hoje. Cada coleção continha três livros didáticos; um para cada ano do Ensino Médio.

A coleção intitulada Conexões com a Biologia, da editora Moderna, correspondeu aos anos de 2015, 2016 e 2017 do PNLD, conforme a ilustração da capa do livro de volume 1 desta coleção - figura 4. Na análise desta coleção verificamos que dos três volumes da coleção, somente o volume 1 apresentou alguns conteúdos que pudéssemos correlacionar com o tema da Educação Sexual.

⁶ Fonte não paginada.

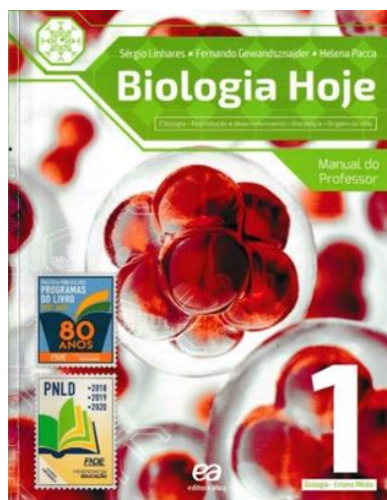
Figura 4- Capa do livro Conexões com a Biologia, volume 1- acervo próprio (2022)



Fonte: BRÖCKELMANN, R. H (Org.) Conexões com a Biologia. 1.ed. :São Paulo: Moderna.2013

A outra coleção utilizada na escola Vilela, foi a coleção Biologia Hoje da editora Ática, que se refere aos anos de 2018, 2019 e 2020 do PNLD, composta de três volumes, um para cada ano do Ensino Médio. Entretanto a escola Vilela informou que esta coleção foi utilizada de 2018 até 2021, devido à pandemia. Dentre os seus três volumes, os conteúdos que mais se correlatam com a Educação Sexual foram encontrados no volume 1, que é destinado ao 1º ano do Ensino Médio. A capa do livro didático que corresponde ao volume 1 está apresentada na figura 5.

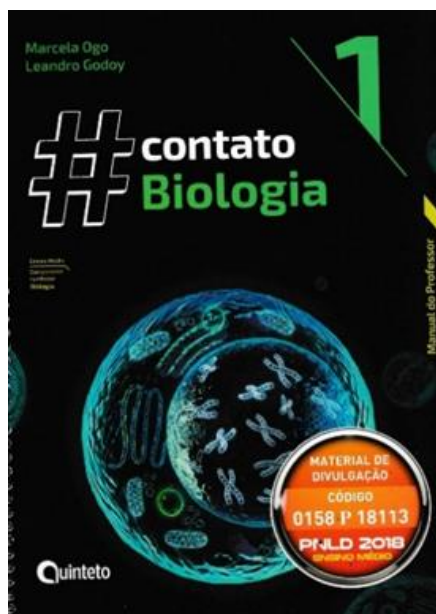
Figura 5- Capa do livro Biologia Hoje, volume 1- acervo próprio. (2022)



Fonte: LINHARES, S.; GEWANDSZNAJDER, F.; PACCA, H. Biologia Hoje. 3.ed. São Paulo: Ática.2016.

A escola José Francisco utilizou nos anos de 2015, 2016, e 2017, a coleção Conexões com a Biologia, a mesma adotada pela escola Vilela, cuja capa foi ilustrada anteriormente na figura 4. Nos anos de 2018, 2019 e 2020, a escola José Francisco utilizou a coleção Contato Biologia, da editora Quinteto, representada abaixo na figura 6.

Figura 6- Capa do livro Contato Biologia, volume 1 - acervo próprio. (2022)


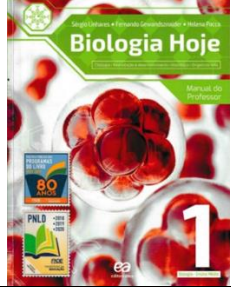
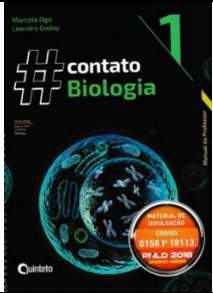


Fonte: OGO, M.; GODOY, L. Contato Biologia.1. ed. São Paulo: Quinteto;2016.

A partir de cada livro didático do componente curricular de Biologia, obtido na escola Vilela e na escola José Francisco, analisamos algumas características sobre os assuntos que mais se aproximam do que é categorizado como Educação Sexual. Sobre eles verificamos, se a temática estava por exemplo, no começo ou no final do livro; sob qual título ela estava denominada; quais assuntos estavam contemplados no livro; quais temas eram tratados nos textos complementares. Sobre estas verificações, trazemos um resumo no quadro 6 a seguir.

Quadro 6 – Características observadas nos livros didáticos de Biologia das escolas participantes

Nome da Coleção- Editora- Ano do PNLD	Conexões Com A Biologia	Biologia Hoje	Contato Biologia
	Editora Moderna 2015, 2016, 2017	Editora Ática 2018, 2019, 2020	Editora Quinteto 2018, 2019, 2020

Capa do volume 1			
Posição da temática dentro do livro	Inicial Unidade 1	Penúltima Unidade 4 Capítulo 12	Final Unidade 4 Capítulo 12 e 13
Título da unidade	As transformações do ser humano	Reprodução	Reprodução
Sumário	<p>1. Biologia e o estudo da vida É possível definir vida?</p> <p>2. Fases da vida humana Puberdade e adolescência</p> <p>3. Convivendo com a diversidade A origem complexa dos preconceitos Sexo biológico, identidade de gênero, e orientação sexual</p> <p>4. O sistema genital Morfologia e função do sistema genital masculino Morfologia e função do sistema genital feminino</p> <p>5. Ciclo ovariano mensal e fecundação Ciclo ovariano mensal Fecundação</p> <p>6. Gravidez e parto Gravidez Parto Gravidez na adolescência Aborto</p> <p>7. Métodos contraceptivos e DST Os métodos contraceptivos Doenças sexualmente transmissíveis</p>	<p>Reprodução</p> <p>1. Reprodução assexuada 2. Reprodução sexuada 3. Reprodução humana 4. Métodos anticoncepcionais 5. Doenças sexualmente transmissíveis</p>	<p>12. Reprodução humana <u>Sistemas genitais</u> Sistema genital masculino Sistema genital feminino Hormônios sexuais Ciclo menstrual Fecundação</p> <p>13. Métodos contraceptivos <u>Métodos contraceptivos naturais</u> Tabela Temperatura basal Coito interrompido Muco cervical <u>Métodos contraceptivos de barreira</u> Preservativo masculino Preservativo feminino Diafragma <u>Métodos contraceptivos hormonais</u> Pílula anticoncepcional Outros contraceptivos hormonais <u>DIU</u> <u>Métodos contraceptivos definitivos</u></p>
Textos complementares	<ul style="list-style-type: none"> - Rituais indígenas de iniciação - Cólica menstrual - Gêmeos - Saúde sexual - Médico ginecologista e obstetra - Ciclo ovariano mensal 	<ul style="list-style-type: none"> - Homossexualidade - Problemas no sistema genital masculino - Mulher, cuidados com o corpo - Aborto 	<ul style="list-style-type: none"> - Mutilação genital feminina - O papel da mulher na sociedade - TPM, menopausa, andropausa - Fertilização in vitro - Sexualidade e respeito - História do HIV - Pílula do dia seguinte - Adesivos anticoncepcionais - Filhos do HIV
Informações adicionais	Possui atividades complementares como: Projeto de vida de planejamento familiar Elaboração de um jornal científico	-----	Possui indicações de filmes, livros, documentários e sites

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Analisando comparativamente os três livros didáticos utilizados nas duas escolas, constatamos que a nossa temática de interesse, estava em diferentes posições em cada coleção, ou seja, não havia uma sequência correspondente entre os livros didáticos. Sobre isso, consideramos que a coleção “Conexões com a Biologia”, que aborda a temática logo no início do livro, é mais adequada do que as coleções que a trazem no final. Este fato talvez pareça irrelevante, todavia, na prática pode fazer diferença, por exemplo quando o professor utiliza a sequência do livro didático como guia para ordenar os assuntos durante o ano letivo, pode ser que não haja tempo hábil para que este assunto seja abordado no final do ano.

Sobre os assuntos abordados em cada livro, verificamos que há em comum os conteúdos sobre sistema genital, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Entretanto chamamos atenção para os assuntos denominados: A origem complexa dos preconceitos, sexo biológico, identidade de gênero, e orientação sexual, que são assuntos que consideramos relevantes para trabalhar com os(as) jovens em busca de uma sociedade mais respeitosa, e eles fazem parte do livro Conexões com a Biologia, no tema Convivendo com a diversidade; lamentavelmente, não encontramos nada semelhante, no livro Biologia Hoje, e no livro Contato Biologia, identificamos textos semelhantes, contudo eles não ficam dentro do corpo principal de textos, e sim como textos complementares que falaremos adiante.

Para não confundirmos o(a) leitor(a) estamos, abrimos um parêntese para explicar que a partir daqui traremos alguns discursos obtidos nas entrevistas para contribuir com o que estiver sendo abordado. E lembrando que todas as respostas, foram descritas na íntegra, conforme justificado na introdução.⁷

Na coleção Contato Biologia, utilizada nos anos de 2018, 2019 e 2020 na escola José Francisco, o assunto referente à Educação Sexual está na última unidade do livro, intitulada “Reprodução e Embriologia” e ela se inicia com a explicação da reprodução dos seres vivos de modo geral, a fecundação e desenvolvimento. No capítulo seguinte, denominado “Reprodução Humana”, o livro traz o assunto do “Sistema genital masculino e formação do espermatozoide”, do “Sistema genital feminino e a formação do gameta feminino”, seguidamente “Hormônios sexuais, ciclo menstrual e fecundação”. No último capítulo, dentro ainda da mesma unidade, encontramos os métodos contraceptivos de forma bem detalhada e ilustrada, finalizando com as doenças sexualmente transmissíveis de forma sucinta. A ex-aluna Deise, estudou com esse livro e quando indagada sobre suas lembranças dentro da temática, disse que lembrava, “sobre a gente se proteger na hora da relação sexual, que a gente tem que usar o preservativo, não só

⁷ Optamos em usar na pesquisa as palavras que compõem o arcabouço e vocabulário dos(as) ex-alunos(as), portanto não suprimimos, nem substituímos visto que são marcas da oralidade deles(as).

contra uma gravidez indesejada, mas por conta de doenças”. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

Na coleção *Biologia Hoje*, os textos são sucintos, e o assunto sobre a reprodução humana não está evidente, pelo contrário, ele vem depois de reprodução assexuada e sexuada. Há uma introdução sobre reprodução e puberdade feita em quatro parágrafos e em seguida, o assunto passa para “Sistema genital masculino e seus hormônios”; e na sequência encontramos, “Sistema genital feminino e o ciclo menstrual, e período fértil e gravidez”. A entrevistada Edna, estudou com esse livro e disse que lembrava sobre “métodos contraceptivos, doenças e ah... estudar sobre as partes íntimas”. (EDNA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 15/07/2022).

Com relação ao assunto sobre métodos contraceptivos, identificamos que a coleção *Biologia Hoje* traz imagens reais dos métodos, o que consideramos mais adequado se comparado com a coleção *Conexões com a Biologia*, que traz ilustrações como se fossem desenhos. Entretanto, a coleção *Biologia Hoje*, traz uma foto de uma camisinha feminina, mas não menciona nada sobre ela nos textos, cuja explicação aborda somente a masculina. A entrevistada Helena, estudou com o livro *Conexões com a Biologia* durante seu 1º ano do Ensino Médio e contou, “eu lembro vagamente das doenças transmissíveis, de como eu faço para precaver, que é a camisinha, que tem as pílulas, os remédios, dá questão também de engravidar, que tem o DIU, essas coisas, acho que é isso o que eu lembro”. (HELENA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 14/07/2022).

A entrevistada Ana, também estudou com o livro *Conexões com a Biologia*, volume 1 e relatou em sua entrevista, “eu lembro que estudei sobre as funções das partes íntimas masculina e feminina, mas nada relacionado com coisas específicas, como ejaculação, isso não aborda muito não. Lembro que abordou temas de prevenção, os métodos contraceptivos masculino e feminino”. (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022). Ela relacionou o livro com sua vida:

Eu já era insegura naquela época, e quando via aquelas fotos das doenças eu ficava com mais medo ainda, então era mais um motivo de eu me resguardar mais ainda, além da doutrina religiosa da minha família e por causa do comentário de ter cuidado para não pegar tal doença. Eu acho que como prevenção, você lê nos livros, mas tem que aprender mesmo na prática. Eu acho que faltou na escola aulas de como colocar a camisinha, na prática mesmo, pegar a camisinha e saber como colocar, isso não tem muito na escola (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022).

O ex-aluno João também estudou com o livro *Conexões com a Biologia* e se manifestou dizendo, “eu acho que a maioria dos livros colocam um monte de doenças, um monte coisas que dão medo que pode acontecer uma gravidez na adolescência, que isso vai atrasar sua vida, que o neném pode nascer com algum tipo de doença”. (JOÃO, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 16/07/2022).

Sobre o assunto *Doenças Sexualmente Transmissíveis*⁸, as coleções *Biologia Hoje* e *Conexões com a Biologia*, utilizadas na escola Vilela são semelhantes, ambas trazem dez infecções, e tratam o assunto resumidamente, a diferença é que a coleção *Biologia Hoje* traz imagens reais dos agentes causadores das doenças, ou seja, dos vírus, bactérias, protozoários e insetos, e a outra não traz nenhuma imagem.

A respeito das imagens que os livros didáticos podem conter sobre a temática das infecções, a ex-aluna Carla disse:

Acho que a pessoa fica amedrontada, se bobear até traumatiza e não quer transar nunca, porque a primeira imagem que você tem é uma vagina cheia de verruga, toda machucada você bate o olho e pensa, eu não quero isso pra mim; a forma como é exposto tudo, é meio assustador a forma como é apresentado, bem agressivo. (CARLA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 08/07/2022)

Ainda sobre as imagens ilustradas no livro, Natasha expõe:

Eu acho que tinha que mudar, se não for o professor ser muito aberto, você não aprende nada, fica tudo muito superficial, não tem como te deixar a vontade, ou de fazer você se sentir à vontade, parece que não é nosso aquilo, era desenho de uma perereca peluda, de um saco peludo; eu nunca vi tanto pelo, não parece que era nosso, parece que era de bicho. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Em trabalho exclusivamente de análise sobre a sexualidade em livros didáticos de biologia, Remídio (2020), conclui que na maioria dos livros, os sistemas genitais são mostrados separados do corpo, através de ilustrações bem diferente da realidade, o que distancia aquela ilustração com a realidade do corpo humano. Além de que os corpos presentes nos livros, não representam a diversidade existente na sociedade, pois são normalmente um corpo branco, com genital cor de rosa, sem marcas expressivas e seccionados.

⁸ Em novembro de 2016, a terminologia *Infecções Sexualmente Transmissíveis -ISTs* passou a ser adotada em substituição à expressão *Doenças Sexualmente Transmissíveis - DSTs*, porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/i/ist> . No texto estamos mantendo a mesma forma que se encontra do livro.

Fazendo um comparativo entre as duas coleções utilizadas na escola Vilela, observamos que a coleção *Biologia Hoje* possui textos mais reduzidos, com cerca de 5 parágrafos, se comparado com a coleção *Conexões com a Biologia*, com textos de aproximadamente 3 páginas, não queremos dizer que um texto maior é melhor, somente que um texto muito sucinto talvez não contemple as informações suficientemente.

Ainda comparando as duas coleções, observamos que na coleção *Conexões com a Biologia*, havia uma nota explicativa a respeito da pílula do dia seguinte, assunto esse que não foi mencionado na coleção *Biologia Hoje*, mesmo esta última, sendo mais atual. Ainda na coleção *Conexões*, encontramos no final do capítulo, uma atividade para confeccionar uma revista científica, com orientações sobre princípios de ética, direitos humanos, igualdade, respeito às diferenças culturais, de gênero, sexuais, éticas e religiosas; sendo que nenhuma atividade diferenciada estava presente na coleção *Biologia Hoje*.

Dessa maneira extrapolamos que o modo como o livro apresenta o assunto, e com quão importância trata o mesmo, está diretamente relacionado a memória dos(as) estudantes, tendo em vista que as lembranças dos entrevistados(as) que estudaram com a coleção *Biologia Hoje* são aparentemente mais vagas; a exemplo da ex-aluna Elsa, “que eu me lembro teve a reprodução humana, a explicação dos órgãos genitais tanto masculino quanto feminino, eu acho que só”. (ELSA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 10/07/2022).

Isso porque o(a) aluno(a) reflete o que foi ensinado ao longo da vida, age inconscientemente dentro da memória discursiva.

O livro didático da coleção *Biologia Hoje*, na versão do PNDL de 2015, 2016 e 2017, que é uma versão anterior a que nós analisamos, e a versão do PNDL de 2018, 2019 e 2020 a qual averiguamos, foi objeto de análise do trabalho desenvolvido por Ferreira, Machado e Pedreira (2020). Nele, os autores estabeleceram duas categorias, “Concepção Biologicista” e “Aspectos Sociais”. E sobre isso Ferreira, Machado e Pedreira (2020. p.8,) descrevem:

Para a categoria “Concepção Biologicista” foram considerados os seguintes conteúdos: ciclo menstrual, reprodução, métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Já para a categoria “Aspectos Sociais”, os conteúdos considerados foram: orientação sexual, identidade de gênero, aborto e planejamento familiar.

Os pesquisadores contabilizaram que o livro *Biologia Hoje* apresentou 12 vezes os conteúdos classificados na “concepção biologicista” no PNDL do ano de 2015 e, 11 vezes no PNDL de 2018. E no que tange aos conteúdos adequados a categoria de “aspectos sociais” como

orientação sexual, aborto e planejamento familiar, houve uma menção cada um, sendo que identidade de gênero não foi abordado nenhuma vez.

Para Remídio (2020) a necessidade de prevenir a gravidez na adolescência, faz com que seja permitido falar de sexo com os adolescentes, entretanto as sugere que as questões são outras, “percebe-se uma grande influência das questões de saúde pública nessa explosão discursiva sobre o sexo na escola, embora os enunciados emergentes não se limitem a tais questões” (REMÍDIO, 2020, p. 98).

Concordamos com Ferreira, Machado e Pedreira (2020), que concluíram que a categoria “concepção biologicista”, foi enfatizada em detrimento à “aspectos sociais”, e que isso também apareceu no livro manual do professor, quando a primeira categoria ganha referências para ajudar o professor abordar o tema e a outra não; além de que a primeira categoria tinha textos mais extensos e aprofundados, e a outra textos breves, descritivos e vagos.

Sobre os textos complementares que encontramos, destacamos o que o livro Contato Biologia trouxe, “Mutilação genital feminina”, “O papel da mulher na sociedade”, “TPM, menopausa e andropausa”, “Fertilização in vitro”, “Sexo e sexualidade”, “Preconceito e discriminação”, “Diversidade sexual, homofobia e transfobia”, “História do HIV e filhos do HIV”; acreditamos que todas as temáticas encontradas são relevantes, sobretudo o texto sobre mutilação feminina, um assunto não comumente abordado na cultura do nosso país, uma lástima que esses textos não estão no corpo do texto, e encontram-se em um quadro isolado, como nota de rodapé.

Através desses textos, percebemos uma perspectiva problematizadora e contextualizada com os assuntos da sociedade, assuntos esses que normalmente não aparecem retratados como conteúdo principal nos livros didáticos de Biologia. Consideramos que esses textos complementares, podem servir de respaldo para o(a) docente, caso haja infortunadamente um questionamento acerca do seu trabalho, por parte da comunidade escolar.

Concluimos através das análises comparativas das coleções, que a coleção Conexões com a Biologia, trouxe como um todo, os assuntos relativos à Educação Sexual em uma versão mais adequada do que as outras duas, isso porque traz os assuntos em um capítulo exclusivo, e no início do livro, além do mais, contextualiza os assuntos, aborda as fases da vida humana, em especial a puberdade; e traz a questão de se conviver com a diversidade, explicando sobre a origem do preconceito, a definição do sexo biológico, da identidade de gênero e da orientação sexual. Também foi a menos restrita à conteúdos anatômicos e fisiológicos, trazendo textos com um olhar conectado com a realidade da sociedade, pois conforme Barbosa, Viçosa e Folmer (2019, p.7):

[...] não podemos permanecer com uma educação sexual restrita apenas às questões biológicas, mas uma educação sexual que possa além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, promover discussões que incluam os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade sexual.

Lembrando que não temos a intenção de depreciar os conteúdos de Biologia, nem tão pouco quantificá-los ou compará-los com os de outros componentes curriculares, mas sim jogar luz sobre o fato de que, tais conteúdos poderiam ser mais bem aproveitados, serem mais problematizados, correlacionados com o etnoconhecimento dos(as) estudantes, propiciando pontos de abertura que favorecessem aos(às) alunos(as) expor suas dúvidas e vivências por vezes conflitantes com relação a sexualidade. Acertadamente Monteiro e Momesso (2021, p. 244) discursam, “Com base no que é uma civilização ideal, fantástica, imaginária de que a educação brasileira pode ser justa, inclusiva e de qualidade, é importante refletir sobre o processo de mudança oriundo da implementação da Base Nacional Comum Curricular”.

Pois sobre a interface entre a Biologia e a sociedade, e sobre as complexidades das relações sociais e das construções culturais, não deveríamos refletir a sociedade sob um dualismo, ou seja, somente biológico ou somente social, Senkevics e Polidoro (2012, p.20) afirmam que:

Essas ressalvas apontam as dificuldades em se tecer estudos que transitem entre o biológico e o social. Sugerem, também, que não é possível suprimir um em prol do outro, tampouco separá-los para evitar interfaces problemáticas, visto que as ciências biológicas frequentemente debruçam-se em aspectos compartilhados com as ciências sociais e vice-versa. A grande questão é: como entendê-las em conjunto, especialmente ao se tratar de um tema de suma importância para as duas ciências?

Talvez um caminho para responder a essa pergunta seja, não entrar em um jogo de embate, ou seja, não confrontar, não trabalhar a sexualidade de forma a promover o embate. Pois, se falarmos sobre sexualidade forçando que o outro aceite, ele vai nos repelir, é preciso manter um equilíbrio. Logo, há uma linguagem peculiar para se comunicar sobre sexualidade e “igualmente, existe uma abordagem particular e um tipo especial de saber a ser transmitido, pois em se tratando de questões consideradas problemáticas que se relacionam à moralidade, nem tudo é permitido às instituições escolares.” (MONTEIRO e MOMESSO, 2021, p. 245).

Usando a perspectiva de saber-poder de Foucault (2020a), o(a) professor(a) torna-se um exemplo do poder que existe no controle das relações, pois eles que decidem sobre o que se quer, se pode, ou se deve ensinar. Inclusive podemos desdobrar esse micropoder para o livro

didático. Quem o elaborou? O que se quis dizer? Quem o escolheu? Então, na postura de intelectuais precisamos entender o jogo, e não jogar o jogo.

Trazendo para âmbito do micropoder, relacionando este com o individual, temos no ambiente escolar o estudo da Educação Sexual de certa forma dependente do(a) professor(a) que leciona, então está nele(a) o poder. Isso é plausível com a fala da Natasha:

Eu acho que o livro que deveria trazer mais aprofundados algumas coisas. Porque tem coisas que não dá pra gente entender sozinho, e o professor que tem uma didática livre para fazer o que quiser, mas parece que é um assunto que o professor quer passar correndo, que ele tem medo de falar. Até porque se no livro não vier, não tem problema, o professor é livre para explicar, pois esse assunto é muito importante, em pleno século 21 tem muitas pessoas que não sabem, não entendem e não tem quem explique; e nem todo mundo tem internet, além das informações erradas. Eu acho que tudo deveria partir do material didático e do professor, ele pegar um vídeo, uma foto, uma situação, e levar esse assunto mais a sério; porque para outro assunto ele cria slide, monta apresentação, faz cartaz, pede pra gente apresentar, porque desse assunto não? (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Apesar disso, não podemos responsabilizar somente os macros poderes que interdita ou delimitam o que falar sobre Educação Sexual. Devemos considerar que, para que um poder funcione, não basta que haja pressões de forças externas, precisa se atingir a dimensão subjetiva do poder, onde o sujeito convencido pelo poder, passa a atuar na sua subjetividade e passa a se conformar com as determinações do poder. (FOUCAULT, 2020a).

Mas afinal, há como especificar o que é, ou deve ser, a Educação Sexual? Não talvez de maneira tão específica, contudo traremos alguns conceitos em seguida.

4. EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE

*Se a sexualidade se constituiu como domínio a conhecer,
foi a partir de relações de poder que a instituíram como objeto possível;
e em troca se o poder pôde tomá-la como alvo,
foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber
procedimentos discursivos.*
(FOUCAULT, 2020a, p. 107)

4.1. Conceitos de Educação Sexual e Sexualidade

Quais autores recorrer quando se pretende analisar, refletir e dialogar sobre os vários aspectos da sexualidade? Há muitos nomes para se recorrer, contudo valemo-nos de Michel Foucault, o filósofo que empreendeu uma pesquisa histórica, estabelecendo uma antropologia e uma análise dos discursos acerca da sexualidade na sociedade ocidental, tão fundamental para a condição humana e de sua obra História da Sexualidade que é reconhecidamente um dos trabalhos mais importantes do pensador e fonte de pesquisa e consulta para milhares de estudiosos.

Além dele, apoiamo-nos em Guacira Lopes Louro, pesquisadora, professora doutora de História da Educação, umas das fundadoras e coordenadoras do Grupo de Estudos de Educação

e *Relações de Gênero*⁹ de 1990, ainda nos baseamos em Mary Neide Damico Figueiró¹⁰, psicóloga, especialista em educação sexual, e autora de vários livros sobre o tema.

Foucault (2020a), em sua obra *História da sexualidade*, desenvolve toda uma análise histórica do mundo ocidental e elucida como chegamos ao lugar em que estamos, nos ajuda entender as bases da sexualidade atual e principalmente as raízes dos tabus que a envolvem tanto séculos depois.

No volume um (1), *Vontade de saber*, o autor busca desconstruir a ideia de que a sociedade moderna é marcada por uma repressão sexual, um esconder do sexo e da sexualidade que teria imposto uma interdição, uma inexistência e um mutismo, ou seja, é proibido, não existe, e não falamos.

Ele nos leva a sair do conformismo que conduz à uma sociedade extremamente repressiva e desrespeitosa a qual exclui ou aniquila o que é visto como fora do padrão. Foucault (2020a, p.39) considera que o problema foi a sociedade ter tratado o sexo como um segredo; assim ele sustenta, “que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”. E devido a isso, Foucault, alega que o simples fato de falarmos de sexo, é como se fosse uma transgressão.

Segundo o autor, “por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou casuais.” (FOUCAULT, 2020a, p.26). Ele declara que o sexo não é somente julgado, e que inclusive se transforma em problema de gestão pública, devido ao surgimento das populações “[...]natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de habitat [...] Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico.” (FOUCAULT, 2020a, p.27, 29).

⁹ Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero -, criado pela prof.^a Guacira Lopes Louro em 1990, constituindo-se em um grupo de docentes e estudantes ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio-Grande do Sul – Brasil, reconhecido pelo CNPq como uma instância acadêmica formadora de pesquisadores/as, reunindo estudantes e docentes interessados em investigar e discutir questões relacionadas a gênero, sexualidade, etnia, educação, em suas múltiplas e complexas articulações. Mais informações sobre o grupo estão disponíveis no link: <https://www.ufrgs.br/geerge/>

¹⁰ Atuou como professora no Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, desde 1980, com atuação vinculada ao campo da Educação Sexual. Aposentada atuou como professora sênior desenvolvendo pesquisas sobre aborto. Atualmente ministra palestras e minicursos. O acesso ao seu portal pode ser feito pelo link: <https://www.maryneidefigueiro.com.br/>

Foucault (2020a), não é o primeiro a falar de sexo, mas o primeiro a falar sobre sexo de forma discursiva. Ele investiga o que chama de “poder-saber-prazer”, pois pretende desvelar os mecanismos de poder, que estão ocultos no nosso discurso sobre o sexo; os mecanismos de poder que envolvem os saberes; e os discursos de saberes que envolvem a questão do prazer. Para o autor, existe um dispositivo da sexualidade, em que, o que está em jogo é o sujeito que se marca pela sexualidade, a qual é exercida em um emaranhado de poder.

Então, o que está em jogo é o poder, e o sexo em discurso. Há o poder, há o desejo, e há uma repressão. O poder tem o ordenamento jurídico sobre a sexualidade, ele reprime o sexo através do direito da lei da normatividade, entretanto onde há poder, também há resistência.

Nós tratamos a sexualidade como um tabu, agimos como se não pudéssemos falar sobre o assunto de modo livre e abertamente, e pensamos que há sobre isso uma repressão que sempre existiu, porém será ela um tabu?

De acordo com Louro (2020), o conceito de sexo está ligado ao biológico, as marcações das diferenças físicas e biológicas entre homens e mulheres. Já a sexualidade está relacionada à forma como os sujeitos vivem, os prazeres, os desejos, os arranjos amorosos, então, envolvem rituais, linguagens e códigos. Sendo construída socialmente, sendo vivida diferentemente entre as sociedades, sendo expressa de modo diferente entre as épocas.

Para Figueiró (2018), a sexualidade é muito mais abrangente do que o sexo, o sexo é a relação sexual. Já a sexualidade engloba sexo, prazer, afetividade, corpo, comunicação verbal e não verbal. Para ela, há outros elementos que integram a sexualidade como, gênero, identidade sexual, identidade de gênero e orientação sexual. Dentro da sexualidade, as normas e os valores culturais são primordiais, estas normas morais, às vezes religiosas regem os comportamentos sexuais, e elas variam entre os países, as culturas, entre as épocas e são passíveis de mudança, o que faz essencial uma Educação Sexual para ensinar os jovens a pensar criticamente os aspectos da sexualidade.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2013, p.7) “a educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade”. A Educação em Sexualidade como é tratada pela UNESCO, tem por objetivo garantir que todos os jovens desenvolvam os conhecimentos e habilidades para fazer escolhas conscientes saudáveis e seguras sobre relacionamentos e sexualidade. A Educação em Sexualidade sempre esteve presente em muitas culturas, geralmente os membros da família ensinavam os jovens sobre puberdade, sexo e relacionamento; agora, à medida que as sociedades mudam, a responsabilidade está sendo cada

vez mais dividida entre funcionários da saúde, professores e escolas. Ela analisa o desenvolvimento humano em cada fase da vida, incluindo dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais. Ela dá ao jovem a chance de pensar criticamente sobre gênero e o seu papel dentro da cultura e da sua sociedade. Ensinando sobre a tolerância, não violência, respeito, igualdade e empatia. A Educação em Sexualidade, muda valores, atitudes e decisões sobre relacionamentos, incluindo relacionamentos sexuais saudáveis. (UNESCO, 2013).

No entendimento de Figueiró (2018), Educação Sexual é ensinar a pensar; é dar a oportunidade de a criança conversar sobre os assuntos relativos à sexualidade, assim ela irá crescer com uma visão bonita do corpo.

Fundamentados em autores que tomamos como balizadores durante a pesquisa, nós construímos nosso conceito de Educação Sexual. Primeiramente consideramos que seria mais adequado substituir a nomenclatura de Educação Sexual, para Educação para a Sexualidade. Isto posto, conceituamos, Educação para a Sexualidade é a educação que atua no contexto da pessoa de modo equitativo, para que esta se aproprie dos assuntos que por hora são tratados como tabus, e assim vivenciar a plenitude da sexualidade, com a liberdade de quem conhece e respeita a si próprio, e conseqüentemente a todos.

Surge então, Louro (2019, p.113), nos desestabilizando quando nos incita a refletir:

As formas pelas quais nós falamos sobre sexualidade e as formas pelas quais nós tentamos produzir significados a partir dos corpos de outros nos deveriam estimular a fazer novas questões: o que é imaginado quando o sexo é imaginado e o que é imaginado quando aquilo que é eufemisticamente chamado de “educação sexual” é imaginado?

Em suma, pensamos que Educação Sexual na escola envolve cidadania, direito e relações sociais, portanto ela não está limitada aos órgãos genitais, doenças ou ao ato sexual, mas, a sua amplitude que envolve as novas configurações identitárias, a liberdade de ser e agir, os modos plurais de ser, o domínio de si e de um corpo saudável, e sobretudo o respeito ao outro. Inclusive concordamos com Remídio (2020, p. 109) quando sustenta que:

É possível inferir que há a necessidade em problematizar o discurso biológico sobre questões de corpo, gênero e sexualidade, e sua influência nas práticas de ensino de educação sexual e uma educação para a diversidade, pois os conceitos apresentados nesta área de conhecimento são apresentados como sendo neutros e objetivos, mas na realidade, se baseiam em binarismo e normalizações que geram exclusões.

Na sequência propiciamos uma maior conexão com os alunos e as alunas que rememoraram através das narrativas dadas durante as entrevistas, alguns fatos da adolescência de cada um.

4.2 Adolescência: Eu Tinha Medo, Era Coisa de Outro Mundo, Era Bicho de Sete Cabeças¹¹

*Pode assim acontecer que
aquilo que pensamos ser a nossa verdade
não seja senão o eco de uma voz que não é nossa,
que vem de fora e que apenas reproduzimos.
(VASCONCELOS, 1985, p.6)*

O mergulho mais valoroso desta pesquisa está em falarmos sobre o que nossos(as) ex-alunos(as) contaram sobre suas mais profundas vivências relativas à sexualidade, ou a uma Educação Sexual que talvez tenha sido incompleta. Então, eu te convido vivenciar respeitosamente uma pouco dos anseios, das dúvidas e angústias, de cada participante abriu verdadeiramente o coração durante as entrevistas.

Estamos falando dos assuntos de Educação Sexual que foram “ensinados” no primeiro ano do Ensino Médio, dentro da disciplina de Biologia, nas duas (2) escolas participantes, utilizando os livros analisados anteriormente. Sobre o que esses(as) ex-alunos(as) supostamente aprenderam? Sobre o que eles(as) lembram? Eles(as) se dispuseram a conversar sobre suas memórias, suas percepções, sobre o que lembram da sua adolescência, na época de Ensino Médio. Reencontramos esses(as) ex-alunos(as), agora com 18 a 24 anos, com outra visão de mundo, com experiências próprias, e te convido a adentrar nessa jornada.

Relembrando que os(as) nove (9) alunos(as) entrevistados(as) estão identificados(as) com pseudônimos para permanecerem anônimos como previsto pelo TCLE. E que as entrevistas foram transcritas na íntegra para não ocorrer alteração de significado durante interpretação, conforme dito na introdução. Ademais, na medida do possível, colocamos as narrativas na mesma sequência para facilitar o(a) leitor(a) acompanhar o raciocínio de cada entrevistado(a).

Ressaltamos que não temos a intenção de julgar como certo ou errado, ou fazer juízo de valor sobre o que foi dito, estamos despidos do certo ou errado, do bom ou do mal; e que quando comentamos sobre o que foi dito, temos a intenção de entender o que foi dito e o porquê foi

¹¹ Trecho retirado da resposta da Natasha. O discurso na íntegra encontra-se no quadro 8.

dito, contextualizando com a realidade e com nossos autores base; problematizando os discursos e não brigando com eles. Vamos?

Durante as entrevistas indagamos ao(à) nosso(a) ex-aluno(a) um pouco sobre a sua fase de adolescência. Especificamente sobre “como ele(a) se sentia em relação ao seu corpo”, tivemos similaridade nas respostas, pois a maioria deles(as) se sentiam inseguros(as) e muitos(a) fizeram menção ao tal corpo padrão. Colocamos todos os relatos no quadro .7

Quadro 7 – A relação dos(as) ex-alunos(as) com seu corpo durante o período de adolescência

Pseudônimo	Respostas
Ana	Eu era bem insegura...porque assim... lá pelos meus 16,17anos eu era bem magrinha, e ninguém achava que eu já tinha essa idade. eu acho que meu corpo levou mais tempo para se formar, foi mais demorado e eu era bem insegura comigo.
Carla	Eu me sentia horrorosa, eu tinha vergonha de me olhar no espelho, não conseguia de jeito nenhum... não tinha aceitação, não tinha um corpo padrão ... tinha que ter um corpo padrão... bundão, peitão, cintura fina, eu nunca tive essas coisas, então eu era fora do padrão. assim, por mais que eu namorasse eu tinha muita vergonha, quando ia pra piscina eu não usava biquini, era short e camisa porque eu não tinha que mostrar nada, eu não me sentia bem com meu corpo.
Deise	Ah, bem seca, muito magra, até hoje, eu me sentia muito magrinha, eu nunca liguei muito pro meu corpo, eu só me sentia muito magra, eu nunca me liguei muito pra aparência, eu me sentia bem porque eu não me preocupava muito com essas coisas de namoro.
Elsa	Me sentia num campo totalmente estranho, não tinha tanto conhecimento, não sabia nada, porque em casa eu não tive aquela educação, era um tabu, foi um momento de descoberta, foi estranho, fui me conhecendo a partir dos 14 ou 15 anos, eu tinha muita insegurança com meu corpo, nossa!! Alguém para me ver pelada era malemé minha mãe e olhe lá ainda, se eu pudesse me vestir de burca estava ótimo, tinha muita insegurança com meu corpo. Mas depois com o tempo fui me conhecendo, sabendo das coisas e agora está mais tranquilo
Edna	Ah...bem...eu me sinto bem e me sentia bem.
Helena	Eu, ah! eu não me sentia bem não, na verdade eu ainda estou trabalhando isso; eu não me sentia bem com meu corpo não, na verdade eu queria ficar magra, eu queria emagrecer, queria me sentir bonita.
João	Eu me achava uma pessoa normal.
Natasha	era tranquila, mas teve uma época que meu peito começou a sair leite, a minha mãe ficou achando que eu estava grávida, mas aí fiz um exame e viu que estava alterado o hormônio da cabeça lá, a prolactina
Nilda	A gente nunca estava satisfeito, a gente olhava e tudo era defeito; e eu vejo que isso é bem comum, e hoje também como a gente tem muita influência dos artistas, sempre colocando peito, colocando bunda, cintura fina; e isso mexe muito com a cabeça, porque a gente acha que nunca está no padrão.

Fonte: Elaboração própria de acordo com as respostas dos(as) participantes (2022).

Percebemos pelas respostas de algumas ex-alunas, a relação entre a própria aparência com a preocupação e a necessidade de estar dentro de padrões estabelecidos pela sociedade

como padrões de beleza e de adequação. Essas respostas podem ser analisadas sob o aspecto da influência que as mídias exercem sobre as pessoas, aqui especialmente sobre os(as) adolescentes que estão em processo de formação de opinião e podem ser influenciados pelo que circula nas mídias. Em revisão de literatura, Tomaz *et. al.* (2020); Matos e Oliveira (2022), destacam que a influência das mídias na formação de jovens, e na construção de corpos idealizados como padrões, é ilusório e irreal, além de que essa alusão ao modelo de corpo ideal, pode implicar na construção subjetiva de si. Sobretudo é capaz de desencadear sentimentos negativos de insatisfação corporal principalmente nas adolescentes; algo que para Miranda *et. al.*, (2011), está sendo um problema evidente em várias regiões do mundo.

Neste sentido, a educação para a sexualidade pode ser um recurso para ampliar a reflexão sobre o assunto, tecer ações de cuidado de modo que cada indivíduo possa aceitar-se como único, como reafirmam Brandl Neto e Campos (2010, p. 89):

Este corpo construído no inconsciente das pessoas pelo poder midiático, está influenciando de maneira perversa a auto-estima e auto-imagem dos pré-adolescentes e adolescentes, principalmente em relação ao corpo feminino, causando um sofrimento psíquico. No nosso modo de entender, se faz necessário estar presente no currículo escolar conteúdos que proporcionem discussões/debates sobre o corpo historicamente construído, que questionem as atuais transformações que o corpo vem sofrendo: a objetalização, a fragmentação, a mercantilização,[...] Provocando reflexões de como a mídia interfere nesta cultura de consumo em um sistema capitalista, pois, não podemos esquecer que a escola encontra-se imersa em uma sociedade marcada por uma cultura consumista, que vem produzindo mudanças bruscas em relação aos valores individuais e coletivos.

Apesar dessa padronização gerar uma pobreza na ideia de como os(as) adolescentes constroem de seus corpos, uma educação para a sexualidade com reflexões sobre as dimensões políticas e sociais, desprovidas de preconceitos podem ser um campo fértil para jovens com potencial para transmutar os padrões estabelecidos pela sociedade. É nesse momento que a Educação Sexual pode atuar, possibilitando o aprimoramento do indivíduo para que cada pessoa primeiramente respeite a si nas suas individualidades e características, e conseqüentemente respeite a todos. (FIGUEIRÓ, 2019).

Saindo da esfera individual, perguntamos aos entrevistados(as), quais eram os assuntos referente a temática da Educação Sexual que percorriam o seu círculo de amizade no período de Ensino Médio na escola; e dessa vez tivemos variações nas repostas, portanto todas estão descritas no quadro 8.

Pseudônimo	Respostas
Ana	Ah...bom, eu vou falar de dois pontos, porque eu tinha dois tipos de amizades da época. Na época eu não era sexualmente ativa, e as minhas amigas eram, então elas comentavam como tinha sido com o menino, toda aquela animação da primeira vez e tal; e na época eu descobri que tinha um amigo gay, e foi uma descoberta para mim sobre isso, e como ele era meu amigo, ele comentava também sobre a vida dele, e eu ia descobrindo sobre isso.
Carla	O ato sexual em si, a galera falava que não sabia identificar o que era um orgasmo... falava certas coisas que hoje em dia dá para identificar que era abuso do cara, que fazia às vezes contra a vontade só para agradar, tipo assim: Ah! eu não quero transar, você vai sim, você é minha namorada, você tem obrigação, ou assim, tá tranquilo, a gente transa sem camisinha, mas na hora eu tiro de dentro ou começou transar com camisinha e acabou sem; teve até colega que saiu grávida nessa brincadeira, tive uma colega que tomou o dobro de pílulas do dia seguinte com medo de engravidar.
Deise	Nossa eu tô bem antiquinha, porque os moleques que eu andava, eles não faziam não, a gente nem conversava disso, a gente não conversava disso não, sinceramente; a gente era bobinho, a gente não tinha essa curiosidade. Os meninos falavam que ficavam, mas era só beijo na boca.
Elsa	Falavam da primeira vez, como é que aconteceu, se usou camisinha ou não, se toma anticoncepcional ou não, essas coisas.
Edna	Era muita besteira e sobre atos sexuais, nada de métodos contraceptivos ou a educação em si; por exemplo, que pegou qualquer uma, não usou proteção, só foi por alegria, só por ter o prazer de ir e mostrar pra todo mundo e teve relação, tanto de meninas e de meninos, dos dois.
Helena	Ah! era algo que era muito normal para eles, no meu meio já tinha menina que até tinha engravidado, pessoal que ia até casar, tipo assim que já morava junto, era algo que já era natural, tipo assim normal. O assunto era farrá, tipo assim, beber, fazer sexo mesmo, conhecer várias pessoas... não se importavam.
João	Conversavam da sexualidade mesmo, tipo masculino e feminino, gay, lésbica, é quando a gente está se descobrindo mesmo. Exemplo...sou homem hétero, sou homem gay, sou uma mulher hetero, sou uma mulher bi, assim.
Natasha	Chegou um período que a gente perguntava sobre chupar, sexo oral se engravidava pelo estômago, ainda mais que o menino da nossa sala tinha uma tatuagem em cima do pau, escrito “me chupa” e tinha uma linguinha desenhada, ele mostrou pra toda a sala.
Nilda	Olha, eu lembro que a gente tinha uma colega que era casada, e na roda de meninas, as perguntas sempre que uma ou outra fazia pra ela era sobre a curiosidade sobre o órgão do homem, como é que ficava.

Fonte: Elaboração própria de acordo com as respostas dos(as) participantes (2022).

Podemos observar que os temas de conversas na escola lembrados durante as entrevistas foram bem variados. Destacamos, a primeira relação sexual, a descoberta da orientação sexual, situações de abusos que só foram percebidos posteriormente, sexo oral e a curiosidade sobre o pênis durante a relação sexual.

Nos referindo sobre o ato de conversar, falar sobre sexualidade, Foucault (2020a, p. 11), chama de benefício do locutor:

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem entrega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordenada a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura.

Ele acrescenta que existe um comportamento diferenciado quando estamos falando sobre sexo, “Daí a solenidade com que se fala, hoje em dia, do sexo. [...]. Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose [...]”. (FOUCAULT, 2020a, p. 11).

Tendo em consideração a sexualidade ser além de pessoal, também social, faz parte dela fatores como nacionalidade, geração, religião, dentre outros, tal como Louro (2019) exemplifica, descrevendo sobre sua época de juventude, onde acreditava que assuntos sobre a sexualidade deveriam ser compartilhados com quem tivesse intimidade e de modo reservado, pois era algo pessoal. No tocante as transformações culturais no decorrer dos tempos, trazemos a narrativa da ex-aluna Deise, que aos 20 anos e com espontaneidade, discursa:

Hoje em dia a maioria do pessoal sabe desse assunto. Olha eu acho que precisa estar bem nítido nos livros essas imagens, eu acho que tem que ensinar sobre a doença e a gravidez indesejada; essas informações sempre venham ter nas escolas. E explicar mais as situações como o sexo anal, o sexo oral, não precisa ser bem explícito, mas precisa falar, jogar na hora, porque hoje em dia a sociedade, vamos dizer todo mundo sabe disso, hoje em dia não é mais um bicho de 7 cabeças, igual pra nós era; pra mim quando abria um livro e via aquelas imagens, fechava na hora, “gente o que é isso aqui, um piu-piu aqui”, não posso ver isso aqui, não tô na idade; mas hoje já com a sociedade diferente daquela época, os professores devem falar mais. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

A respeito dessa relação que a Deise faz sobre as mudanças ao longo do tempo nos modos como os jovens se posicionam ao falar sobre a sexualidade, suscitamos Foucault (2020a, p.15) “é de esperar, portanto que os efeitos de liberação a respeito desse poder repressivo demorem a ser manifestar; o fato de falar-se do sexo livremente e aceitá-lo em sua realidade é tão estranho à linguagem direta de toda uma história, hoje milenar, [...]”.

De fato, conforme os tempos mudam, mudam os comportamentos, nesse caso do sexo, Louro (2019, p.9), afirma sobre sua juventude que o sexo era um privilégio da vida adulta e com alguém do sexo oposto; então ela nos induz a reflexão quando indaga, “mas, até chegar esse momento, o que se fazia? [...] Em que instâncias se “aprendia” sobre sexo? O que se sabia? Que sentimentos se associavam a tudo isso?”

Não temos o intuito de responder essas questões, mas sim, levar em consideração que os(as) adolescentes deste tempo, com ou sem experiências sexuais, poderão em algum momento, conversar sobre sexo, tentando sanar suas dúvidas, seja procurando informações na internet ou perguntando aos colegas, então temos aí, um campo fértil para uma educação sexual

que possa elucidar assuntos da sexualidade a tempo deles(as) não se tornarem adultos(as) desinformados(as). Porém, para isso é preciso haver receptividade, interesse e formação por parte dos(as) professores(as).

Até porque não são somente os adolescentes dos tempos atuais que têm dúvidas, curiosidades e afins a respeito do campo da sexualidade, conforme elucidada Foucault:

Mas ainda há mais: o sexo do colegial passa a ser, no decorrer do século XVIII- e mais particularmente do que o dos adolescentes em geral-, um problema público. Os médicos se dirigem aos diretores dos estabelecimentos e aos professores, também dão conselhos às famílias; os pedagogos fazem projetos e os submetem às autoridades [...]; (FOUCAULT, 2020a, p. 32).

De todas as respostas obtidas no quadro acima sobre quais eram os assuntos entre amigos na época do Ensino Médio, temos os questionamentos a respeito da virgindade e da primeira relação sexual aparecendo nos discursos de Ana, Carla e Elsa, sobre ambos, apoiamos em Figueiró (2018, p.29) que fomenta a discussão sobre virgindade anunciando “[...] até que ponto a decisão é mesmo com autonomia e liberdade? Até que ponto não é uma posição influenciada pela igreja, pela família ou sociedade?”. À vista disso Foucault (2020a), expõe a transformação dos discursos ao longo da história, e exemplifica que a partir do século XVI houve uma proliferação e uma incitação dos discursos sobre o sexo, principalmente relacionado à prática da confissão, onde se articulava um discurso cuja a pessoa confessava as suas questões mais profundas e secretas sobre o sexo, como se ele fosse algo perigoso, sobre o qual não se tem controle e precisa ser confessado.

Atravessados nestes cenários, e tentando estabelecer um paralelo com a educação, concordamos com Figueiró (2018) quando certifica que a Educação Sexual deve trabalhar a sexualidade, e não o sexo, ensinando o(a) jovem a pensar a sexualidade no contexto em que ele(a) está inserido, considerando a cultura e as normas que a direcionam, para quem assim, ele(a) possa refletir se essas normas fazem sentido, se são para o bem da sociedade, se são opressoras, e o que pode ser mudado. E complementamos fazendo a observação que nas análises dos livros, não encontramos, nem nos textos complementares, abordagens sobre a perspectiva da virgindade ou da primeira relação sexual, o mais próximo que havia disto era uma imagem indicando o hímen.

Na sequência, questionamos nossos(as) ex-alunos(as) sobre as dúvidas mais comuns que perpassavam sua vida, na época da adolescência a respeito da sexualidade, destacamos a título de exemplo, três¹² respostas, começando com a resposta da Natasha:

Eu tinha uma dúvida sobre o pênis do homem, aquele negócio de glânde, essas coisas assim, o meu sonho era ver, era um espetáculo, um museu aquilo, e aí eu queria saber se era duro, se era mole, se parecia uma gelatina, a consistência. Eu só tirei essa dúvida, depois dos 19 anos, quando eu perdi a virgindade, eu tinha medo, pensei que ia me morder. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Refletindo sobre o discurso de Natasha, que teve sua dúvida sanada somente após perder a virgindade, trazemos Louro aparada em Britzman (2019), onde explica que os(as) alunos(as) na escola não se envolvem em um diálogo franco, isto porque tudo na escola está ligado de certa forma à avaliação, assim os alunos dão respostas esperadas que ficam limitadas no campo do certo ou errado; pois na escola, ensinar fatos se torna mais importante do que compreender questões íntimas. A autora acrescenta que, se não fossem as formas autoritárias de interação social que impedem e não estimulam os(as) alunos(as), as direções das discussões seriam surpreendentes. Ademais, a partir das análises dos livros didáticos, podemos inferir que, se as imagens do corpo, fossem imagens reais, acompanhadas de textos com descrições mais detalhadas, ao invés de ilustrações esquematizadas que por vezes não correspondem com a realidade, provavelmente a aluna teria sanado sua dúvida:

Os corpos presentes nos livros didáticos podem se aproximar dos corpos humanos quando são abordadas em suas dimensões culturais e sociais ou quando são representados de maneira a valorizar as individualidades humanas. Ao seguir padrões étnicos e biotípicos universais abordando o corpo através de um determinismo biológico os corpos didáticos afastam-se dos corpos humanos – “reais”. (REMÍDIO (2020, p. 41, grifo do autor).

Retomando sobre as dúvidas, trazemos as outras duas respostas, o ex-aluno João disse, “no caso o que mais pega mesmo, é sobre as doenças, batia uma dúvida de como se pega, se transmite, os sintomas.” (JOÃO, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 16/07/2022). E a Elsa disse “o mais perigoso mesmo é uma doença, acho que é mais grave que o filho, porque quando fala em doença, eu já penso em AIDS, dá um medo; e tem pessoa que não tá nem aí, que quando descobre que tá doente mesmo, aí que ela quer passar pra todo mundo.” (ELSA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 10/07/2022).

¹² Infelizmente com será possível colocar as respostas de todos os(as) entrevistados(as), considerando tivemos 9 participantes e que foram feitas 17 perguntas.

A partir destas narrativas abordando as infecções sexualmente transmissíveis, fundamentamo-nos em Foucault (2020a), o qual enuncia que a problemática das doenças, está inserida nas noções higienistas, sobre as quais ele denomina de *Scientia sexualis*, a ciência sexual, sob a qual estabeleciam os discursos e procedimentos, visando normas e regulações que passaram a analisar os corpos e os comportamentos, para classificá-los em, dentro dos padrões ou desviantes do padrão. Foucault alerta sobre a *scientia sexualis* ser respaldada praticamente no imaginário, considerando como patologias, as menores oscilações de sexualidade, como pequenas e solitárias manias. E se não fosse o bastante:

[...] arvorava-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas da assepsia, os grandes mitos evolucionistas às modernas instituições da saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastar abastardadas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentava como “verdade”. (FOUCAULT, 2020a, p. 60).

Essa ciência era feita de esquivas, pois era incapaz de falar do próprio sexo, mas falava sobre aberrações, perversões, extravagâncias, sempre atrelada à uma moral de normas médicas que, com o pretexto de dizer a verdade, instaurava o medo, já que a pessoa, segundo ela, ao menor desvio de padrão, estava condenando suas gerações. Como, o que se fizesse hoje de errado, ou melhor, fora do padrão, prejudicasse toda uma geração futura. (FOUCAULT, 2020a).

Na pergunta seguinte, pedimos os(as) ex-alunos(as) para que comentassem como se sentiam na sua adolescência em relação a sua sexualidade, colocamos no quadro 9, a íntegra das respostas de todos.

Quadro 9- Sua sexualidade na adolescência

Pseudônimo	Respostas
Ana	No passado, como eu vim de uma família muito religiosa, eu sempre fui muito protegida nessa parte, aí vem a insegurança da sua primeira vez, se deve ter ou não. Na época eu não cheguei a duvidar nada da minha sexualidade; conforme vai passando a vida a gente vai vendo que não é daquela forma como eu vivia no meu mundinho, que é mais amplo, então eu acho que hoje eu vivi muito mais coisa, questioneei muito mais coisa do que naquela época.
Carla	Acho que a Carla adolescente era meio lésbica e não sabia... [risos]... estava com menino porque tinha que ser aceita pela sociedade; tinha que ser do jeitinho dela, fechadona, não precisa mostrar nada, se quiser gostar de mim vai ter que gostar do meu cérebro. Depois de umas experiências sexuais eu vi não era meio lésbica nada não, era só frescura no cú mesmo.
Deise	Antes eu não fazia nada, era criança, mas hoje tá diferente, só que eu tenho dificuldades pra gozar, nossa professora eu tenho que estar muito concentrada sabe? Eu fico preocupada será que tô com mal cheiro ou fazendo cara feia, ainda mais depois que meu namorado começou brochar.

Elsa	Eu estava meio termo ainda, tranquila e um pouco insegura, porque foi quando eu comecei a explorar digamos assim, eu não tinha relação sexual ativa, mas já tinha perdido. Não tinha ativa, ativa não. Eu perdi com 14 anos e depois nunca mais fiz, porque fiquei com medo do meu corpo mudar, porque tem aquela história dos antigos, que quando você perde a virgindade seu corpo muda, que dá pra ver, aí eu fiquei com medo de fazer e as pessoas perceberem que eu não era virgem. Daí eu só desencanei depois com 16 anos, porque eu já estava no ensino médio, já sabia as coisas e tinha a questão da confiança no meu namorado na época.
Edna	Eu já era assumida, então eu era bem resolvida com minha sexualidade, eu me assumi bi em 2018, eu me assumi antes de ter relação sexual, eu fiquei muito bem, minha família me acolheu e tudo mais, eu não tive problema nenhum; na verdade, não fui eu quem contei, eu estava num jantar aqui em casa e contaram pra minha família, mas minha família já desconfiava. Eu nunca tive dúvidas, eu sempre senti atração pelos 2 sexos. A minha primeira relação aos 17 foi com homem; eu tive a primeira relação com homem e a segunda com mulher.
Helena	Naquela época não me conformava com meio jeito não, queria me encaixar num padrãozinho.
João	Eu sempre me identifiquei como uma pessoa gay, eu sempre gostei de menino, desde sempre, desde meu primeiro ano do ensino médio e aí quando foi no segundo ano eu comecei a ficar com menina, não sentia atração por menino, não sei se foi por medo porque estava em uma escola nova, não sei o que aconteceu, mas depois voltei a gostar de menino.
Natasha	Eu tinha medo, pra mim tudo ia engravidar, eu falava que só ia fazer depois de casar porque eu tinha medo de engravidar, porque nada era contraceptivo, eu tinha medo, era coisa de outro mundo, era bicho de sete cabeças.
Nilda	Eu não sei se eu parava pra pensar como é que eu sentia, era um assunto tão proibido que a gente reprimia até pensamento. Eu era muito assim de não me achar bonita suficiente, e a questão até daquela concorrência entre as meninas da mesma idade, do bairro, e não sei o que, era um sentimento de inferioridade.

Fonte: Elaboração própria de acordo com as respostas dos(as) participantes (2022).

Observamos que não há uma regularidade nos assuntos trazidos, diante disso usaremos a resposta da Carla, como princípio das discussões a seguir. No tocante a Carla achar que era lésbica, e depois descobrir não ser, trazemos Muller (2000), esclarecendo que, o que ela vivenciou é classificada de homossexualidade secundária, ou situacional, onde por exemplo, o jovem pode experimentar e vivenciar situações, com o intuito de se certificar da sua orientação sexual. Acrescenta que é preferível, que estas situações sejam vivenciadas em um período que anteceda o casamento, para não haver frustrações.

Dessa maneira, Carla relata que suas experiências homossexuais foram passageiras, e, posteriormente ela se identificou como sendo heterossexual; ao contrário de Edna, que relatou nunca ter tido dúvidas sobre sua sexualidade, sendo ela bissexual, o que por sua vez, Muller (2000), categoriza como homossexualidade primária, ou seja, inerente a pessoa.

Sobre a homossexualidade Foucault (2020a, p.48-49) expõe:

“A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior,

hermafroditismo da alma. Engajadas no corpo, transformadas em caráter profundo dos indivíduos, as extravagâncias sexuais sobrepõem-se à tecnologia da saúde e do patológico. E, inversamente, a partir do momento em que passam a ser "coisa médica" ou "medicalizável", como lesão, disfunção ou sintoma [...]”.

Em consonância com o discurso de Foucault supracitado, trazemos a experiência de João, ex-aluno que se identifica com gay¹³ e narra:

Eu já sofri muito bullying por causa da minha sexualidade, na época que eu estava no sexto ano, tinha um menino que ficava brigando comigo e falando bichinha. Era sempre o mesmo, eu sempre ficava na minha, eu só falava com minha mãe e as vezes com a diretora. Aí no Ensino Médio foi mais de boa, porque todo mundo me aceitava do jeito que eu era. (JOÃO, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 16/07/2022).

Constatamos nos artigos arrolados na revisão bibliográfica, que o assunto homofobia foi pouco abordado como tema de pesquisa na qual o(a) aluno(a) está como protagonista, o que não significa que seja menos importante, pelo contrário, é factível, como está explícito na experiência marcante vivida pelo ex-aluno João.

Desviando levemente o foco da adolescência, teremos a partir de então, as discussões acerca do contexto escolar concomitantemente à sexualidade, nos aspectos evidenciados por cada egresso(a)-participante durante suas narrativas.

4.3 Aprendi com a Vida, mas Poderia Ter Aprendido na Escola

*Mesmo onde estudantes estão desesperadamente
desejando ser tocados pelo conhecimento,
professores e professoras ainda têm medo do desafio,
ainda deixam que suas preocupações
sobre perda de controle
e prevaleçam sobre seus desejos de ensinar.
(LOURO, 2019, p.155).*

Peço a licença para iniciar confessando que, em um capítulo destinado a conhecer sobre o que meus alunos e alunas aprenderam na vida, mas poderiam ter aprendido na escola, gera em mim uma sensação de fracasso, de responsabilidade. E bom seria se eu pudesse voltar no tempo e fazer melhor, entretanto apego-me na esperança de que com a colaboração dos meus

¹³ Sua identificação está relatada no quadro 6.

ex-alunos(as) hoje, eu possa almejar melhores perspectivas para aqueles(as) alunos e alunas que estão por vir.

A sexualidade é um tabu?

Não seremos pretenciosos a ponto de pensar que existe uma resposta única e verdadeira sobre isso, pois cada sujeito sob o dispositivo do poder-saber, terá sua interpretação baseado no dispositivo da sexualidade. Para Foucault, (2020a). o dispositivo da sexualidade, além de controlar os discursos, estão sempre em atualização, e o que está em jogo é o poder sobre o sexo em discurso. Esse poder reprime o sexo através do direito da lei da normatividade, assim quem fala sobre sexualidade é colocado como rebelde.

Então a sexualidade é uma construção histórico social e ideológica assim como o discurso, por isso ele não é “natural”, pois, se fosse natural todas as culturas teriam práticas sociais da mesma forma, entretanto, o que é permitido em uma cultura não é permitido na outra. (FOUCAULT, 2020a).

Na história da sexualidade, Foucault (2020a, p. 125), observando o contexto, interpreta o que estava acontecendo e o porquê, e analisa sem julgamentos. Em síntese temos que no decorrer do século 17 era o “[...] nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; [...]”. No século 18, o sexo sai do domínio da igreja e vai para outros campos do saber como, da medicina, da pedagogia, da demografia com as fraudes contra a procriação que interferiam no tamanho das populações, a saber:

[...] se desenvolvia ao longo de três eixos: o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade específica da criança; o da medicina, com a fisiologia sexual própria das mulheres como objetivo; e, enfim, o da demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada nos nascimentos. (FOUCAULT, 2020a, p.126).

A partir do século 19, há uma separação entre a medicina do sexo e a medicina das perversões, as quais:

[...]colocavam o sexo (as relações sexuais, as doenças venéreas, as alianças matrimoniais, as perversões) em posição de “responsabilidade biológica” com relação à espécie; não somente o sexo podia ser afetado por suas próprias doenças, mas, se não fosse controlado, podia transmitir doenças ou criá-las para as gerações futuras; ele aparecia, assim, na origem de todo um capital patológico da espécie. Daí o projeto médico, mas também político, de organizar uma gestão estatal dos casamentos, nascimentos e sobrevivências; o sexo e sua fecundidade devem ser administrados. A medicina das perversões e os programas de eugenia foram, na tecnologia do sexo, as duas grandes inovações da segunda metade do século XIX. (FOUCAULT, 2020a. p. 128).

Após o século 20, ocorre um afrouxamento. Todavia, o dispositivo de sexualidade ocorre em todos os séculos, mas, de modos diferentes, e sempre sob o julgo do poder-saber; poder este, que vai no alvo da sexualidade, por isso que certos tipos de sexualidade são proibidos, pois é uma forma de controlar a vida. Os discursos do sexo, da sexualidade são permanentemente suscitados, tanto hoje na mídia das redes sociais, como na época nos salões, está sempre se falando da sexualidade. Foucault, pensando nas questões éticas e estéticas do sujeito na sociedade, afirma que o controle acontece nos corpos e nos prazeres, e não no sexo. Portanto há uma ilusão de que somos livres para falar de sexo. (FOUCAULT, 2020a).

Segundo Figueiró (2018), uma das explicações para que os assuntos ligados à sexualidade ainda sejam tratados como tabu, está no ponto sociocultural, e existe uma omissão em falar com naturalidade, aquilo que leva ao pudor. Nós acrescentaríamos que existe uma dubiedade entre a sociedade expor a sexualidade nas mídias, e a mesma sociedade se omitir em falar da sexualidade de modo formal, de maneira a educar, de instruir, com a ressalva de que estamos falando de uma instrução baseada na normalidade, na naturalidade e não no medo e na punição.

Para Foucault (2020 a, 25), o sexo não é um tabu. “[...]Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia.” Para ele o que existe são dispositivos de controle que regulam o que falar, quando falar, como falar, quem pode falar, e para que falar:

Entretanto, por volta do século XVIII nasce uma incitação política, econômica, técnica, a falar do sexo. E não tanto sob a forma de uma teoria geral da sexualidade, mas sob forma de análise, de contabilidade, de classificação e de especificação, através de pesquisas quantitativas ou casuais. (FOUCAULT, 2020a, p.26).

Entendemos ser imprescindível respeitar a opção de cada pessoa em falar sobre sexualidade ou não, portanto não devemos entrar em um movimento intimidatório. Logo, nada mais sensato do que ouvir o que tem a dizer, aqueles que querem dizer, os ex-alunos(as).

Entramos no cerne da pesquisa quando perguntamos, “quais temas ou assuntos da Educação Sexual ou relacionados, que você acha que não foram abordados em sala de aula e você acredita que seriam importantes para contribuir na sua vida?”

Ana se referiu ao ato sexual em si:

São tantos, deixa eu ver...eu acho que sobre o sexo, que não é abordado em sala de aula, essa parte sobre a relação sexual mesmo entre o homem e a mulher não é uma

parte abordada, acho que os professores têm medo de falar, eles falam mais sobre temas de gravidez, de prevenção, mas nunca precisamente sobre o momento, tipo assim, sobre onde a mulher sente prazer, esses temas mais específicos. (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022).

Atentamos ao discurso de Ana, questionando sobre o porquê não é ensinado sobre o prazer feminino, trazemos aqui um recorte de Foucault, relatando sobre o livro “O Pedagogo” de Clemente de Alexandria, no qual havia prescrições para os cristãos, ensinamentos por vezes emprestados de filósofos pagãos, mas sempre acompanhados por citações de Moises, Levítico e Ezequiel, cujos escritos eram o caminho para a salvação, “[...] quanto ao princípio de busca do prazer, por si só, mesmo no casamento, é contrária a razão [...]”. (FOUCAULT, 2020c, p.29). “Clemente pode definir as grandes regras éticas que devem presidir as relações dos cônjuges: a ligação entre eles não deve ser da ordem do prazer e da volúpia[...]”. Desta maneira o casamento era somente para a procriação. (FOUCAULT, 2020c, p.34-35).

Considerando que as sociedades constroem diferentemente suas culturas, falando nesse caso sobre o prazer, Foucault analisa exemplos em sociedades como a China, o Japão, Índia, Roma e nações árabico-muçumanas, nelas havia a *ars erotica*, que tratava do aspecto do prazer, onde ele era levado em consideração, em relação a si mesmo, assim, deveria ser conhecido, praticado e tomado como experiência, “[...] e, portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma.” (FOUCAULT, 2020a, p. 64).

Fazendo um paralelo do assunto levantado por Ana sobre a relação sexual em si, com as análises das coleções neste trabalho, constatamos que infelizmente não encontramos nada que fosse relacionado ao ato sexual, no seu aspecto comportamental, por exemplo, sequer nos textos complementares que ocasionalmente traziam outras temáticas que não as higienistas.

Deise especificou sobre o sexo anal e o problema das infecções vaginais:

É que tipo assim, eu não sabia que tinha como fazer anal, e que no momento que você fez a relação anal, não pode introduzir na vagina, porque isso pode trazer doenças, causar infecções, bactérias é isso; e aí no momento do fogo, do calor, a pessoa não tá nem aí, mas depois no amanhecer no dia a pessoa vai ver a consequência, vai dar uma bactéria, uma infecção, aí complica tudo. E o tal da mulher, como é que pode, parece que é o chama das infecções, porque lá na vagina é um lugar bem delicado, tem que tomar maior cuidado, você tem que andar muito na linha, porque se você deslizar já dá uma bactéria, já dá um corrimento, já dá uma infecçãozinha entendeu? (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

Sobre essa narrativa presumimos que, se o(a) adolescente utiliza meios inadequados como fonte de aprendizado, se é que se pode assim dizer, possivelmente não terá consciência

do problema que Deise exemplifica. Talvez não compreenderia que não há problema em se ter uma relação sexual vaginal e seguidamente uma relação anal, sendo que o contrário não deve ser realizado sem higienizar o corpo. Quando Deise citou sobre sexo anal, inevitavelmente recordei de uma aluna que me explicava sobre ela precisar se manter virgem devido sua religião, e que para isso nunca havia feito sexo vaginal, somente anal. Percebemos então, o quanto os conceitos podem ficar deturpados, e o quão valioso seria se houvesse uma Educação Sexual adequada.

Abrindo um parêntese para eu poder contextualizar a partir das minhas experiências em lecionar sobre o assunto do sexo anal, e, triangulando com as análises dos livros didáticos, eu te pergunto, encontramos alguma abordagem sobre sexo anal no livro? Pois então, não encontramos, em tal caso, normalmente eu aproveito o ensejo quando estou no assunto do sistema digestório, especificamente sobre o intestino, e abordo a questão sobre o sexo anal.

Natasha fez um relato referente a uma amiga e a si, suscitando o uso do absorvente interno:

Uma amiga minha tem relação sexual com O.B¹⁴ quando ela está menstruada, ela faz pra não sujar, mas machuca tanto ela quanto ele, aí o ginecologista explicou pra ela como era lá dentro, o colo do útero, colocou uma câmera pra ela ver e ela estava me explicando. Eu lembro que no primeiro ano do ensino médio, eu tomei a vacina HPV pra prevenção do câncer do colo do útero, mas eu não sabia onde era o colo do útero, na apostila aparecia aquelas pererecas com pelos, ridículas, mas não explicava como era o canal, essas coisas assim, e eu vejo que hoje é importante informações sobre infecção. Eu tenho medo de O.B porque minha mãe me assustou sobre infecção; eu acho que na sala de aula deveria ter mais termos técnicos como por exemplo, o hímen, o que ele é, como é rompido, ali dentro tem o colo do útero, sobre os pontos de prazer. No livro tem o desenho das trompas, mas tudo muito superficial, a matéria não pode ser explicada só por cima, porque tem meninas que não sabem a diferença de útero para ovário, tem meninas que acham que a menstruação sai pelo xixi. E outra coisa, eu fiquei uma aula inteira discutindo com um professor que a mulher tinha 3 buracos, o do xixi, o da perereca e o do cú, são 3 buracos, aí ele disse que o do xixi não é um buraco, que é um canal, sei lá o que... mas como o xixi vai sair então, por wi-fi? É algo tão sério que até hoje eu questiono. Pra mim é um buraco sim, aí eu fiquei apelidada de 3 buracos. Você viu no big brother¹⁵ uma participante que colocou um O.B no canal vaginal pra fazer uma prova porque achava que o xixi saía pelo canal vaginal? Se tivesse um conteúdo explicando tudo isso... porque educação sexual não é só sexo, é sobre você estar entendendo seu corpo, olha só, fica uma pessoa adulta com dúvida. Agora eu tô usando o O.B no meu período fértil, porque eu passo o dia fora de casa, porque haja calcinha pra ficar trocando, aí eu fico trocando o O.B, eu posso passar o dia fora de casa que eu não fico fedendo; já o protetor diário as vezes, ainda molha a calcinha, parece que é xixi de tanta secreção. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

No discurso de Natasha, identificamos uma problemática que envolve o

¹⁴ Marca registrada de absorvente interno.

¹⁵ Versão brasileira do reality show produzido e exibido pela emissora de TV Rede Globo.

desconhecimento as anatomia e fisiologia do corpo feminino. Um corpo que pode ser desconhecido por si próprio, mesmo a mulher podendo observar seu corpo, ou pior, observando, mas não entendendo a sua fisiologia. Avaliamos, de acordo com os livros didáticos, que existe a apresentação do conteúdo sobre a anatomia e fisiologia do que Natasha menciona, porém os assuntos são tratados separados, ou seja, no sistema excretor explica-se sobre a uretra, que é o canal por onde sai a urina, e no sistema genital aborda o canal vaginal, além de que o ânus só é mencionado no sistema digestório, portanto se tomarmos como base a estruturação do livro, é compreensível as dúvidas de Natasha.

E sobre a circunstância de manter relações sexuais durante o período menstrual, Foucault nos ajuda a entender o princípio de como isto se tornou vedado; para tal, voltamos com os prescritos de Clemente, justificando o porquê deveria manter abstinência de relações sexuais durante o período menstrual:

[...] Não é conforme à razão sujar com as impurezas do corpo a parte mais fecunda do esperma, que pode logo se tornar um ser humano, afogá-lo no escoamento turvo e impuro da matéria: é o germe possível de um nascimento feliz que assim é roubado dos sulcos da matriz. (FOUCAULT 2020c, p.57).

Conforme Foucault (2020c), se tratava de um jogo de saber-poder que envolvia a medicina, e a moral religiosa, em um discurso que colocava a menstruação sendo uma substância impura, por isso, se o esperma, que era tratado como semente, fosse misturado nela, ele seria rejeitado e perderia seu potencial para formar um ser humano, assim ele não merecia ser exposto a sujeira e ser expulso.

Acrescentando que no “O Pedagogo” havia explicações inacreditáveis que relacionava o desejo da mulher em ter relação sexual com a gravidez, assim afirmava que a mulher precisa desejar a relação para poder engravidar, e, a partir disso concluíam que a gravidez proveniente de um estupro, tinha sido desejada. “É também uma ideia médica a de que a mulher não pode efetivamente conceber a não ser que deseje a relação sexual. Tirava-se, daí, a conclusão de que, se uma mulher concebia após um estupro, é porque ela o tinha de certa forma desejado”. (FOUCAULT 2020, p. 86c). Apontamos que não encontramos nos livros analisados, nenhuma abordagem que relacionasse a menstruação com a relação sexual. O que encontramos são conceitos sobre a menstruação.

Ainda falando sobre os assuntos não abordados em sala, mas considerados importantes para vidas, Nilda fala sobre interferência dos pais na escola, sobre a problemática das gerações e a realidade dos adolescentes; conforme transcrito:

Eu acredito que tem uns conteúdos, como o uso de camisinha por exemplo, como que usa a camisinha, como que coloca e tal, são conteúdos que estão no livro, mas justamente por questão dos pais, você não pode trabalhar na aula, é complicado porque as pessoas não conversam sobre isso em pleno século 21, com tanto acesso à informação, eu acho que nossos pais não tiveram a informação com os próprios pais e foram criados de uma forma que não se pode falar, não se pode conversar; esse tipo de conteúdo eu acho que devia ser melhor explicado, que é a questão da sexualidade em si, pois os meninos tem acesso a tanta coisa na internet e porquê que não pode ter algo mais explicativo no ambiente escolar? Os métodos contraceptivos também, tenho um relato de uma prima que começou tomar anticoncepcional e a mãe dela achando ruim, falando que estava tomando porcaria, que era melhor casar, é uma mentalidade muito antiga, reservada, da época que as meninas casavam com 14 anos. (NILDA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 19/07/2022).

Sobre essa narrativa de Nilda, valemos de Foucault (2020, p. 115a), “Pode-se admitir, sem dúvida, que as relações de sexo tenham dado lugar, em toda a sociedade, a um *dispositivo de aliança*: sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens.”. Segundo Foucault (2020a), a partir do século XIX, surge o dispositivo de aliança, no qual a pessoa só poderia praticar sexo, unindo-se a outra pessoa e convivendo com ela, não poderia simplesmente, só praticar sexo. Consequentemente, aquilo que era para gerar prazer, gera sofrimento. Então a família fica inserida no dispositivo de aliança da sexualidade.

A ex-aluna Edna, explana sobre algo que infelizmente é dúvida recorrente entre os(as) estudantes:

A escola só ensina o básico do básico, pênis, vagina, tem que usar preservativo senão pega doença e fica grávida. Você acredita que eu já pensei que ... [risos] ... sabe quando goza na boca? Pensei que engravidava, cada pensamento né, não tem lógica, que engravida com o dedo ... [risos]. (EDNA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 15/07/2022).

Quando Edna se refere aos assuntos básicos, pênis, vagina, preservativos e doenças, ela confirma o que identificamos durante as análises das coleções dos livros didáticos nesta pesquisa. Explicitando, aparados na autora Figueiró (2019), a qual classifica as abordagens sexuais em cinco tipos, religiosa, médica, conservadora, libertadora e emancipatória, a escola retratada na resposta de Edna equiparar-se-ia em uma Educação Sexual de abordagem médica. Pois a abordagem médica características como, a saúde sexual do indivíduo e da coletividade, com ênfase em informações sobre a biologia e fisiologia.

Consideramos que a abordagem médica, como a autora classifica, se assemelhe ao que outros autores trataram como “biologicista”, “medicalizável”, como já pontuamos por ora neste

trabalho, ou seja, trata-se da mesma perspectiva, contudo com diferentes nomenclaturas. O consenso é que tal perspectiva não contempla o todo:

Embora ainda recebam críticas por insuficiente conhecimento das questões culturais e históricas que permeiam a sexualidade, ela ainda permanece definida como um aspecto biológico e essencializado da vida humana, o que impede que seja discutida de forma desinformada, discriminatória, culturalmente e historicamente sensível. (MONTEIRO e MOMESSO, 2019, p. 244).

Dentre as cinco categorias de Educação Sexual que Figueiró (2019) determinou, nós nos identificamos com a que ela classifica como abordagem emancipatória, pois, esta promove a valorização da informação, para o(a) aluno(a) aprender os assuntos necessários para uma vivência pessoal positiva, no que tange à sexualidade. Sobretudo, ela visa tanto o aspecto informativo, quanto o formativo, sendo esse último no que compete as emoções, dúvidas, preconceitos, e tabus, sempre preocupados com o benefício individual, que conseqüentemente poderá promover mudanças estruturais, através de perspectivas coletivas.

Nesta próxima pergunta, quisemos saber dos(as) ex-alunos(as) “quais foram os assuntos relacionados a Educação Sexual, que você considera mais importante em sua vida, dentre aqueles que você aprendeu durante o Ensino Médio?” Trouxemos na íntegra, quatro¹⁶ respostas.

Elsa falou que o mais importante foi o “da reprodução porque tem aquele lance do tabu em casa e não há tanta informação, e sobre os órgãos também porque em casa não tem aquele diálogo para falar é desse jeito, acontece isso e isso”. (ELSA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 10/07/2022).

Natasha explicou que de tudo que ela aprendeu na escola, considera mais importante atualmente “o coito interrompido, porque é esse que eu uso no meu casamento, na minha vida nunca que foi dentro, só quando eu quiser ter filho, aí que eu vou experimentar, mas logo eu vou colocar DIU”. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Helena entende que por ser virgem, nenhum assunto estudado, foi importante para sua vida, “ah é porque assim, eu sou virgem, eu nunca fiz sexo, eu nunca tive que usar esses meios para prevenir”. (HELENA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 14/07/2022).

¹⁶ Obtivemos 9 entrevistas, entretanto, nem sempre colocaremos todas as respostas no corpo do texto, não por desmerecimento ou menosprezo, simplesmente porque, as vezes já incluímos alguma resposta similar, ou pelo fato do entrevistado não ter respondido, além de que não podemos estender o texto demasiadamente.

Nossa entrevistada Carla, não titubeou em dizer, “desses nenhum, talvez alguma coisa sobre as doenças, mas sobre vida sexual que seria importante para vida, a gente não aprende”. (CARLA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 08/07/2022).

Evidenciamos a resposta da ex-aluna Carla, que ao contrário das demais entrevistadas, afirmou que nenhum dos assuntos que aprendeu na escola, teve importância real para a sua vida, em contrapartida, informações sobre a vida sexual, as quais ela diz ser importante para a vida, não foi ensinado. O que nos leva a pressupor que ela deve ter aprendido de outras formas, sem ser na escola.

Entendemos que a escola possui um viés disciplinador, que traz as normas e as regras, apesar disso, se faz necessário questionar as verdades, trabalhar com a dúvida, com as coisas que são tratadas como naturais e assentadas, com o não normativo. Já basta que:

Durante séculos a verdade do sexo foi encerrada, pelo menos quanto ao essencial, nessa forma discursiva. E não na do ensino (a educação sexual se limitou aos princípios gerais e as regras de prudência); não na da iniciação (que permaneceu quanto ao essencial, uma prática muda que o ato de tirar a inocência ou deflorar se torna risível ou violenta). (FOUCAULT, 2020, p.69a, grifo do autor).

Reforçamos, juntamente com Louro (2020), que não é só a escola que educa, há também as pedagogias culturais, onde a mídia que engloba a publicidade, cinema, televisão, internet, exercem discursos que ditam modos de ser, e de viver. A escola não pode se fazer inerte, porque os(as) estudantes carregam essas influências para dentro do ambiente escolar. O que vemos nesses exemplos, é o que Foucault (2020a), chamou de dispositivo de sexualidade, isto é, um conjunto de práticas discursivas ou sociais que vão exercer uma atuação na sociedade, controlando regulando os discursos; o dispositivo de sexualidade sempre está em atualização. Portanto, aconselhamos que a escola olhe criticamente os discursos que promovem esse dispositivo de sexualidade em nossa sociedade atual, e que perpassam nossos(as) jovens e presumivelmente estejam ditando padrões de comportamento prejudicando a subjetividade individual.

Com o intuito de complementar a pergunta anterior, solicitamos, “comente se em alguma circunstância da sua vida, você precisou ter conhecimento de um determinado tema referente à Educação Sexual e percebeu que não tinha aprendido na escola?” Estávamos pensando na possibilidade de obter depoimentos pessoais de situações vivenciadas por nossos(as) ex-alunos(as), na expectativa de que esses relatos nos fornecessem diretrizes para a Educação Sexual na sala de aula, sobretudo exemplos práticos dos quais poderíamos extrair temáticas enriquecedoras. E podemos adiantar que obtivemos êxito.

A ex-aluna Ana, falou sobre a falta de conhecimento de anatomia feminina, mas sob um ponto de vista que não está nos livros didáticos:

Eu vou falar sobre dois, eu acho que o primeiro é sobre a mulher se autoconhecer, não tem muito isso na escola, por exemplo, nunca se fala muito sobre os clitóris. Quais são as partes femininas que a mulher sente prazer? Além de que descobri recentemente que desde quando uma pessoa começa ter a vida sexualmente afetiva, ela tem que começar fazer o preventivo, a gente ouve falar mais que depois dos 30 anos a mulher tem que fazer mamografia, mas não se fala muito na escola sobre ir no médico fazer preventivo quando começa a ter relações. (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022).

Em sua resposta, Carla especificou que precisava ter tido mais conhecimento sobre tipos de abuso, “sim, foi algo pessoal relacionado ao abuso que aconteceu, e que eu só percebi quando eu estava na graduação, aí tive um gatilho, e caiu a ficha e eu surtei, talvez se eu tivesse percebido lá atrás, não teria tanta sequela”. (CARLA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 08/07/2022).

Sobre a mesma pergunta, Deise narra uma conversa que ocorreu entre ela e uma colega:

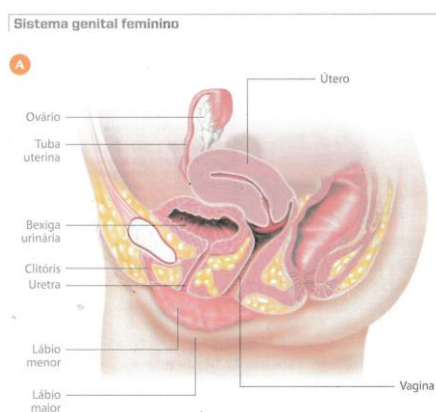
Eu não sabia nada, eu descobri por conta de colega falando: Ah você já deu o cú? Eu não sabia como fazia casal de gay, e eu ficava me perguntando, mas como né? Aí o pessoal falou, tem uma passagem que é o ânus, aí que eu fui saber, tipo assim, caraca! eu nem sabia que lá podia fazer. Eu creio que é uma invenção humana, porque lá é um lugar seco, lá não é um lugar que vai ficar molhadinho quando a pessoa ficar excitada, lá você tem que molhar pra você poder fazer, eu creio que lá não é um lugar apropriado, cada um faz, acha melhor do jeito que quer, também eles não vão ficar só no chupa chupa. Pois é professora, foi depois de grande que eu fiquei sabendo que o ponto fraco do homem é o ânus; quando eu e meu namorado estava junto, ele queria, mas eu não dava não, eu já vi o povo falando que a gente tem que estar muito relaxada, mas eu não. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

Segundo Figueiró (2018), é papel da escola preparar cientificamente as crianças e jovens. Preparar para se serem futuros jovens e adultos que tenham uma visão positiva da sexualidade, sem tabus e sem distorções, porém, às vezes por causa do silêncio, os condicionamos a ter tabus, distorções ou uma visão negativa da sexualidade. Assim como constatamos nas três respostas exemplificadas anteriormente.

Sobre a resposta dada por Ana, mencionando o clitóris, e a necessidade fazer consultas preventivas com o(a) ginecologista a partir do momento em que se inicia uma vida sexual ativa, analisamos o livro didático utilizado por ela durante sua 1º ano do Ensino Médio, “Conexões com a Biologia” mas, não encontramos nada que pudesse indicar a importância de iniciar a rotina ginecológica, inclusive no texto complementar denominado “Profissão Ginecologista e obstetra”, a única menção ao clitóris que encontramos é o que está ilustrado na figura-7, a

seguir.

Figura 7- Imagem ilustrativa sobre o sistema genital feminino do livro didático de biologia.



Fonte: BRÖCKELMANN, R. H (Org.) Conexões com a Biologia. 1.ed. :São Paulo: Moderna.2013

Foucault (2020a) averiguou ao longo da sua obra sobre a história da sexualidade, o que ele chamou de Socialização das Condutas de Procriação, isso significa que o corpo da mulher não foi feito para ter prazer, e sim procriar, que seu corpo é social, pois o seu papel é ser mãe, além disso, verificou o que denominou de Psiquiatrização do Prazer Perverso, ou seja, tudo o que foge a norma do padrão heterossexual, familiar e matrimonial, é considerado perverso e precisa ser tratado.

Sobre o relato de Carla a respeito do abuso sexual, infelizmente não encontramos e nenhuma das três coleções analisadas, indicativos a respeito do assunto, sequer nas sugestões de filmes, livros e documentários. Mais adiante citaremos Figueiró (2018), indicando momentos e formas, de como os pais, mães e responsáveis podem elucidar o assunto do abuso sexual. Certamente o que nossa sociedade considera como abuso sexual, não é equivalente ao que Foucault analisou no final do século 18, entretanto, para registrar trazemos seu relato, “na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal), e a sodomia ou a “carícia” recíproca. (FOUCAULT, 2020a, p.42, grifo do autor).”.

Utilizando a resposta da ex-aluna Deise, que mencionou sobre o sexo anal, o sexo oral especialmente sobre os(as) homossexuais, suscitamos Louro (2019), “começarei com uma afirmação forte: antes do século XIX a “homossexualidade” existia, mas o/a “homossexual” não”. Já Foucault (2020a), denomina ter ocorrido a “invenção” do homossexual, no século XIX,

pois, antes disso, não havia uma relação entre a prática homossexual, o ato em si, melhor dizendo, uma preferência sexual por alguém do mesmo sexo, e algum tipo de essência individual, inerente a alma. Pois a homossexualidade era praticada, sendo mais ou menos tolerada de acordo com o período histórico, e de acordo com a sociedade, mas a ação da prática sexual, não se relacionava com um indivíduo de características próprias, como se fosse uma pessoa diferenciada, um ser homossexual, isso não era pensado dessa forma. Incluímos:

Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, [...] Sem dúvida, o "contra a natureza" era marcado por uma abominação particular. [...] A implantação das perversões é um efeito -instrumento: através do isolamento da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática. (FOUCAULT, 2020a, p. 42; 54).

Assim, Foucault (2020b), detalha que no modelo grego, não havia a ideia de proibido e permitido sobre a sexualidade, mas sim, de excesso e passividade, dessa forma, havia relações sexuais entre dois homens. E o que a sociedade grega considerava como imoral, não era o ato sexual de ambos, mas sim a passividade, o que eles consideravam característica feminina, o “efeminado”. Ocorria então de um adolescente se relacionar com um homem mais velho para benefícios de ascensão sociais, como uma espécie de troca de favores, de iniciação para a vida social adulta, e não de prazer. E ao final dessa introdução ao mundo adulto, deveria resultar uma amizade. Assim, para a sociedade grega, sendo dois homens ativos, falando de virilidade, a relação era valorizada, mas se esse adolescente se tornasse um adulto passivo, ele era estigmatizado.

Deslocando para o Brasil, Louro (2019) discorre sobre a década de 1970 e 1980, onde houve uma reação contrária à “permissividade” da década de 1960, e que esta reação, fez com que a sexualidade se tornasse questão política [...].:

O que está em jogo nesses recorrentes debates sobre a moralidade e o comportamento sexual? Está presente claramente, uma série de preocupações diferentes, mas relacionadas: as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças[...]. (LOURO, 2019, p.67).

Triangulando com as análises dos livros nesta pesquisa, encontramos na coleção “Contato Biologia”, um texto complementar chamado “Sexualidade e Respeito”, no qual consta informações enriquecedoras e relevantes sobre sexo e sexualidade, preconceito e discriminação,

diversidade sexual, homofobia e transfobia. A coleção “Biologia Hoje”, possui um texto complementar intitulada “Homossexualidade”, porém ele possui uma perspectiva desacertada sobre a temática, o que pode ser atestado na investigação do mesmo texto por Remídio (2020, p.92):

[...]Em primeiro lugar, segundo o texto, os adolescentes podem se sentir confusos ao serem atraídos fisicamente por amigos do mesmo sexo, como se a atração por amigos de sexo diferente não possa também ser fruto da mesma confusão da adolescência. Garotas são retratadas como ciumentas entre si, e, portanto, competitivas e garotos são retratados como amigos. Afirmções que reproduzem ainda estereótipos de gênero.

A partir desses relatos sobre situações que exigiram um conhecimento, cujas participantes não tinham, ficamos interessados em descobrir, aonde cada um foi buscar as informações que precisaram, já que não tinha aprendido na escola. Dentre as nove respostas, sete foram na internet e duas com os amigos; chamou a nossa atenção não haver respostas que mencionaram procurar os pais.

Certamente o fato deles(as) não procurarem os pais tenham diversos motivos, entretanto inferimos que o silêncio nas escolas e principalmente nas famílias deve ser quebrado, pois a omissão da escola e da família cujos(as) jovens vivenciam, presumivelmente será no futuro replicada por eles(as) com os seus filhos. Além de que o silêncio sobre sexualidade, diz muito, conforme veremos adiante.

4.4 Para Isso Existem As Escolas: Não Para Ensinar As Respostas, Mas Para Ensinar Perguntas ...

*... As respostas
nos permite andar
sobre a terra firme.
Mas somente as perguntas
nos permitem entrar
pelo mar desconhecido.
(Rubens Alves, 1994)*

Após adentrarmos nas nossas entrevistas, indagando os ex-alunos e ex-alunas sobre, o que ele(a) lembrava que estudou, como eles(as) se sentiam na adolescência, sobre o que eles(as) conversavam na escola, quais as dúvidas durante a adolescência, como se sentiam sobre sua sexualidade neste período, quais assuntos que não estudaram, mas consideraram importantes, e quais assuntos estudaram que foram valiosos, e principalmente sobre situações que vivenciaram

nas quais a Educação Sexual fez falta, nós nos encaminhamos para o desfecho das nossas descobertas onde atravessamos reflexões que talvez possam contribuir com diretrizes para uma Educação Sexual efetiva.

Com o intuito de saber se os(as) ex-alunos(as) participaram ou lembram terem participado, de atividades na escola que pudessem complementar as lacunas sobre os aspectos da Educação Sexual tratado em sala de aula com o professor, perguntamos “No período em que você estudou o Ensino Médio, a escola oportunizou alguma atividade extracurricular que você tenha participado ligado ao ensino de Educação Sexual, como palestras por exemplo, fale sobre o que você se lembra.” Por fim, as respostas foram breves; então vamos resumir, Ana e Edna se lembraram de uma palestra sobre D.S.T; Elsa disse que sobre o assunto de Educação Sexual não teve nada, mas se lembrava de algo sobre o outubro rosa¹⁷, João se lembrou de uma palestra sobre abuso sexual; Helena respondeu, “teve sobre gravidez, mas eu acho que tem que ser ensinado em sala mesmo, dentro da matéria, entendeu? Eu acho que palestra até ajuda, mas palestra é algo rápido, porque falou um dia e aquilo entrou por um ouvido e saiu pelo outro”. E os demais, responderam que não tiveram nada que complementasse o aprendizado da sala de aula.

A resposta de Helena é corroborada por Tavares (2019), quando afirma que o professor, diferente dos profissionais externos à escola, está presente junto ao aluno por um período maior, participa da sua vida e encontra-se ambientado na mesma realidade desse jovem. E por esses motivos, o professor pode ter maior oportunidade de atingir um ponto crucial de abertura para iniciar uma transformação positivas.

Por conseguinte, questionamos os(as) ex-alunos(as), sobre alguma situação que ele(a) relaciona com o tema da sexualidade, e que ocorreu na sua época de escola, permanecendo marcado na memória. Exemplificaremos através de quatro respostas; começando com a história contada por Deise, onde podemos perceber um discurso que tange a inocência:

Eu lembro de um caso de uma menina, mas é assim, coisa de safadeza, pode falar? Então, é uma menina, que fez um vídeo assim... abaixada enfiando o dedo nela e mandou pro namorado dela né! aí esse vídeo viralizou, e todo mundo soube quem era ela, e aí foi um bafo bem grande, tipo assim, eu fiquei chocada, por conta de minha idade, eu não sabia de nada, eu nem sabia o que era isso, eu nem sabia que a gente podia introduzir o dedo e a pessoa fica excitada, eu fui saber depois de grande. Eu não sei se eu era meia sonsa, mas engraçado, parece que hoje em dia o pessoal está muito mais pra frente, o pessoal nem liga pra idade, dá com 14 anos, 13 anos. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

¹⁷ Outubro Rosa é um movimento internacional que começou na década de 1990, nos Estados Unidos, em que durante todo o mês de outubro em conscientização da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer de mama.

Sobre os acontecimentos lembrados, Elsa, relatou sobre uma excursão escolar, que era tradição entre os alunos do último ano da escola, “quando eu estava no primeiro ano, os alunos do terceiro ano foram de ônibus para Porto Velho e eles durante o caminho eles transaram no ônibus, aí rolou maior bafafá”. (ELSA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 10/07/2022).

Já a ex-aluna Edna, citou o tópico da virgindade masculina, “eu percebia que se você não tivesse tido relação você sofria *bullying*, só que era mais com os meninos”. (EDNA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 15/07/2022).

A ex-aluna Natasha rememora duas situações totalmente diferentes, de dois colegas de sua turma:

O Henrique¹⁸, dizia que apalpava o saco e só sentia uma bola, a gente chamava ele de monobola, aí, a menina ficou com ele e a gente foi perguntar pra ela se era verdade, porque ele era muito sarrista, ele falava isso só pra justificar que ele não precisava usar preservativo, que não podia ter filho, porque só tinha uma bola.

Tem a Eloá, uma colega nossa, a mãe dela era muito metódica, o pai mais ainda, o único meio de informação que ela tinha era a gente e a professora, ela era daquela igreja [sic]¹⁹, ela só andava de saia, não se depilava, o cheiro era forte da axila dela, suvaco podre, imagina lá em baixo, questão de higiene mesmo, era uma pessoa que o único meio de informação dela era a escola, e aí como fica? (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Estamos de acordo com Louro (2019, p.112-113), quando afirma que a sexualidade está engendradora na curiosidade e “sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender”. Isto posto, buscamos nas coleções de livros de biologia deste trabalho, a temática trazida pela Deise sobre a masturbação, todavia, não encontramos nos livros didáticos analisados nada sobre masturbação masculina e nem sobre feminina. na coleção “Contato Biologia” localizamos um texto sobre mutilação genital feminina, estávamos na expectativa de achar algo sobre masturbação, entretanto o texto focava na tradição cultural de alguns países em remover o clitóris da mulher e nada mais.

Sobre o relato da ex-aluna Edna, falando sobre *bullying*, especificamente o bullying sobre os garotos que permanecem virgens, Figueiró (2018) afirma que, a repressão sofrida pelos homens vai na direção inversa à das mulheres, pois elas precisam se manter virgens; e sobre eles, a sociedade causa uma imposição por meio da cultura do sexo, onde ele precisa mostrar que é macho, “pegador”, e que isso é igualmente prejudicial para ambos.

¹⁸ O nome Henrique e Eloá, são pseudônimos.

¹⁹ Suprimimos a identificação religiosa.

Discorrendo sobre o acontecimento trazido por Natasha, percebemos um discurso que reflete uma “esperteza” por parte do garoto que expõe sua situação anatômica, e usa disto, como um artifício para obter “vantagem”, como se o sexo sem preservativo fosse vantajoso de alguma forma; interpretamos com uma deturpação do discernimento, que pode ser prejudicial para si e para aqueles que mantiverem relações sexuais com ele.

Com relação a sua colega Eloá, Natasha discursa inferindo uma relação entre a religião e a higiene pessoal. Constatamos a preocupação dela, com o fato de a informação chegar ou não, a todos. Relembrando que não temos a intenção de julgar, portanto valemo-nos de Foucault (2020a, p.41) quando discursa, “até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos- além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião- regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Elas fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito.”.

Ainda no século 19, o sexo sai do domínio da Igreja, e passa para outros campos do saber, como, a medicina, a pedagogia, a demografia controlando as populações contra as fraudes²⁰ de procriação. E a partir do século 20 ocorre um afrouxamento nos dispositivos de controle; de qualquer forma o dispositivo de sexualidade ocorre em todos os séculos, e de modos diferentes, sob o dispositivo do poder-saber. (FOUCAULT, 2020a).

Após diversas narrativas feitas por ex-alunos(as), queríamos que eles(as) rememorassem os questionamentos sobre sexualidade feitos durante as aulas para o professor, ou se lembravam dos colegas fazendo perguntas, inclusive se tiravam dúvidas durante a aula, ou se recorriam fora do horário de aula. Carla disse:

Sim, tirava dúvidas fora do horário de aula. Então eu acho que quando se fala da educação sexual, até nas aulas com o tradicional, D.S.T, órgãos genitais e métodos contraceptivos, todo mundo fica meio com tabu, assim não acredita que a professora tá falando aquilo, porque a gente é criado como se a gente não devesse saber sobre isso, que não é função da escola ensinar, que isso é o pai e a mãe que deve ensinar, só que eles também não ensinam, então ninguém ensina essa bosta. E aí fica aquela coisa que você não pode perguntar, porque se você perguntar é porque você está transando, porque você é puta, é isso, é aquilo outro; então você fica assim, nossa eu tenho um monte de pergunta aqui, mas não vou abrir a boca porque meus coleguinhas vão me julgar; já é da nossa cultura não se falar disso, então quando aparece o tema e você tem oportunidade de perguntar mas já está internalizado que isso é um tabu, isso não se fala, isso não se discute e as dúvidas ficam guardadas ali; e quando você não tem afinidade com nenhum professor é pior porque aí você não tem pra quem perguntar depois, aí vai para internet, vai conversar com o coleguinha que tem mais “experiencia” e só piora as coisas.(CARLA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 08/07/2022).

²⁰ A fraude contra a procriação era o coito interrompido.

Concordamos com Carla, pois, necessitamos falar da sexualidade como um discurso de libertação, um espaço de contestação, uma possibilidade de um novo modo de vida, uma verdade individual de si:

Vemos claramente: é o dispositivo de sexualidade que, em suas diferentes estratégias, instaura essa ideia “do sexo”; e o faz aparecer, sob as quatro grandes formas - da histeria, do onanismo, do fetichismo e do coito interrompido-, [...] Assim, formou-se pouco a pouco a armação de uma teoria geral do sexo. Ora, essa teoria assim engendrada exerceu um certo número de funções no dispositivo de sexualidade que a tornaram indispensável. Sobretudo três foram importantes. [...] O sexo pôde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. [...] Pôde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; [...] certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade à sexualidade humana. Enfim, a noção de sexo garantiu uma reversão essencial, permitiu inverter a representação das relações entre o poder e a sexualidade [...] (FOUCAULT, 2020a, p.167).

Vemos o discurso da Carla abrangente e ao mesmo tempo esclarecedor, ela pontuando a entender que já correlaciona o que são assuntos tradicionais normalmente abordados em aula de Educação Sexual. E pondera que mesmo tocando no assunto, existe o tabu por parte dos alunos; percebemos o quão prejudicial é, para o aprendizado individual e coletivo, o fato do(a) adolescente se enxergar e se reprimir pelos julgamentos dos colegas.

Enfatizamos sobre a problemática que Carla traz de maneira direta, quem vai assumir o papel de falar sobre sexualidade, deve ser a família? Deve ser a escola? As duas? E nesse jogo de empurra, nenhuma o faz eficientemente.

Segundo Foucault (2020a, p. 109):

A família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela. Mas o dispositivo familiar, no que tinha precisamente de insular e heteromorfo com relação aos outros mecanismos de poder, pôde servir de suporte às grandes “manobras” pelo controle malthusiano da natalidade, pelas incitações populacionistas, pela medicalização do sexo e a psiquiatrização de suas formas não genitais.

Para Figueiró (2018), quando o(a) docente, ou mesmo os pais e mães, planejam, tentam, trazer explicações acerca da sexualidade, tem-se o que a autora chama de Educação Sexual Formal. Cujas características são estabelecer um planejamento intencional para se explicar um assunto; esta pode ocorrer no ambiente escolar e em casa com a família, quando os pais se organizam para falar com os filhos(as), podendo utilizar de um livro, por exemplo. Um caso que identificamos como Educação Formal é relatado pela ex-aluna Helena:

Minha mãe sempre foi muito aberta comigo, então quando eu cheguei no ensino médio, isso não era mais uma novidade pra mim, por que eu já tinha sido ensinada de

que isso podia me prejudicar, de como eu devia lidar, então quando eu cheguei na fase da adolescência, como é que posso falar ... que é quando a pessoa tem mais hormônios, eu já tinha uma base, mas eu acho que é necessário que seja ensinado na escola porque nem todo mundo tem essa base.(HELENA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 14/07/2022).

Já a Educação Sexual Informal, segundo (Figueiró, 2020), acontece em interações do cotidiano, quando os adultos passam para as crianças/jovens, por meio das suas atitudes, por meio dos seus posicionamentos, ou pela forma que lidam com os relacionamentos, ideias e valores, tanto bons, quanto ruins. Para a autora, isso acontece na maioria dos casos, sem que o adulto perceba, ou seja, não houve a intenção do responsável em ensinar, mas suas atitudes ensinam.

Sendo assim há de se pensar que o silêncio também educa; em famílias onde não se fala sobre os assuntos relativos ao corpo e a sexualidade, ou até mesmo na escola quando não se toca neste assunto, ou pior, se o professor(a) assumir um posicionamento de neutralidade, ou negação, diante de um situação de preconceito por exemplo, nestes casos, a criança ou jovem, subentende que não se deve conversar sobre tal assunto, que perguntar pode ser vergonhoso, que não se deve agir diante de situações preconceituosas, em suma, ideias negativas sobre a sexualidade.

Esse é o caso de nossa ex-aluna Deise, que no seu discurso simultaneamente, revela que a mãe mesmo orientada a falar escolhe o silêncio:

Minha mãe não gostava de falar essas coisas pra mim, apesar que tem minha tia, que falava pra ela que deveria explicar sobre essas questões de sexo; minha tia é bem liberal, ela fala mesmo, bem escancarado, falava assim pra minha mãe: você tem que ensinar ela sim, ela está sentindo vontade, e minha mãe dizia que não, credo, não precisa disso, jamais. Minha mãe é muito fechada, ela é bem tabu pra essas coisas, mãe nunca falou nada; mas as vezes quando eu perguntava alguma coisa, ela ficava meio constrangida de falar, e dizia que isso não era assunto pra mim não, minha mãe sabe das coisas, mas ela tem vergonha de falar; hoje ela está mais de boa se eu perguntar alguma coisa ... mas é aquela coisa, a gente nunca vai perguntar pra uma mãe esse tipo de assunto... [risos]... a gente pergunta pra uma fulaninha, pra uma ciclantina. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

Nesse caso, identificamos claramente o que Figueiró (2018), pontua sobre fato de o silêncio também educar; dado que quando a mãe de Deise se mantinha em silêncio, ou, não queria falar, mesmo quando estimulada pela irmã, Deise sabia que a mãe tinha conhecimento do assunto, e captava a mensagem de que sobre esse assunto não deveria falar em casa, sobretudo, quando conclui a narrativa dizendo que, sobre esse assunto, a gente não vai perguntar para mãe, mas sim pra colega.

No questionamento, que se segue, solicitamos durante a entrevista, para cada ex-aluno(a) comentar o que ele(a) tinha a dizer sobre o ato de ensinar Educação Sexual.

Nesse sentido Deise e Edna conceberam ideias semelhantes. Edna estabeleceu hierarquias para a instrução, iniciando pela família e posteriormente para a instituição escolar, além de recriminar o uso da internet para se instruir “eu acho que se a família orientasse desde pequeno até a adolescência, o filho não teria tanta dúvida e aí a escola aprofundasse, ele já estaria com uma cabeça boa e entendesse o que é cada coisa; a internet não é boa pra isso porque ela é muito duvidosa e tem muita mentira”. (EDNA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 15/07/2022).

Achamos interessante o fato de Deise dizer que, quando mais pesquisa na internet, mais confuso fica, o que não deixa de ser verídico:

Hoje em dia as pessoas sabem de tudo, e já que todo mundo sabe, os professores devem falar mesmo. Na minha opinião essas coisas tinham que vir de casa, primeiro de casa e segundo da escola, porque a escola é a segunda casa da gente até certo período da vida, e onde a gente tem contato com várias pessoas. Na internet você vai jogar no google uma pergunta, tirar uma dúvida, aí vai lendo isso, vai lendo aquilo, quando vê, você acha que tá doente, ao mesmo tempo que ela ajuda, ela confunde e você acha que tá fazendo tudo errado. (DEISE, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 12/07/2022).

Sobre isso, Ana muda a estratégia, pois se for algo muito específico ela não recorre a internet:

Até hoje eu pesquiso informação na internet, as vezes uma coisa mais especifica eu pergunto para minha mãe. É lógico que na escola também é importante, você tirar dúvida com o amigo, mas pode ser que a pessoa te dê informação errada, então eu acho que é bom você ter três fontes de pesquisa, família, escola e internet, para você ter uma informação mais elaborada. (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022).

Ainda sobre o ato de ensinar sobre Educação Sexual, Natasha aborda múltiplas facetas, a diferença na criação da criança por parte do pai ou da mãe, a falta de informação sob o julgo da religião, o posicionamento de um educador:

Eu acho que deveria normalizar um pouquinho mais, eu não tenho nada de trauma porque fui criada com minha mãe e ela é muito aberta, mas se tivesse sido criada pelo meu pai seria diferente. Educação sexual deveria vir de todas as partes, porque tem gente que acha que é coisa de outro mundo, tinha uma menina da minha igreja que tinha medo de beijar, porque ela achava que pelo beijo engravidava, então você vê como que é, e isso até hoje. Eu sei que não tem como todo mundo falar uma língua só, mas acho que tem que normalizar, porque são professores, você professora pode falar de um jeito, mas pode ter professores que falam totalmente diferente, e mesmo na apostila estar tudo legal, mas o professor deixar aquilo como um bicho de sete

cabeças. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

Sobre isso, Nilda discursou, “ainda acho as informações vêm mais dos colegas, acho que na internet a galera vai só pra ver pornô. Eu tomo banho com minha filha pequena, mas a partir dos 3, anos de idade dela, meu marido não tomou mais banho perto dela, se ela está no banheiro ele não entra”. (NILDA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 19/07/2022).

Com relação ao que Nilda relata sobre seu marido, de não normalizar o vínculo com a filha em situações de nudez, se enquadra no que Figueiró (2018) classificou de abordagem conservadora, conforme as classificações de Educação Sexual que a autora determina e que citamos anteriormente nesta pesquisa.

Quando ponderando sobre a Educação Sexual ser papel da família ou da escola; percebemos principalmente nos discursos de Deise e Edna, os quais estão em sintonia com os discursos sociais, que elas acreditam ser papel da família, justificando que a família que educa, e a escola só trabalha a parte de conteúdo, ou seja, só informa. Entendemos que é incontestável, ser a Educação Sexual, papel prioritariamente da família, entretanto, concebemos que a escola também é responsável por questões de valores humanos, e, portanto, da sexualidade, pois a ela diz respeito aos relacionamentos humanos. Em função disso, a escola é responsável pela formação integral das crianças e dos(as) adolescentes; isso não significa que a família não é capaz e por isso a escola deve assumir a responsabilidade; significa que a escola precisa tomar para si a responsabilidade, porque ela também é responsável pela formação integral da pessoa. (FIGUEIRÓ, 2018).

Para Foucault (2020a, p.33), desde o século 18 a escola estabeleceu discursos sobre o sexo:

Seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. [...]. Falar do sexo das crianças, fazer com que falem dele os educadores, os médicos, os administradores e os pais. Ou então falar de sexo com as crianças, fazer falar em elas mesmas, encerrá-las numa teia de discurso que ora se dirigem a elas, ora falam delas, impondo-lhe esses conhecimentos canônicos ou formando, a partir delas, um saber que lhes escapa- tudo isso permite vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso. A partir do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser um importante foco em torno do qual se dispuseram em inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

Quando formulamos nossa última pergunta, pretendíamos a partir dos ex-alunos(as), galgar diretrizes que pudessem contribuir para aperfeiçoar aulas sobre a temática da sexualidade. Isto posto perguntamos a cada entrevistado(a): “Como você acha que poderia ser

feito pelo(a) professor(a), para que a Educação Sexual fosse trabalhada em sala de aula de forma que garantisse um aprendizado que mais se aproximasse da realidade do(a) aluno(a), que fosse mais útil para sua vida?”

A ex-aluna Edna foi enfática e disse, “eu acho que ao invés de colocar medo na pessoa, deve ensinar e orientar realmente sobre o que deve fazer em cada situação, sobre como deve agir em cada situação, ensinar a coisa certa e não botar medo. (EDNA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 15/07/2022).

O que dizer sobre a resposta de Edna? Uma narrativa impactante, e lamentável, e que não é restrita aos tempos atuais “[...] os professores se voltam para os alunos, fazem-lhes recomendações e para eles redigem livros de exortação, cheios de conselhos médicos e dê exemplos edificantes. Toda uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, [...]”. (FOUCAULT, 2020a, p. 32).

Ana cita algo que consideramos relevante e que curiosamente até este momento da pesquisa não havia sido falado por ninguém, que são as questões de gênero:

Eu acho que deveria ter mais aulas práticas, não prática no sentido de sabe né? eu acho que é sempre bom ter professor que não tem vergonha de falar sobre o assunto; eu acho que o professor sempre foca muito em prevenção de gravidez, eu acho que deveria falar sobre outros assuntos, por exemplo hoje temos muitas dúvidas sobre sexualidade de gênero, acho que deveria ser também um assunto abordado. (ANA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 04/07/2022).

Helena faz um contraponto no que diz respeito as palestras, pois ela explicou anteriormente, na pergunta que indagava sobre palestras, que nada se lembrava e que na palestra o assunto era tratado somente uma vez e por isso se perdia na memória, e agora, conclui seu discurso:

Não sei se posso dizer assim, mas acho que deveria ser uma disciplina sobre o assunto, ou dentro da disciplina, porque aí seriam várias aulas sobre o assunto, vários assuntos que seriam abordados, aí era algo que ia permanecer, porque eram várias aulas que foram ministradas, algo que fixa na cabeça do aluno. (HELENA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 14/07/2022).

Natasha deixa evidente no seu discurso que o(a) aluno(a) percebe o posicionamento do(a) professor(a) perante o assunto da sexualidade, fala sobre a autonomia que tem o(a) docente para ministrar a aula, independentemente de o livro didático favorecer a temática ou não:

Eu acho que o livro que deveria trazer mais de forma mais aprofundada algumas coisas sobre isso, que é mais importante e não tem. Além de que o professor tem uma didática livre para fazer o que quiser, mas parece que é um assunto que ele quer passar correndo, que ele tem medo de falar sobre isso. Primeiro deveria vir no livro e segundo partir do professor, até porque se no livro não vier, não tem problema, o professor é livre para explicar, pois esse assunto é muito importante, em pleno século 21 tem muitas pessoas que não sabem, não entendem e não tem quem explique, e nem todo mundo tem internet, além das informações erradas. Eu acho que deveria partir do material didático e do professor, dele pegar um vídeo, uma foto, uma situação, e levar esse assunto mais a sério, porque de outro assunto ele cria slide, monta apresentação, faz cartaz, pede pra gente apresentar, e desse assunto é passado sem nenhuma questão na prova e acabou, então parece que nem o professor leva a sério isso. (NATASHA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 28/07/2022).

João foi sucinto e franco na sua resposta, “Eu só acho que os professores não deveriam deixar certo de que só existe a sexualidade masculina e feminina, pois sempre vai ter várias, e eles não deveriam deixar um ponto final.” (JOÃO, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 16/07/2022).

Nilda pontuou em sua fala, algo que Freire (1996) já reverberava sobre a contextualização:

Acredito que não deve ser apresentado como só mais um conteúdo do livro, mas que fosse contextualizado na realidade dos alunos, porque é a melhor forma de entender e despertar a curiosidade pra perguntas, porque se estiver fora da realidade deles, que perguntas eles vão fazer, quando você adapta a realidade eles começam a situação que já presenciaram, já viveram. (NILDA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 19/07/2022).

Carla se baseou na sua experiência no PIBID²¹ e se assemelhou à Nilda quando narrou:

Eu gosto muito da abordagem de estudo de caso, e a contrapartida do aluno de ir em busca desse conhecimento, e ali ele ter acesso às informações e filtrar o que mais cabe a ele. partindo do pressuposto que o professor vai ser o mediador...porque as vezes você chegar e abrir um slide ou um vídeo com as imagens e metralhar o conteúdo no aluno não vai ser a melhor via, até mesmo com as imagens que se tem por aí... não é bem recebido pelo cérebro para filtrar essas informações, muitas vezes a gente acaba bloqueando. (CARLA, 2022. Entrevista concedida a Haryssa Keyko Mine em 08/07/2022).

Percebemos que respostas para esta última pergunta, conduzem o(a) aluno(a) na posição de protagonista da aprendizagem. Ademais há quase 30 anos, Paulo Freire (1996), já dizia sobre a importância do processo educacional, partindo da realidade do aluno, e como isso se torna uma ferramenta valorosa para a emancipação individual e social.

²¹ O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado a Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Para tal, é necessário que o professor crie as condições adequadas, talvez começando por ouvir o que eles(as) têm a dizer. Até porque, como presumimos decerto que o(a) estudante não dialoga em casa, então a sala de aula pode se tornar um ambiente favorável para ele(a) expressar dúvidas, anseios e questionamentos. (FIGUEIRÓ, 2011).

Podemos considerar ainda, que a escola possui uma característica exclusiva e que pode ser aproveitada, o fato de que nela encontramos jovens da mesma faixa etária, algo que pode ser significativo, pois, situações que talvez ocorram na escola, provavelmente não acontecerão em casa, assim estas situações podem ser de grande valia para gerar reflexões e diálogos positivos. (FIGUEIRÓ, 2018).

Figueiró (2018) acrescenta para que as aulas de sexualidade sejam feitas em clima de alegria, ao invés de tensão, não que as outras temáticas não precisem de alegria, mas falamos sobretudo da sexualidade, pois já basta os acontecimentos negativos vistos e vivenciados na sociedade em geral a respeito da sexualidade, onde há preconceitos, discriminação, intolerância e violência.

Oslo (2015, p.269), nos ajuda a refletir o papel do educador dizendo:

Mas, porque não podemos simplesmente desenvolver nosso trabalho no interior da sala de aula, na escola sem nos preocupar com a realidade mais ampla, se é a sociedade que, em última instância, determina a educação? Porque, caso continuemos fazendo isso, também continuaremos colaborando para simplesmente reproduzir essas condições, as condições em que vivemos e, se não fizermos nada de diferente, também não podemos reclamar, [...]. Por outro lado, também seria absurdo compreender a realidade, a sociedade e o mundo em que se está inserido e não fazer nada para transformá-los. Ou seja, não resta outro caminho senão empenhar-se em compreender cada vez melhor o homem, a sociedade, o mundo e a educação e fazer desta um instrumento de conhecimento, aprendizagem, ação e transformação.

Percebemos como torna-se importante o papel do(a) professor(a) que atento(a) às demandas da sociedade e contextualiza seu ensino, com efeito para Almeida, *et al.* (2011) o educador faz parte de uma sociedade onde a sexualidade está a mostra, e ela deve ser contemplada com afeto e responsabilidade, não acreditando que é um conhecimento findado, e sim plástico e mutante. Uma vez que não tem como nos blindarmos da cultura em que estamos imersos, mas é possível iniciarmos mudanças, conforme elucida Monteiro e Momesso, com as quais concordamos totalmente:

A partir dessa ruptura no modo de organizar conteúdos e práticas educacionais, ocorre um processo de desenvolvimento social da população a partir da educação. Formar estudantes críticos, habilidosos e competentes em um cenário em que possuem liberdade para expressar sua heterogeneidade pode ser um caminho possível a ser trilhado objetivando o desenvolvimento do Brasil. (MONTEIRO E MOMESSO, 2021, p.245).

Assim como a ex-aluna Carla, trouxe o exemplo do estudo de caso como uma possível abordagem em sala, Louro (2019), sugere que os professores e as professoras estejam dispostos a tentar e exemplifica:

[...]Novas abordagens tais como o uso de testemunhos, do teatro e, de forma mais importante, de discussões do tipo mesa-redonda, mostraram-se como as mais eficazes na tarefa de ajudar os/as estudantes a perceberem a relevância do conhecimento para suas próprias vidas e para o cuidado de si. (LOURO, 2019, p.109).

Juntamente com Louro (2019, p. 117-118) acreditamos que devemos estar dispostos a criar coragem política necessária, para juntar sexo e educação “ao pensar o que poderia constituir um par tão estranho, isto é, sexo e educação [...]”.

Compreendemos que talvez o(a) professor(a), não se sinta à vontade para fazer discussões sobre assuntos que contemplem a Educação para a Sexualidade, exceto àqueles limitados à ordem biológica e anatômica. Todavia o professor(a) tem o privilégio de estar no papel de provocador de conhecimento, de encorajador de pesquisas, de entusiasta de ideias que tragam semente de vida.

Entendemos por fim, ser significativo refletir sobre o que aconteceria se nós professores trabalhássemos no currículo da escola, a sexualidade como tal? Qual a Educação Sexual que nós reproduzimos enquanto discurso de verdade? Para estas questões, não temos a pretensão dar respostas, mas elas fazem parte do que nos atravessa nesta pesquisa, e foram colocadas aqui, como forma de provocação para uma transformação de rupturas. (LOURO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante meu percurso como professora no Ensino Médio, procurei fazer-me solícita em atender os alunos e alunas que me procuravam nos corredores da escola. E eles(as) abordavam-me, especialmente para fazerem perguntas acerca da sexualidade, “professora, posso fazer uma pergunta?” Penso que talvez seja o fato de eu responder seriamente, e, dar conselhos para eles(as), como se fosse para mim, que fizeram com que eles e elas viessem mais e mais. Foi essa vivência com meus alunos(as) e ex-alunos(as), a razão desta pesquisa.

Neste trabalho, eu que estava no lugar de quem pergunta, para descobrir questões a respeito da sexualidade.

O que tornou esse estudo mais encantador, foi encontrar não mais adolescentes, mas sim

adultos. Agora eles(as) discursam de modo diferente, estão amadurecidos(as), se posicionam de igual para igual, pois nesse encontro não está presente a hierarquia da sala de aula, entre docente e discente, e ainda manifestaram carinho e respeito pela ex-professora, a qual eles(a) chamam de professora, o que considero que sempre vou ser.

Diferentemente das entrevistas que foram deliciosamente inesperadas, o que encontramos nos livros didáticos e documentos normativos das escolas não foi surpresa.

Diante do que apuramos em nossa pesquisa sobre os livros didáticos de biologia, percebemos uma ausência de discussão sobre o reconhecimento da diversidade sexual, sobre as dinâmicas de transformações socioculturais que regem a sexualidade, e sobre a necessidade de contextualizá-la com a perspectiva histórica, entre outras ausências.

Portanto conjecturamos que os assuntos abordados nos livros didáticos de Biologia, que fizeram parte da formação acadêmica dos egressos, por mais que provoque interesse nos(as) alunos(as), não são suficientes para contemplar e sanar todas suas dúvidas.

Com relação as entrevistas, imaginávamos que após recolhermos as respostas de todos(as), haveria alguns assuntos que fossem mais recorrentes, e poderíamos fazer uma classificação com os mais citados, entretanto nos surpreendemos quando ao final, porque encontramos respostas diferentes de tal forma, que não teria como, nem seria justo agrupá-las. O que valida o quanto a Educação Sexual precisa sair de padrões restritivos para ser uma educação que contemple da melhor forma possível, tantas particularidades.

Então percebemos como as singularidades em torno da sexualidade são nítidas, já que a formação de cada um, é um processo múltiplo e constante, e mesmo que instâncias externas da sociedade como a escola, a religião, imponham normativas de sexualidade, há de se considerar a parte que cada um toma para si e se dispersa do padrão. (LOURO, 2019), (FOUCAULT, 2020a).

Logo, a escola produz e reproduz silenciamentos e opressões, de modo parelho com a sociedade, pois, o que é chamado de Educação Sexual se limita a noções higienistas e biologicistas, ou seja, conteúdos limitados a anatomia e fisiologia, cujo aluno saber o nome e como funciona, já é o bastante para atingir o objetivo de evitar infecções sexualmente transmissíveis e prevenir gravidez.

Em contrapartida o que propomos é uma Educação para a Sexualidade, não que uma alteração de nomenclatura seja suficiente, mas, uma mudança no objetivo final, que ao invés, de controlar os corpos e estabelecer padrões, passasse a considerar a integridade da pessoa, se apropriar dos assuntos que por hora ainda são tratados como tabus, a fim de poder viver a plenitude de sua sexualidade, com a liberdade de quem conhece e respeita a si próprio. Como

nós ousamos definir anteriormente neste trabalho.

A Educação em Sexualidade, muda valores, atitudes e decisões sobre relacionamentos, incluindo relacionamentos sexuais saudáveis. Ela propicia ao jovem a chance de pensar criticamente sobre gênero e o seu papel dentro da cultura e da sua sociedade; ensinando sobre a tolerância, não violência, respeito, igualdade e empatia.

Em nossas entrevistas, constatamos algumas vezes que palavras específicas sobre a temática da sexualidade, não foram ditas de uma maneira esclarecida; elas foram substituídas de forma que o interlocutor compreendesse a mensagem, mas sem precisar pronunciar claramente. Dessa maneira, não foi falado sexo, vagina, penetração, testículos por exemplo; substituíram por expressões como, lá naquele lugar, naquela hora, esse tipo de coisa, aquele negócio. Não estamos querendo dizer que exista um modo certo de falar; - sobre o nome científico, é claro que ele existe, e é bom sabermos - entretanto, a fuga das palavras pode nos dizer algo que, já contemplado por Foucault, “em primeiro lugar, a vergonha. Se nos é difícil confessar um pensamento, se este se recusa a ser dito, se procura manter-se secreto, trata-se do signo de que é mau.” (FOUCAULT, 2020b, p.184-185). Para nós, não importa a palavra, o importante é fazer-se compreender, é poder anunciar o seu discurso de verdade.

Hoje, nossos(as) adolescentes, e não só eles(as), encontram-se no meio de conflitos referente a uma moral conservadora que emerge dos anos 1970 para nos dias atuais e, de movimentos midiáticos que expõem o sexo “nu e cru”. A primeira traz tabus, e a segunda os, ultrapassam, atravessam, sobrepõem, e escancaram a sexualidade, porém, ambas deseducam sexuadamente. (FIGUEIRÓ, 2001, 2018).

Não temos a intenção de persuadir ninguém, mas quiçá, partilhando nossa opinião, favorecer o(a) leitor(a) compreender que é importante considerar vários aspectos, outros lados, isso porque se não mudar o ponto de vista, só se vê o mesmo.

Esse trabalho percorrido até aqui, não esgota a densidade do tema da Educação para a Sexualidade. Este tema se relaciona intimamente com o sujeito que pesquisa, com o sujeito pesquisado e com o tempo em que se insere, e a cada momento que se passa, ambos são transformados, o que tornaria esse estudo em outro tempo, outro estudo. Isso é o que Foucault (2020a) se refere como acontecimento; onde um mesmo enunciado gerará outra enunciação, instaurará outro sentido; e aí está o encantamento do ser humano, transmutar-se para melhor. Almejamos que esse estudo suscite rupturas de arquétipos sociais, ao invés de ser mais uma voz que será silenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES. R. **A Alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. **Biologia moderna**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ARIQUEMES. TRF da 1ª região (1ª turma) **Ação civil pública com preceito cominatório de obrigação de fazer, condenatório por ato de improbidade e indenizatório por dano moral coletivo**. 1º vara Sessão Judiciária de Rondônia. Ariquemes/Porto Velho-RO, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/ro/atuacao/combate-corrupcao/2017/acao-civil-publica-do-mpf-e-mp-ro-sobre-censura-a-livros-didaticos>. Acesso em 8 ago. 2022.

BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, pp. e772, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/772> . Acesso em 04 mai. 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRANDL NETO, I.; CAMPOS, I. G. de. A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE O SER HUMANO NA RELAÇÃO COM O CORPO E A AUTO-IMAGEM DE ADOLESCENTES. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 17, p. 87–99, 2011. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/4531> . Acesso em 27 set. 2022.

BRASIL. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2018:Biologia: Ensino Médio**. Brasília, DF.2017. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/> . Acesso em 17 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **O Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. (PNLD). Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015> . Acesso em 06 jul. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário) Acórdão. Ementa à Lei Orgânica nº 55/2018. **Direito à Educação. Arguição de descumprimento de preceito fundamental. Lei municipal que veda o ensino sobre gênero, bem como a utilização do conceito nas escolas**. Procedência do pedido. Londrina, PR (Sessão virtual). Relator: Ministro Luís Roberto Barroso, 14 de setembro a 21 de setembro de 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/downloadPeca.asp?id=15344415067&ext=.pdf>. Acesso

em 19 ago. 2022.

BRÖCKELMANN, R.H (Org.). **Conexões com a Biologia**. 1.ed.:São Paulo:Moderna.2013.

CORRÊA, T. H. B. **O cotidiano escolar como espaço-tempo de formação e reflexão**. Educação, Batatais, SP, v. 3, n. 1, pp. 129-137, junho, 2013. Disponível em: <https://www.unaids.org/en/resources/documents/2018/international-technical-guidance-on-sexuality-education>. Acesso em: 05 set. 2021.

FERREIRA, B.; MACHADO, L. A.; PEDREIRA, A. J. L. A. O tema sexualidade humana nos livros didáticos de Biologia mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático 2015. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 11, n. 00, pp. 1-17, nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8726>. Acesso em: 17 jan. 2022.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. 3.ed. Londrina: EDUEL, 2011.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação Sexual: saberes essenciais para quem educa**. 1.ed. Curitiba:CRV, 2018.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. São Paulo, p. 316, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/190864>. Acesso em 04 mai. 2021.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.a

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.b

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 4: As confissões da carne**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.c

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURLANETTO, M. F.; LAURERMANN, F.; COSTA, C.B da; MARIN, A.H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa [online]**, v. 48, n. 168, pp. 550-571, abr./ jun. 2018. Disponível em:

<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5084>. Acesso em 04 mai. 2021.

GADET, F.; HAK, T.(org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Campinas, SP :UNICAMP, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, N. C. A importância do Projeto Político Pedagógico no Processo de Democratização da Escola. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, CE, v.2, n.2, pp.1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4815> . Acesso em 5 jan. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE . **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/> . Acesso em 16 jun. 2022.

LINHARES, S.; GEWANDSZNAJDER, F.; PACCA. H. **Biologia Hoje**. 3. ed. São Paulo:Ática,2017.

LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, G. L.(org.). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**.4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MATOS, T. S. Q.; OLIVEIRA, M.C de. Imagem corporal feminina na adolescência: a influência da mídia. **Brazilian Journal of Health Review**. Curitiba, PR, v. 5, n.3, pp.11851-11873, may/jun., 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/49767> . Acesso em 11 ago. 2021.

MATOS, D.C. **Sexualidade em debate: Uma análise das rodas de conversa**. Dissertação (Mestrado profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Nilópolis, p.135, 2019. Disponível em : https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6392227 . Acesso em 7 maio. 2021.

MIRANDA, V. P. N; CONTI, M.A.; BASTOS, R.; FERREIRA, M.E.C. Insatisfação corporal em adolescentes brasileiros de municípios de pequeno porte de Minas Gerais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, RJ, v. 60, n. 3, pp. 190-197, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/4vJ8dyp9fLpdtWYKx364Fjs/?lang=pt> . Acesso em 30 nov. 2022.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MONTEIRO, S. A. de S.;MOMESSO, M. R. A Educação Sexual e a Educação para Sexualidade voltadas para adolescentes:Uma leitura discursiva das práticas sociais educativas sobre sexualidade na Educação Básica no Brasil e em Portugal à luz de Michel Foucault. **Revista Humanidades e Inovação**.Tocantins, v.8, n.56, pp.239-255, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6437> . Acesso em 26 out. 2022.

Muller. W. **Pessoas homossexuais**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOTHAFT, S. C. dos S.; ZANATTA, E. A.; BRUMM, M. L. B.; GALLI, K. da S. B.; ERDTMANN, B. K.; BUSS, E.; SILVA, P. R. R. da. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, MG, v.18, n.2, pp. 284-289, 2014. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-25720> . Acesso em 25 out. 2022.

OGO, M. Y.; GODOY. L. P de. **Contato Biologia**. 1.ed. São Paulo: Quinteto, 2016.

ORSO, P. J. Planejamento Escolar em tempos de precarização da educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP. v.15, n.65, pp.265-279, out.2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8642710> . Acesso em 6 mar. 2022.

PINHEIRO, E.C.J. **Condições para o ensino de Ciências da Natureza em Escolas públicas urbanas no município de Vilhena(Ro)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Natureza)-UNIR, Rolim de Moura, RO, p.158, 2022. Disponível em: https://pgecn.unir.br/uploads/76256557/arquivos/Edilene_371468212.pdf . Acesso em 01 nov. 2022.

PINHEIRO, R. L. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, Campinas, S.P, v. 31, pp. e20190041, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8664297> . Acesso em 6 dez. 2022.

QUINTANA, M. **Caderno H**, Porto Alegre: Globo, 1973.

REMÍDO, R. de C. A. **Problematizando o livro didático de biologia: corpo, gênero e sexualidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, MG, p.118, 2020. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/28550/1/texto%20completo.pdf> . Acesso em dez. 2021.

SACRISTÀN, J. G. (org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso,

2013.

SANTOS, S. P.; SILVA, E. P. de Q.; MARTINS, M. M. Educação em Biologia menor. **Instrumento revista de estudo e pesquisa em educação**, Juiz de Fora, MG, v.23, n.2, pp.382- 398, maio/ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/33778> Acesso em 17 fev. 2022.

SENKEVICS, A. S.; POLIDORO, J. Z. Corpo, gênero e ciência: na interface entre Biologia e sociedade. **Revista da Biologia**, [S. l.], v. 9, n.1, pp. 16-21, dez. 2012 Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revBiologia/article/view/108728>. Acesso em 17 jan. 2022.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade. possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, pp. 287-305, jan./fev. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KMSmJfk43rKWcRNHWHfWsfC/?lang=pt> . Acesso em 18 jun. 2021.

TAVARES, B. **Educação Sexual no Programa de Educação Tutorial dos cursos de Ciências Biológicas da UFSC**. TCC (Graduação em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Florianópolis, SC, p. 102, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/199976> . Acesso em 04 mai. 2021.

TOMAZ, R. C.; SOUSA, E. S.S.; BEZERRA, M. A. A.; NETO J. de C.S; ROCHA, A. M. Corpo padrão: um estudo sobre as concepções do corpo feminino exposto pela mídia. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, Recife, PE, v. 7, n. 9, pp. 120-145, jun. 2020. Disponível em: <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/98> . Acesso em 22 nov.2021.

UNESCO. **Orientação técnica internacional na orientação sexual: Uma abordagem baseada em evidências**. Paris: UNESCO, 2018. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unesco/orientacoes_tecnicas_sexualidade_unesco_2014.pdf . Acesso em 11 abr. 2021.

VASCONCELOS, N. de. **Amor e sexo na adolescência**.3 ed. São Paulo:Polêmica,1985.

APÊNDICE A

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CAMPUS DE ROLIM DE MOURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA -
PPGECN**

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, Haryssa Keyko Mine, pesquisadora responsável pelo projeto intitulado **“APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO”** tendo conhecimento das Resoluções 466/12 e 510/16, da Norma Operacional nº. 001/2013 e das Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual (SEI/MS – 0019229966 - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, de 24 de fevereiro de 2021), comprometo-me a: 1) Realizar a pesquisa somente após a aprovação do protocolo pelo CEP; 2) Utilizar os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo; 3) Garantir o sigilo relativo à identidade dos participantes e que estes tenham acesso aos resultados do estudo, bem como que desfrutem, ainda que indiretamente, dos benefícios decorrentes da pesquisa. 4) Informar ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia sobre qualquer tipo de alteração no projeto ou irregulares que venham a incidir negativamente sobre os(as) participantes da pesquisa; 5) Publicar e disponibilizar os resultados da pesquisa ao(às) participantes; 6) Anexar os resultados e relatórios da pesquisa na Plataforma Brasil.

Ji-Paraná, 08, de setembro de 2021.

Haryssa Keyko Mine
Orientanda/Pesquisadora

APÊNDICE B

MODELO DO TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos a pesquisadora Haryssa Keyko Mine, mestranda em Ensino de Ciências da Natureza do Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Rondônia – Campus de Rolim de Moura a desenvolver o seu projeto de pesquisa intitulado, APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO ,vinculada a Linha de Pesquisa: 2 - Formação docente, culturas, saberes e prática das territorialidades e diversidade da Amazônia, sob orientação da professora Dra. Adriane Pesovento e coorientação da professora Dra. Kachia Hedeny Téchio, cujo objetivo é analisar o conteúdo ensinado sobre Educação Sexual no componente curricular biologia no 1º ano do Ensino Médio entre os egressos – estudantes entre os anos de 2015 a 2020 numa perspectiva foucaultiana.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento da pesquisadora aos requisitos da Resolução 466/12 CNS-Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se a mesma a utilizar os dados pessoais dos sujeitos da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados a pesquisadora deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Local, Ji-Paraná, ____/____/_____.

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável pela Instituição ou pessoa por ele delegada

APÊNDICE C

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CAMPUS DE ROLIM DE MOURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA -
PPGECN**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE
PARA OS ALUNOS EGRESSOS**

Prezado(a)

Meu nome é Haryssa Keyko Mine, sou aluna devidamente matriculada sob o n.º 20211000481, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza – PPGECN, da Universidade Federal de Rondônia, sob orientação da Professora Dr. Adriane Pesovento e coorientação da Professora Dr. Kachia Hedeny Téchio.

Você está sendo convidado(a) a participar de forma voluntária da pesquisa intitulada: **APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO.**

Você participará respondendo um questionário e participando de uma entrevista semiestruturada.

Todos os dados coletados serão para uso exclusivo desta pesquisa. Para sanar qualquer dúvida e solicitar de esclarecimentos sobre a pesquisa você podem entrar em contato comigo pelo endereço eletrônico de e-mail: haryssakeykomine2@gmail.com ou pelo telefone/WhatsApp (69) 98136 0829.

Você não terá nenhum custo para participar deste estudo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você também poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

O projeto pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, que tem competência para análise ética de protocolos de pesquisa que envolva seres humanos.

Antes de emitir sua concordância em participar desta pesquisa é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Se for o caso, a pesquisadora poderá tirar todas as suas dúvidas antes de sua decisão.

INFORMES SOBRE O PROJETO E SEUS ASPECTOS ÉTICOS

Pesquisa: APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

Pesquisadora Responsável: Haryssa Keyko Mine

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

Local da coleta de dados: Plataforma do Google Meet de forma on-line (remota) na cidade de Ji-Paraná – RO; com alunos egressos do Ensino Médio.

Objetivo geral: Analisar as narrativas dos ex-alunos(as) do Ensino Médio sobre a Educação Sexual e a sexualidade, a partir das entrevistas.

Objetivos específicos:

- a) fazer uma revisão bibliográfica, dos artigos sobre a temática da Educação Sexual que trazem o aluno(a) como protagonista
- b) Analisar a temática da Educação Sexual nos Planos Políticos Pedagógicos, e nos Planejamentos Anuais dos professores de Biologia, e nos livros didáticos utilizados por ex-alunos(as) do Ensino Médio, de duas escolas participantes;
- c) Conhecer e analisar as narrativas acerca da sexualidade, trazidas pelos participantes e interpretar a partir da teoria dos autores(as) Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró.

Procedimentos: Sua participação na pesquisa é voluntária e consistirá primeiramente em responder de forma individual e ao seu tempo, as perguntas de um questionário sobre os dados gerais do participante, que será disponibilizado on-line e que visa apurar os seguintes elementos: 1) dados gerais do(a) participante: identidade de gênero; faixa etária; estado civil; formação; profissão; em qual ano você estudou o seu 1º ano do ensino médio; em qual escola você cursou o seu ensino médio. 2) Em outro momento, na presença do pesquisador, através da plataforma *Google Meet*, será feita um momento de entrevista com perguntas-guias com o intuito de levantar os principais assuntos relativos ao ensino da educação sexual trazidos em pauta pelos alunos egressos. As perguntas sobre os dados gerais e também as perguntas-guias serão disponibilizadas antecipadamente de forma on-line, possibilitando a análise e decisão de participação voluntária. Os dados coletados serão transcritos e analisados para elaboração da Dissertação do Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Rondônia. Sendo de responsabilidade da pesquisadora o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local e será apagado todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

Riscos: Os riscos identificados para os participantes voluntários desta pesquisa são mínimos, referindo-se a algum desconforto referente ao tempo para responder a entrevista on-line.

Esclarecemos que o participante poderá abster-se de responder a quaisquer perguntas. Saliento que caso se sinta desconfortável durante a participação na entrevista on-line o participante poderá interromper a sua participação, mesmo que sem explicações prévias bastando apenas comunicar-me de forma verbal ou escrita, sem que isso implique em quaisquer prejuízos, direitos a indenizações ou ressarcimento, para nenhuma das partes.

Será assegurado o direito do participante de desistir da sua participação a qualquer momento, sem necessidade de justificativa, bastando para isso informar a pesquisadora, não acarretando-lhe nenhum prejuízo.

Benefícios: A pesquisa pretende contribuir com a abordagem de ensino de biologia e a temática da Educação Sexual no Ensino Médio. Os resultados serão partilhados com a escola e com os participantes. E serão divulgados através de publicações em periódicos, de forma livre e gratuita, poderão servir de base para pautar futuras pesquisas.

Divulgação dos resultados da pesquisa: Os resultados da pesquisa serão utilizados para a produção de artigos e publicações. Também serão disponibilizados aos participantes da pesquisa, para as escolas e a comunidade.

Garantias ao(à) participante: A assinatura deste Termo lhe garante os seguintes direitos: 1) Retirar seu consentimento e terminar sua participação a qualquer momento da pesquisa sem nenhum tipo de ônus e/ou penalização;

2) Ter resguardadas todas as informações que possam ser identificadas como sendo de sua autoria, mesmo depois de concluído o estudo;

3) Ter sua identificação preservada, assim como a garantia do sigilo que assegure a privacidade quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. Os dados e o seu nome não serão divulgados;

4) Pedir, a qualquer tempo, informações sobre esta pesquisa;

5) Ser informado(a) dos resultados parciais e finais do estudo;

6) Solicitar a não inclusão de qualquer informação julgada prejudicial.

Questões Éticas: Qualquer esclarecer dúvida sobre a natureza ética desta pesquisa você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da (CEP), localizado na Sala 216 C, bloco C, 2º Andar, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Campus José Ribeiro Filho, BR 364, Km 9,5 (Sentido Rio Branco/AC), CEP 76801-059, Porto Velho-RO, telefone: (69) 2182-2116, e-mail: cep@unir.br.

Sua participação é fundamental para o sucesso desta pesquisa.

TERMO DE ACEITE

Como participante da pesquisa e após ser informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será sua participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, você declara o seu consentimento para participar da pesquisa intitulada: APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

SIM, DECLARO O MEU CONSENTIMENTO.

NÃO DECLARO O MEU CONSENTIMENTO.

Ji-Paraná – RO. _____ de _____ de _____.

Participante

Pesquisadora – Haryssa Keyko Mine

Orientador - Professora Dr. Adriane Pesovento.

APÊNDICE D

Termo de Compromisso de Utilização de Dados -TCUD

Eu, HARYSSA KEYKO MINE, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza (PGEEN) campus Rolim de Moura, no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “APRENDI NA VIDA, MAS PODERIA TER APRENDIDO NA ESCOLA: NARRATIVAS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE POR EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO”, comprometo-me com a utilização das informações concedidas pelos participantes a fim de obtenção dos objetivos previstos, e somente após receber a aprovação do sistema CEP-CONEP.

Comprometo-me a manter a confidencialidade dos dados coletados, bem como com a privacidade de seus conteúdos.

Declaro entender que é minha a responsabilidade de cuidar da integridade das informações, garantir a confiabilidade dos dados e a privacidade dos indivíduos que terão suas informações acessadas.

Também é de minha responsabilidade não repassar os dados coletados ou o banco de dados em sua íntegra, ou parte dele, às pessoas não envolvidas na equipe de pesquisa.

Por fim, comprometo-me com a guarda, cuidado e utilização das informações apenas para cumprimento dos objetivos previstos na pesquisa aqui referida.

Qualquer outra pesquisa em que eu precise coletar informações será submetida à apreciação do CEP/ENSP.

Ji-Paraná – RO, 08 de setembro de 2021.

Haryssa Keyko Mine

APÊNDICE E

Questionário semiestruturado sobre os dados gerais do(a) participante:

1. Em qual escola você cursou seu Ensino Médio?
 - a. () E. E. E. F. M. Prof. José Francisco dos Santos
 - b. () E. E. M. Jovem Gonçalves Vilela.

2. Idade:

3. Estado civil:
 - a. () solteiro
 - b. () casado
 - c. () separado
 - d. () divorciado
 - e. () viúvo

4. Formação: _____

5. Profissão: _____

6. Em qual ano você estudou o seu 1º ano do ensino médio?

 - a. () 2015
 - b. () 2016
 - c. () 2017
 - d. () 2018
 - e. () 2019
 - f. () 2020

7. Identidade de gênero: _____

APÊNDICE -F

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA

- 1) Fale sobre os assuntos estudados no seu Ensino Médio referente à Educação Sexual, quais você se lembra?
- 2) Sobre os assuntos que você relatou anteriormente do seu Ensino Médio, quais você acredita que foram mais importantes na sua vida e porquê?
- 3) Quais temas ou assuntos da Educação Sexual que você acha que não foram abordados em sala de aula, mas você acredita que seriam importantes para contribuir na sua vida?
- 4) Comente se em alguma circunstância da sua vida, você precisou ter conhecimento de um determinado tema referente à Educação Sexual e percebeu que não tinha aprendido na escola?
- 5) Com relação a pergunta anterior, diga onde você procurou a informação que precisava?
- 6) No período em que você estudou o Ensino Médio, a escola oportunizou alguma atividade extracurricular que você tenha participado ligado ao ensino de Educação Sexual, como palestras por exemplo, fale sobre o que você se lembra.
- 7) Comente alguma situação que tenha ocorrido na sua sala, ou no pátio, na escola de modo geral que ficou marcado na sua memória e estava ligada a alguns assuntos da Educação Sexual/sexualidade.
- 8) Você recorria à professora de biologia nos intervalos ou em outros momentos fora da aula para tirar eventuais dúvidas?
- 9) Na sua época de Ensino Médio, qual era o assunto mais frequente no seu círculo de amizade relativo à sexualidade?
- 10) Você se sentia à vontade durante as aulas para fazer perguntas? Fale um pouco sobre essa situação de perguntas à professora, suas ou dos colegas;

- 11) Na sua adolescência, como você se sentia em relação ao seu corpo?
- 12) Com relação à pergunta anterior, quais eram suas dúvidas no cotidiano?
- 13) Comente sobre como você se sentia em relação à sexualidade.
- 14) Fale sua opinião sobre a maneira que livro didático de Biologia que você utilizou durante primeiro ano do Ensino Médio trazia as informações referentes a Educação Sexual ?
- 15) O que você pensa sobre a transmissão das informações sobre Educação Sexual, comente.
- 16) Você lembra de alguma pergunta que você fez para professora com relação a esse assunto de Educação Sexual?
- 17) Como você acha que poderia ser feito pelo(a) professor(a) para que a Educação Sexual fosse trabalhada em sala de aula de maneira que garantisse um aprendizado que mais se aproximasse da realidade do(a) aluno(a), que fosse mais útil para sua vida?

ANEXO I

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: ANÁLISE DO CONTEÚDO DE BIOLOGIA SOB A ÓTICA DE ALUNOS EGRESSOS EM UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Pesquisador: HARYSSA KEYKO MINE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51931821.6.0000.5300

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.090.749

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa apresentado por Haryssa Keyko Mine, intitulado “EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: ANÁLISE DO CONTEÚDO DE BIOLOGIA SOB A ÓTICA DE ALUNOS EGRESSOS EM UMA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA”, referente à dissertação de mestrado acadêmico em Ensino de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Rondônia (PPGECN-Unir), sob orientação da profa. Dra. Adriane Pesovento e coorientação da profa. Dra. Kachia Téchio.

O estudo será realizado das escolas Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos e Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela, ambas situadas no município de Ji-Paraná, tendo como participantes 20 egressos com mais de 18 anos, que estudaram naquela escola no período de 2015 a 2020, que serão submetidos a aplicação de um questionário e realização de uma entrevista.

O(A) pesquisador(a) apresenta o desenho do estudo: “Esta proposta pretende-se analisar na perspectiva foucaultiana o conteúdo ensinado no componente curricular de biologia no 1º ano do Ensino Médio em comparação com os assuntos mais citados pelos egressos/participantes, que será, uma amostra de 20 egressos com mais de 18 anos, que estudaram naquela escola no período de 2015 a 2020. A problematização se refere: O conteúdo sobre Educação Sexual ensinado no componente curricular biologia, durante o 1º ano do Ensino Médio é adequado para o processo de formação e ensino/aprendizagem dos(as) alunos(as)? O objetivo deste trabalho é analisar o conteúdo ensinado sobre Educação Sexual no componente curricular biologia no 1º ano do Ensino Médio entre os egressos – estudantes entre os anos de 2015 a 2020 em uma perspectiva foucaultiana. Inicialmente a pesquisa consistirá em um levantamento bibliográfico o qual buscará fundamentos teóricos para compreender sobre as temáticas referentes ao ensino da Educação Sexual. Em um segundo momento fará um levantamento sobre os conteúdos relacionados a Educação Sexual trazidos nos livros didáticos de biologia do 1º ano do Ensino Médio nos anos 2015 a 2020, que correspondem as duas últimas escolhas do PNLD. Na terceira etapa será enviado um convite para os egressos das escolas Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Francisco dos Santos e Escola Estadual de Ensino Médio Jovem Gonçalves Vilela, ambas situadas no município de Ji-Paraná. Aqueles que aceitarem participar da pesquisa receberão um questionário via e-mail - Apêndice A. Na quarta etapa serão realizadas entrevistas de forma remota com uso da ferramenta Google Meet, utilizando um guia de perguntas - Apêndice B. Faremos uma pesquisa documental sobre possíveis atividades extracurriculares ligadas ao ensino de Educação Sexual foram realizadas nas duas escolas durante o período de 2015 a 2020. O trabalho tem como característica possuir uma pesquisa com método colaborativo em uma classificação aplicada, de abordagem qualitativa, descritiva. Faremos contato on-line, através de e-mails / WhatsApp / Google Meet, com os supervisores da escola, para poder explicar sobre a pesquisa, e verificar se houve na instituição do período de 2015 a 2020 alguma atividade de extensão desenvolvida no âmbito da Educação Sexual. Após aprovação do projeto de pesquisa pelo CEP, realizaremos convites de forma virtual, através do e-mail, para a participação na pesquisa e cada participante poderá indicar outro participante, utilizando assim o método bola de neve para encontrar a amostra, obedecendo os critérios de inclusão. O termo -TCLE será enviado para o participante através de e-mail, para que ele realize a leitura de modo particular e decida sobre a participação. Depois de assinados os TCLE dos participantes, iniciaremos a coleta de dados por meio de questionário estruturado, com perguntas fechadas e abertas, de modo remoto via e-mail. Em seguida realizaremos a entrevista semiestruturada, na modalidade remota, através da ferramenta Google Meet, para

conhecer os assuntos ensinados sobre Educação Sexual que foram mais marcantes na memória dos participantes, os que eles consideram importantes na sua vida e algum tema que gostariam de ter aprendido. Após a aplicação dos questionários e a realização das entrevistas, estaremos de posse dos dados e faremos a triangulação dos mesmos.

As informações serão analisadas de acordo com o referencial teórico, principalmente em Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró. Critérios de inclusão; Ter mais de 18 anos; Ter cursado o Ensino Médio na E.E.E.M. Jovem Gonçalves Vilela ou E.E.E.F.M. José Francisco dos Santos; Ter assinado o TCLE..A pesquisa pretende contribuir com a abordagem do ensino de biologia e a temática da Educação Sexual no Ensino Médio. Os resultados serão partilhados com a escola e com os participantes. E serão divulgados através de publicações em periódicos, de forma livre e gratuita, poderão servir de base para pautar futuras pesquisas.”

(As informações elencadas aqui foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Analisar o conteúdo ensinado sobre Educação Sexual no componente curricular biologia no 1º ano do Ensino Médio entre os egressos – estudantes entre os anos de 2015 a 2020 em uma perspectiva foucaultiana.

Objetivos específicos

- a) Investigar os conteúdos relativos à Educação Sexual ensinados no Ensino Médio dentro do componente curricular biologia, correspondente ao período em que os participantes estudaram (2015 - 2020);
- b) Conhecer os assuntos mais citados dentre os trazidos em pauta pelos participantes;
- c) Analisar a partir da teoria de base dos autores Michel Foucault, Guacira Lopes Louro e Mary Neide Damico Figueiró, os dilemas evidenciados pelos estudantes quanto ao assunto Educação Sexual.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

- a) Os riscos de execução do projeto estão claros e bem avaliados pelo pesquisador(a), sendo assim apresentados: "Os riscos identificados para os participantes voluntários desta pesquisa são mínimos, referindo-se a algum desconforto referente ao tempo para

responder a entrevista de modo remoto. Esclarecemos que o participante poderá abster-se de responder a quaisquer perguntas. Saliento que caso se sinta desconfortável durante a participação na entrevista on-line o participante poderá interromper a sua participação, mesmo que sem explicações prévias bastando apenas comunicar-me de forma verbal ou escrita, sem que isso implique em quaisquer prejuízos, direitos a indenizações ou ressarcimento, para nenhuma das partes. Será assegurado o direito do participante de desistir da sua participação a qualquer momento, sem necessidade de justificativa, bastando para isso informar a pesquisadora, não acarretando-lhe nenhum prejuízo."

- b) os benefícios oriundos da execução do projeto justificam os riscos corridos, apesar de não serem benefícios diretos aos participantes, sendo assim apresentados: "A pesquisa pretende contribuir com a abordagem do ensino de biologia e a temática da Educação Sexual no Ensino Médio. Os resultados serão partilhados com a escola e com os participantes. E serão divulgados através de publicações em periódicos, de forma livre e gratuita, poderão servir de base para pautar futuras pesquisas."

(As informações elencadas aqui foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estruturação do projeto em relação aos aspectos éticos:

- (x) Permite análise adequada das questões éticas

Os objetivos são claros e exequíveis considerando metodologia e cronograma.

Outras observações - (As informações elencadas aqui foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa e/ou do Projeto Detalhado):

Cronograma - coleta de dados: envio dos questionários online a partir de janeiro de 2022.

Orçamento financeiro: R\$ 856,48 (recursos próprios)

Amostra/participantes: 20

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – presente e adequado;

Termo de Compromisso para Utilização de Dados e Prontuários (TCUD) – presente e adequado;

Termo de Anuência Institucional (TAI) – presentes e adequados, referente às duas escolas de origem dos egressos que serão participantes da pesquisa;

Folha de rosto – presente e adequada, assinada pela diretora do Campus de Rolim de Moura;

Projeto de pesquisa completo e detalhado – presente e adequado;

Declaração de compromisso do pesquisador(a) – presente e adequada.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendação de aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

OBSERVAÇÃO: Todos os projetos submetidos ao CEP/NUSAU/UNIR são avaliados com base na Resolução 466/12, Resolução 510/16 (quando pertinente) e nas Normas Operacionais emanadas da CONEP.

PROTOCOLO APROVADO

1. De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n. 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais - a contar da data de aprovação do protocolo - que permitam ao CEP acompanhar o desenvolvimento do projeto. Esses relatórios devem conter as informações detalhadas - naqueles itens aplicáveis - nos moldes do relatório final contido no Ofício Circular n. 062/2011: conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.htm, bem como deve haver menção ao período a que se referem. Para cada relatório, deve haver uma notificação separada. As informações contidas no relatório devem ater-se ao período correspondente e não a todo o período da pesquisa até aquele momento. Acessar no site do CEP/UNIR o modelo recomendado: <http://www.cep.unir.br/>
2. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, identificando-se, por cor, negrito ou sublinhado, a parte do documento a ser modificada, isto é, além de apresentar o resumo das alterações, juntamente com a justificativa, é necessário destacá-las no decorrer do texto (item 2.2.H.1, da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1822821.pdf	09/09/2021 19:45:32		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.PDF	09/09/2021 19:37:49	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_HARYSSA_K_MINE.pdf	09/09/2021 19:36:59	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Outros	TCUD.pdf	09/09/2021 15:24:09	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	09/09/2021 15:23:53	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	09/09/2021 15:23:38	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisador.pdf	09/09/2021 15:23:24	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Cronograma	Cronograma1.pdf	09/09/2021 15:23:03	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Outros	CARTA_ANUENCIA_DIRETORIA_ESCOLA.pdf	09/09/2021 15:21:26	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito
Outros	CARTA_ANUENCIA_DIRECAO_ESCOLA.pdf	09/09/2021 15:21:12	HARYSSA KEYKO MINE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO VELHO, 09 de novembro de 2021

Assinado por:

Elen Petean Parmejiani (Coordenador(a))